

**PESQUISA CARTOGRAFIAS DAS JUVENTUDES  
– O QUE OS JOVENS CONTAM**

**RELATÓRIO FINAL**

**Fortaleza / Ceará**

**2017**

**PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA**

Prefeito - Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra

Vice-Prefeito - Moroni Bing Torgan

**COORDENADORIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE**

Secretário Municipal de Juventude - Júlio Brizzi Neto

Coordenadora Adjunta - Viviane Andrade Rocha

Coordenador da Unidade de Gerenciamento de Programas Especiais  
UGP/PIPPJ - Robson Torres Bandeira

**ZAYTEC BRASIL**

**COORDENAÇÃO GERAL**

Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita

Camila Holanda Marinho

**ESTATÍSTICO**

Inácio José Bessa Pires

**SUPERVISÃO DE CAMPO**

Norma de Oliveira Silva

**TRATAMENTO DE DADOS QUANTITATIVOS**

Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita

Camila Holanda Marinho

Maria Gomes Fernandes Escobar

Inácio José Bessa Pires

Norma de Oliveira Silva

Antônio Salim Sales Pinheiro

**MEDIADORA GRUPOS FOCAIS**

Nazareth Barcellos

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO DO PREFEITO DE FORTALEZA

### APRESENTAÇÃO DO SECRETÁRIO DE JUVENTUDE

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA</b>	<b>17</b>
	3.1. Perfil dos jovens de Fortaleza	17
	3.1.1. Vida escolar: desafios e experiências dos jovens na escola.....	23
	3.2 Relações familiares e estrutura habitacional.....	29
	3.3. Situação do jovem no mercado de trabalho.....	46
	3.3.1. Taxa de desemprego aberto dos jovens.....	49
	3.3.2. Jovens desocupados.....	52
	3.3.3. Jovens ocupados.....	56
	3.4. Meios de Informação.....	69
	3.5. Política e participação social .....	73
	3.6. Interesses, preocupações e valores.....	79
	3.7. Saúde e sexologia.....	92
	3.8. Saúde – substâncias Psicoativas.....	109
	3.9. Práticas culturais e de lazer dos jovens.....	124
	3.10. Violência e segurança pública: proteção ou repressão?.....	132
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES</b>	<b>138</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>143</b>

## APRESENTAÇÃO DO PREFEITO DE FORTALEZA

A Prefeitura Municipal de Fortaleza instituiu, por meio da Rede Cuca, toda a plataforma de projetos sociais mais relevantes para a juventude atualmente em execução nossa Capital. Com os três Cucas, localizados nos Bairros Jangurussu, Mondubim e Barra do Ceará, jovens com idade entre 15 e 29 anos têm à disposição atividades esportivas, culturais, de lazer e de capacitação.

E para conhecer melhor o perfil dos jovens fortalezenses, de modo a aproximar cada vez mais as políticas públicas ofertadas à realidade e às necessidades da nossa juventude, foi realizada a pesquisa Cartografia das Juventudes – O que os jovens contam.

Conhecer melhor o perfil dos jovens certamente ajudará muito o nosso Município no planejamento e na formulação de novas políticas públicas e serviços que possam estar sintonizados com as demandas da juventude, permitindo mais acesso e maior engajamento.

Mais de 1.800 jovens das sete Regionais de Fortaleza puderam falar sobre suas principais demandas em relação aos serviços públicos.

Na pesquisa foram avaliados ainda dados socioeconômicos e educacionais, além de ouvir dos jovens o que eles pensam sobre os principais desafios do País.

Os dados revelam os enormes desafios que ainda estão por vir, mas apresentam também grandes esperanças com os resultados obtidos em relação aos jovens que são atendidos pelos projetos da Rede Cuca, que melhoram no rendimento escolar, nas suas habilidades emocionais e de socialização e, tocados por novas percepções, enxergam possibilidades de assegurar um futuro com mais dignidade e aproveitam as oportunidades para transformar seus sonhos em realidade.

Com tantos acertos, o nosso papel é ampliar a atuação de toda a Rede Cuca. Iremos ampliar o atendimento com novas unidades, inaugurando pelo menos dois novos Cucas que serão incorporados à Rede, desta vez nos bairros José Walter e Pici, para que possamos aumentar, cada vez mais, as oportunidades para a nossa juventude, garantindo um futuro mais promissor àqueles que devem ditar os rumos da nossa Fortaleza.

Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra

Prefeito de Fortaleza

## **APRESENTAÇÃO DO SECRETÁRIO DE JUVENTUDE**

Fortaleza registra mais de 730 mil jovens, pessoas que estão entre 15 e 29 anos, o que equivale a quase 30 % da população da cidade. A Rede Cuca, como o maior projeto de juventude da cidade, está situada atualmente nos bairros Barra do Ceará, Mondubim e Jangurussu, locais onde está concentrada a maior parte dos jovens da capital, cerca de 400 mil.

Não por acaso, os três equipamentos estão localizados, estrategicamente, em áreas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano – IDH da cidade. Nesse contexto, uma das diretrizes é ofertar possibilidades de formação, lazer e proteção social, além de dialogar permanentemente com esse público na construção conjunta da política pública de juventude.

Sabemos dos desafios que a juventude enfrenta no cotidiano e, para além da Rede Cuca, desenvolvemos outros projetos que também alcançam jovens de toda parte da cidade e que oferecem outras possibilidades de educação, lazer e esporte.

Mais de dez anos depois da última pesquisa cartográfica realizada com esse público, decidimos que precisávamos atualizar esses dados e informações para podermos trabalhar e pensar projetos ainda mais eficazes para a realidade atual. Em abril de 2017, foram ouvidas mais de 1.800 jovens em todas as Regionais da cidade. Na pesquisa, foi observado o perfil socioeconômico, as relações com as famílias, a escolaridade, o trabalho, as concepções sobre política e participação, as preocupações, os valores, a saúde, a sexualidade, a cultura, a violência e segurança pública.

Na cidade, muito avançamos. Mas sabemos que não podemos parar os investimentos. Desde o início da nossa gestão, Fortaleza ganhou Areninhas, estações de bicicleta compartilhada e reforma de praças, por exemplo, que atinge diretamente os jovens da capital. Na área da Educação, como destaque, podemos citar a criação de escolas de tempo integral e a implantação do projeto Academia Enem, que atendeu mais de 47 mil jovens até 2017.

Contudo, a pesquisa aponta dados que mostram que precisamos continuar investindo na juventude de Fortaleza e que é missão do poder público olhar e apoiar os jovens da cidade.

Júlio Brizzi Neto

Secretário de Juventude de Fortaleza

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu da necessidade de mapear como vivem os jovens de Fortaleza. O objetivo era conhecer, identificar e mapear a juventude para compreender seu modo de pensar e agir, assim como, sua principal demanda de políticas públicas. A pesquisa coletou dados quantitativos e qualitativos, com jovens de idade de 15 a 29 anos, das seis regionais da cidade e no Centro. O processo foi domiciliar - em sua primeira fase. Depois foram formados 8 (oito) grupos focais com esse público, para ouvi-los e melhor avaliá-los.

A presente pesquisa foi uma iniciativa da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude – CEPPJ, cujo objetivo é conhecer, identificar e mapear as juventudes, a fim de propiciar a compreensão das demandas e anseios dessas juventudes. A pesquisa constitui um amplo diagnóstico da condição juvenil na cidade de Fortaleza, envolvendo as diversas dimensões que compõem a vida dos jovens, bem como uma comparação de seus resultados com os da pesquisa Retratos da Fortaleza Jovem, realizada em 2006.

Um grande esforço foi constituído no domínio da Sociologia da Juventude, para teorizar os comportamentos desses jovens, focando muitas vezes no discurso da juventude como um problema social. Foi em meados de 1920, nos Estados Unidos, a partir de um estudo sobre gangues, que se relacionou juventude à violência. Os anos 60, pós-guerra, revelaram o aparecimento de agrupamentos juvenis de contracultura, de *rock'n'roll*, movimento estudantil, que eternizaram o jovem como rebelde, de forma a intensificar essa característica.

Ainda temos muito presente essa imagem, quando o assunto é juventude. Contudo, precisamos, inicialmente, compreender que as formas de constituição desses jovens são múltiplas e as mais diversas possíveis. Este perfil, sobretudo, não se verifica em faixas etárias fixas e limitadas, mas é um modo de ser próprio de determinados indivíduos, da maneira como experimentam e se organizam nos espaços urbanos. Contudo, para melhor

sistematizar esta pesquisa, a faixa etária delimitada de acordo com o contrato nº 15/2016, firmado para esta pesquisa, foi de 15 a 29 anos. Essa concepção foi estabelecida baseada no Estatuto da Juventude, Lei nº 12852/2013, que assim avalia: “Para os efeitos da Lei, são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”.

Quando pesquisamos juventude, compreendemo-la como uma categoria social assim definida:

“[...] a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo é uma situação vivida em comum por certos indivíduos [...] as definições de juventude passeiam por dois critérios principais, que nunca se conciliam realmente: o critério etário (herdeiro das primeiras definições fisiopsicológicas) e o critério sociocultural.” (GROPPO, 2000, pp.8-9).

As concepções de juventude que atentam ao critério etário e a delimitam de acordo com faixas de idade ficaram relativamente no passado. A tendência atual dos estudos sobre juventude relativiza esse período e a noção de que para definir o jovem devem-se considerar as interseccionalidades como o gênero, a classe social e a raça-etnia; ou seja, as múltiplas possibilidades de viver as juventudes. É preciso estar atento para esses fatores que possibilitam vivências diferenciadas.

Novaes (2008) reforça essa ideia de que juventude não pode ser fixada por limites de idade:

“Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, ao mesmo tempo, o aumento de expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho permitem que parte deles possa alargar o chamado tempo da juventude até 29 anos. Com efeito, qualquer que seja a “faixa etária” estabelecida, jovens da mesma idade vão sempre viver juventudes diferentes.” (NOVAES, 2008, p.122).

É importante lembrar que o recorte de classe é aquele que mais evidencia a desigualdade da juventude. Principalmente no que remete à vivência da relação escola-trabalho. A autora avalia que o momento no qual os jovens começam a estudar e trabalhar reflete a fenda existente entre mundos

juvenis diferentes. O endereço também é um diferenciador crucial para essas experiências, a saber:

“[...] Para a maioria da juventude brasileira que vive nas grandes cidades, há ainda outro critério de diferenciação: o endereço. Para as gerações passadas esse critério poderia ser apenas um indicador de estratificação social, indicador de renda e mesmo de pertencimento de classe. Hoje, o endereço não é apenas um indicador de subalternidade econômica ou estratificação social. Certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e a polícia.” (NOVAES: 2008, p. 122).

Parte significativa dos jovens que foram pesquisados vive nas franjas da sociedade fortalezense, em bairros estigmatizados como sendo de grande violência, tráfico de drogas e extrema pauperização, o que demanda um olhar diferenciado para compreender como vive e pensa esse jovem pobre, negro e de periferia, que demanda políticas mais específicas para sua assistência.

Um dos objetivos importantes desta pesquisa foi fazer um comparativo dos dados obtidos há 10 anos, pela pesquisa *Retratos da Fortaleza Jovem*, focando nos seguintes aspectos: analisar o perfil socioeconômico e condição familiar, percepções e valores sobre educação, trabalho, saúde, drogas, cultura, lazer, esportes, gênero e sexualidade, política e cidadania, políticas públicas e violência, dentre outros aspectos. Naquele momento, meados de 2006, foram traçados importantes indicadores de impacto sobre a população jovem da cidade, que serviram de parâmetros para a análise da pesquisa agora levada a cabo, quais sejam: 71,2% de gravidez não planejada entre jovens; 42,1% de desemprego entre os jovens de 15 a 29 anos; 42,9% haviam abandonado a escola e 77,6% não se envolvia em atividades comunitárias.

Nesse sentido, a atual pesquisa visa a contribuir para o desvelamento dessa realidade das juventudes de Fortaleza que vivem nas periferias da cidade. E encontramos esses jovens sonhando em morar nos bairros de maior Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, como Aldeota e Meireles; não querem viver nas comunidades estigmatizadas, a exemplo do bairro Bom Jardim e Pirambu, porque esses locais carregam as marcas da

violência, do perigo, do tráfico de drogas. Jovens que se autoidentificam como pardos ou negros (71,4%), enquanto 21,8% como brancos.

No que diz respeito à escola, 90,9% dos jovens estudaram em escolas públicas. Contudo, os dados revelam que 66,3% estão fora da escola nesse momento, sendo o universo masculino representado por 64,2% dos jovens e o feminino por 68,1%. Os motivos do abandono escolar foram: trabalho e gravidez. Ambas as situações apareceram como difíceis de serem articuladas no cotidiano desses jovens pobres, uma vez que não possuem condições financeiras e emocionais para lidarem com tais condições. Não obstante, a maior parte dos jovens chegou ao Ensino Médio - 33,7% possui o Ensino Médio completo e 26,5 % o Ensino Médio incompleto. Outro dado importante é que a taxa de desemprego dos jovens entrevistados é de 51,8%; sendo 46,15% desta composta de homens e 57,6% de mulheres.

A maioria dos jovens - nessa idade de 15 a 29 anos - mora com a família (97,3%); entendendo-se a relevância da família para esses jovens como lugar de apoio para as dificuldades da vida, de solidariedade entre seus membros, constituídos das mais diversas formas, conforme mostra a pesquisa.

Acerca dos meios de informações dos quais os jovens mais se apropriam, destacam-se a internet (85,9%), seguida da televisão. Eles usam diariamente a internet, sendo a rede social de maior acesso o *Facebook*, seguida de *WhatsApp*. Em contraponto a esse dado, que mostra a grande mobilização da juventude nas redes sociais, 73,5% dos jovens do sexo masculino e 66,4% das jovens, afirmam não participar de nenhuma entidade como associações e partidos nem de outros modelos de mobilização social.

Tais dados apresentados são revelados e analisados em associação com tantos outros, que mostram o que pensam e como vivem os jovens de Fortaleza. Para tanto, usamos tabelas<sup>1</sup>, além de referenciar as análises e as falas dos jovens pesquisados, a partir de tópicos específicos. Após a análise, seguimos com as considerações finais e referencial bibliográfico utilizado.

---

<sup>1</sup> Obs. Algumas tabelas não constam no relatório descritivo, entretanto todos os dados gerados foram analisados.

## **2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

### **2.1 Pesquisa Quantitativa**

#### **Considerações Gerais**

A formação da base empírica da pesquisa se deu de duas maneiras. Na primeira, a partir das informações do censo demográfico do ano de 2010, identificou-se a população jovem, ou seja, aquela nas faixas de 15 a 19 anos, 20 a 24 anos e de 25 a 29 anos, de acordo com o gênero. Numa segunda etapa, procedeu-se à formação da base empírica, a partir de um levantamento domiciliar, por amostragem, preservando-se todas as características da população.

Sobre a formação do painel amostral, os bairros foram adrede relacionados, levando-se em consideração as 40 localidades de Fortaleza de maior densidade demográfica, no tocante à população jovem.

Considerando-se os aspectos acima mencionados, dispõe-se a seguir os painéis I, II e III. No primeiro, registra-se a população residente por regional, a partir das informações do censo de 2010 e de acordo com as variáveis mencionadas anteriormente. No segundo, para as mesmas variáveis, apresenta-se o painel amostral, com representação estatística em nível da cidade de Fortaleza, estimando-se, dessa forma, uma amostra de 1.842 questionários, a serem aplicados nas seis regionais que compõem a Cidade de Fortaleza e mais no bairro do Centro da referida metrópole. Especificamente no painel III, registra-se o número de questionários aplicados, segundo as variáveis mencionadas.

#### **Cálculo da Amostra**

Especificamente sobre o cálculo da amostra, adotou-se um modelo casual proporcional, levando-se em consideração os seguintes parâmetros: um nível de confiança de 95%, um erro de amostragem de 2,3% e uma variância máxima de 0,25, tendo-se como referência uma proporção de 50%.

## Distribuição Proporcional da Amostra

Tratando-se da distribuição proporcional da amostra, por sexo, faixa etária e regional, adotou-se a seguinte expressão:

$$n_{i,j,R} = [(n_{i,j,R}) / (\sum n_{i,j,R})] \times n_R$$

Onde:

$n_{i,j,R}$ : Tamanho da amostra de jovens por sexo (i); da faixa etária: j = 15 a 19; 20 a 24 e de 25 a 29, da regional R: Centro, 1, 2, 3, 4, 5 e 6;

$n_{i,j,R}$ : Número de jovens do sexo i; da faixa de idade j, da regional R;

$\sum n_{i,j,R}$ : Soma do número de jovens do sexo i; da faixa etária j e da regional R;

$n_R$ : Amostra estabelecida para a regional R.

## Distribuição Espacial da Amostra

A seguir, listam-se os 40 bairros que compõem o painel amostral de acordo com a respectiva regional, incluindo-se, isoladamente, a regional do Centro de Fortaleza.

### Regional do Centro de Fortaleza

**Regional I:** Cristo Redentor, Barra do Ceará, Jardim Iracema, Carlito Pamplona e Vila Velha.

**Regional II:** Aldeota, Joaquin Távora, São João do Tauape, Meireles, Cais do Porto, Cocó e Vicente Pinzón.

**Regional III:** Pici, Antônio Bezerra, Henrique Jorge, Quintino Cunha, Bom Sucesso e Bela Vista.

**Regional IV:** Serrinha, Parangaba, Montese, Bairro de Fátima, Itaperi e Vila União.

**Regional V:** Granja Lisboa, Mondubim, Genibaú, Canindezinho, Bom Jardim, Granja Portugal e José Walter.

**Regional VI:** Barroso, Cidade dos Funcionários, Edson Queiroz, Jardim das Oliveiras, Messejana, Sapiranga/Coité, Conjunto Palmeiras, Lagoa Redonda, Parque dois Irmãos.

### PAINEL I

#### População residente em Fortaleza, segundo a faixa etária e o gênero, dos bairros integrantes da amostra, por Regional - 2010

Regionais	15 a 19		20 a 24		25 a 29		Subtotal		Total
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
Centro	1.053	1.108	1.515	1.673	1.456	1.574	4.024	4.355	8.379
I	8.889	9.120	9.642	10.259	9.021	9.561	27.552	23.940	51.492
II	5.300	5.894	7.952	8.711	7.960	8.310	21.212	22.915	44.127
III	7.552	7.829	8.065	8.540	7.495	7.982	23.112	24.351	47.463
IV	5.526	5.628	6.546	7.298	6.343	7.333	18.415	20.250	38.665
V	15.766	16.325	16.141	17.037	14.956	16.031	46.863	49.393	96.256
VI	13.253	14.433	14.086	16.166	13.302	14.813	40.641	45.402	86.043
Total	57.339	60.237	63.947	69.684	60.533	65.604	181.819	190.606	372.425

Fonte: Pesquisa indireta - Censo 2010.

### PAINEL II

#### Painel amostral, segundo a faixa etária e o gênero, por regional

Regionais	15 a 19		20 a 24		25 a 29		Subtotal		Total
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
Centro	03	03	04	05	04	03	11	11	22
I	37	38	40	43	49	54	126	135	261
II	33	32	41	47	41	46	115	125	240
III	42	45	46	48	41	48	129	141	270
IV	27	28	33	36	32	36	92	100	192
V	69	71	69	73	63	67	201	211	412
VI	66	73	70	84	74	78	210	235	445
Total	277	290	303	336	304	332	884	958	1.842

Fonte: Elaboração própria.

Observação: A amostra foi construída a partir da população dos 40 bairros, selecionados em função da maior incidência populacional de jovens por regional, nas referidas faixas etárias e gênero. Inclui-se nesse contexto, isoladamente, o bairro do Centro de Fortaleza.

O painel III apresenta o número de questionários aplicados, levando-se em consideração a faixa etária e o sexo, cumprindo-se o que foi estabelecido na descrição metodológica da pesquisa de campo, especificamente no enfoque quantitativo.

### PAINEL III

#### Questionários aplicados, segundo a faixa etária e o gênero, por regional

Regionais	15 a 19		20 a 24		25 a 29		Subtotal		Total
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
Centro	03	03	04	05	04	03	11	11	22
I	37	38	40	43	49	54	126	135	261
II	33	32	41	47	41	46	115	125	240
III	42	45	46	48	41	48	129	141	270
IV	27	28	33	36	32	36	92	100	192
V	69	71	69	73	63	67	201	211	412
VI	66	73	70	84	74	78	210	235	445
Total	277	290	303	336	304	332	884	958	1.842

Fonte: Elaboração própria.

#### Software de processamento de dados

Os dados coletados foram processados através do software estatístico IBM SPSS *Statistics 20*.

#### 2.2 Pesquisa Qualitativa

Especificações: estudo qualitativo de caráter exploratório, através da técnica de grupos focais, visando detectar aspectos objetivos e subjetivos que norteiam o *modus vivendi* da juventude fortalezense.

População Pesquisada: jovens moradores de Fortaleza, na faixa etária de 15 a 29 anos, de ambos os sexos, de diferentes profissões/ocupações (incluindo desempregados ou que somente estudem), pertencentes às diversas classes sociais, moradores de diversos bairros e regiões.

Distribuição dos Grupos: foram realizadas 8 (oito) discussões em grupos, nos dias 20 e 21 de junho de 2017, distribuídas da seguinte forma:

- Grupo misto de 15 a 17 anos – A/B
- Grupo misto de 15 a 17 anos – C/D
- Grupo misto de 18 a 19 anos – A/B
- Grupo misto de 18 a 19 anos – C/D
- Grupo misto de 20 a 24 anos – A/B
- Grupo misto de 20 a 24 anos – C/D

- Grupo misto de 25 a 29 anos – A/B
- Grupo misto de 25 a 29 anos – C/D

Obs.: Os grupos tiveram uma distribuição equitativa entre as 6 (seis) regionais e o bairro Centro, de modo a contemplar as mais diversas localidades.

Cada grupo foi composto por um mínimo de 8 (oito) e um máximo de 9 (nove) participantes, selecionados através de fichas de recrutamento. As reuniões aconteceram em sala de espelho, com gravação em áudio e vídeo e foram moderadas através de um roteiro.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

#### 3.1 Perfil dos jovens de Fortaleza

Pensar a juventude de Fortaleza no desenrolar do Século XXI, seus desafios e perspectivas, nos leva a considerar esse grupo, antes de tudo, a partir de sua condição juvenil. Por condição juvenil, Helena Abramo<sup>2</sup> (2005) entende como uma etapa do ciclo de vida entre a infância, o tempo da primeira fase do desenvolvimento físico, emocional e intelectual; e a primeira forma de socialização basicamente orientada pela família, que deveria protegê-la e orientá-la para a fase adulta.

Em tese, a juventude é considerada a fase de desenvolvimento pleno, no que diz respeito a exercício das dimensões de produção (sustentar a si próprio e a outros), reprodução (gerar e cuidar dos filhos) e participação (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade). Todavia, a autora destaca que é importante considerar que os conteúdos, a duração e o significado social desses atributos nessa fase da vida são culturais e históricos e que a juventude nem sempre aparece como uma etapa singularmente demarcada como de grandes feitos.

Viver a sua juventude em Fortaleza e nos tempos atuais colocam os jovens diante de desafios diversos. Ser jovem possibilita uma multiplicidade de sentidos e representações sobre a sua condição social. Ao serem indagados sobre isso em um Grupo Focal, eles responderam:

*“Na boca de muita gente somos um problema, somos taxados de fazer coisas erradas e somos tratados como adolescentes... Eles acham que a gente é idiota.” (15 a 17 - CD);*

*“Ser jovem é legal, mas no sentido político me sinto desvalorizado... o mais importante é viver, temos que experimentar para saber se gostamos ou não, isso é que é ser jovem.” (15 a 17 - AB);*

*“Para muita gente, a gente é um problema. Falam que está na fase da aborrecência, que só faz coisa errada. Isso chateia, sim.” (15 a 17 - CD)*

---

<sup>2</sup> ABRAMO. Helena; BRANCO, Pedro Paulo M. (org.) Retratos da Juventude Brasileira. Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

*“Para ser valorizado, dou a minha opinião para a minha mãe e vou sempre contra a opinião dela.” (15 a 17 – AB)*

*“A juventude tem muita voz. Valorizado, nem tanto... Pelo menos os pais têm que escutar. Eles se importam muito com o que a gente fala, mas não sei se eles escutam. Não sei o que pensam.” (18 a 19 - AB)*

*“O jovem de hoje é o futuro de amanhã... Mas a gente tem que se impor para a família, se colocar, por mais que seus objetivos não sejam o que a sociedade quer que você tenha... Alguns desde cedo se deixam levar e se acomodam pelas decisões dos pais, mas chega um ponto que isso pesa.” (20 a 24 - AB)*

*“O jovem não é valorizado, não tem saúde, educação, segurança... Na verdade, a sociedade não valoriza muito, a situação financeira é que é valorizada. O jovem consome mais, a propaganda é para ele.” (25 a 29 - AB)*

*“A família, eles querem ver resultado rápido, se não passa no vestibular de primeira já é pressionado. A maior pressão psicológica da minha casa foi vestibular.” (20 a 24 - AB)*

Considerando as diversidades das culturas juvenis na Cidade, esta pesquisa entrevistou jovens de 15 a 29 anos, em um universo de 1.842 entrevistados(as), sendo 47% do sexo masculino e 53% do sexo feminino. Sobre a idade, segundo o sexo dos entrevistados, a tabela abaixo destaca:

**Tabela 1**  
**Jovens de acordo com sua idade, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Faixa etária	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
15 - 19 anos	31,9	30,3	31,1
20 - 24 anos	35,1	35,5	35,3
25 - 29 anos	33,0	34,2	33,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Quando indagados sobre a cor ou a raça na qual se identificam, os jovens entrevistados responderam que 71,4% são pardos ou pretos e 21,8% brancos, conforme a tabela abaixo:

**Tabela 2**  
**Jovens de acordo com a sua cor ou raça, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Cor ou raça	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Branca	22,6	21,1	21,8
Preta	13,4	10,0	11,6
Amarela	2,0	2,8	2,4
Parda	57,7	61,7	59,8
Indígena	1,0	0,3	0,7
Outra	2,8	3,6	3,2
Não soube responder	0,5	0,5	0,5
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa direta.

Sobre o estado civil dos entrevistados, 73,6% do sexo masculino e 60,5% do sexo feminino responderam que são solteiros(as). Já aqueles que estão em uma relação firme, portanto, ou casados, ou em uma união estável ou morando junto, os jovens do sexo feminino estão em maior número: 37,2%; enquanto que, 25,8% são do sexo masculino, conforme aponta a tabela abaixo:

**Tabela 3**  
**Jovens de acordo com o estado civil, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Estado civil	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Solteiro	73,6	60,5	66,6
Casado	9,1	12,5	10,9
Separado ou divorciado	0,3	1,1	0,8
Mora junto	13,5	19,7	16,8
União estável	3,2	5,0	4,2
Viúvo	0,1	0,5	0,3
Não respondeu	0,2	0,7	0,4
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa direta.

No que diz respeito às práticas religiosas, no caso dos jovens entrevistados, a tabela abaixo revela que 45,1% afirmaram ser católicos, 35,6% evangélicos e 16,2% admitiram que não possuem uma religião, mas acreditam em Deus:

**Tabela 4**  
**Jovens de acordo com a religião / espiritualidade/crenças, segundo o**  
**sexo – Fortaleza – março/2017**

Religião/espiritualidade/ Crenças	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Católica	43,1	46,8	45,1
Evangélico	33,5	37,4	35,6
Espírita	0,7	0,6	0,7
Umbanda	0,3	0,3	0,3
Candomblé	0,1	0,2	0,2
Budista	0,0	0,0	0,0
Hinduísta	0,0	0,0	0,0
Judaísmo	0,0	0,1	0,1
Islamismo	0,1	0,0	0,1
UDV	0,0	0,0	0,0
Santo Daime	0,0	0,0	0,0
Barquinha	0,0	0,0	0,0
Hare Krishna	0,0	0,0	0,0
Ateísmo	0,8	0,6	0,7
Sem religião, mas acredito em Deus	19,9	13,4	16,2
Tenho mais de uma crença religiosa	1,0	0,2	0,6
Não respondeu	0,5	0,4	0,4
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Portanto, nota-se que os dados sobre o perfil dos jovens de Fortaleza entrevistados nesta pesquisa enunciam – a partir de seus reconhecimentos individuais – que eles e elas são jovens pardos(as) ou negros(as), solteiros(as) e, em sua maioria, integrantes da religião católica.

Os dados acima dialogam com a pesquisa “*Agenda Juventude Brasil 2013*” realizada pela Secretaria Nacional da Juventude, na qual os jovens responderam que 60% são pardos e negros, 34% brancos, 66% solteiros. E no que diz respeito à religiosidade, 56% são católicos, 27% evangélicos e 15% afirmaram não ter religião, mas acreditam em Deus.

<sup>3</sup> Pesquisa realizada com 3.300 jovens com idade de 15 a 29 anos, residentes em 187 municípios, estratificados por localização geográfica (áreas urbanas e rurais) em municípios de pequeno, médio e grande porte.

Na pesquisa “*Retratos da Fortaleza Jovem*”<sup>4</sup>, realizada pela Prefeitura Municipal de Fortaleza em 2006, o perfil dos jovens entrevistados era: 59,9% pardos e negros, 74% solteiros, 63,6% pertencentes à religião católica, sendo 10,8% evangélicos/protestantes. Observa-se um aumento nos índices de reconhecimento relativos à cor e raça – parda/preta – e nos de religiosidade relativa à religião evangélica.

Quando se fala sobre a identificação de raça e cor, é essencial considerar a representação que foi proferida pelas pessoas. Comumente utilizada pelos órgãos oficiais executores de políticas públicas brasileiras, o conceito de raça engloba características fenotípicas, como a cor da pele. Já o conceito de etnia compreende fatores culturais, como a nacionalidade, afiliação tribal, religião, língua e as tradições de um determinado grupo.

Esses dois conceitos (raça e etnia) são confundidos inúmeras vezes, mas existem diferenças sutis entre ambos. No entanto, o conceito de raça nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde um aspecto não proclamado: a relação de poder e de dominação. Observa-se isso no discurso dos jovens que participaram dos Grupos Focais dessa pesquisa:

*“Pardo, descendente de índio.” (15 a 17 - CD)*

*“Pardo puxado pro índio, sou amarelo.” (25 a 29 - AB)*

*“Branco, mas não sei, minha mãe diz que sou negro quando tomo sol.” (15 a 17 - AB)*

*“Sou meio parda, meio amarela.” (18 a 19 - AB)*

*“No Enem, me aconselharam a colocar pardo.” (15 a 17 - AB)*

*“Não sei, é como nós somos ou como nós nos vemos? Eu sou descendente de parte português e de índio. Eu mesmo me identifico com o pardo, mas a aparência é branco.” (15 a 17 - AB)*

---

<sup>4</sup> Pesquisa realizada com 1.734 jovens com idade de 15 a 29 anos, residentes em 40 bairros da cidade de Fortaleza.

*“Sinceramente não sei, não ligo pra raça. Acho que sou meio pardo moreno.” (18 a 19 - AB)*

*“Acho que sou meio parda.” (20 a 24 - AB)*

A respeito de suas relações familiares e religiosas, é importante destacar que a família e a religião são instituições nas quais os jovens vivenciam suas primeiras formas de sociabilidade. No caso da religião, observa-se que muitas vezes, tanto as crianças como os jovens acompanham as crenças de seus familiares, podendo integrar-se posteriormente a outras instituições religiosas. Uma das motivações para essas mudanças – além da descrença ou falta de identificação doutrinária – pode ser a vinculação à religião de futuros(as) companheiros(as). Sobre suas representações religiosas, os jovens destacaram que:

*“Sempre fui católico, mas acreditar, aí é que tá. Acredito na espiritualidade.” (18 a 19 - AB)*

*“Não acredito em um Deus superior, acredito em mim.” (20 a 24 - AB)*

*“Sou meio discriminado por não ter religião, mas não ligo.” (15 a 17 - CD)*

*“Eu fico revoltado quando a pessoa me diz que é ateu, fico com raiva. É uma coisa revoltante, não acreditar em Deus. Não tem amor próprio.” (20 a 24 - CD)*

*“Tenho um amigo que é ateu, que não acredita em religião, porque acha muito difícil acreditar que uma mulher virgem engravidou do nada.” (20 a 24 - CD)*

*“Os meus professores acham incrível você ser evangélico. Mas eu sou e pronto.” (20 a 24 - CD)*

*“Gosto da Umbanda, já frequentei o trabalho deles. Gosto do evangélico também, a gente vai conhecendo.” (15 a 17 - CD)*

*“Acho que os gays são mais de Umbanda.” (18 a 19 - CD)*

*“Tenho um amigo que é de macumba e sofre muito preconceito, as pessoas ficam com medo.” (18 a 19 - AB)*

*“Sendo ateu, as pessoas acham estranho, falta de confiança, acham que a pessoa é fria, calculista.” (25 a 29 - AB)*

*“Se você for muito religioso, é coroinha, ou veado.” (20 a 24 - AB)*

*“Por ser como eu sou, as pessoas dizem pare de fazer isso. Eles acham que toda Testemunha de Jeová tem que ser daquele jeito.” (15 a 17 - CD)*

Sérgio Costa<sup>5</sup> (2001) nos convida a pensar que a ‘brasilidade’ se apresenta como uma identidade mestiça não étnica dos brasileiros, capaz de assimilar todas as outras representações étnicas. Pode-se dizer que essa ‘brasilidade’ é representante de um hibridismo cultural que mistura, interliga, conecta elementos das diversas culturas que formaram a nação brasileira. Esse hibridismo está presente na forma como os jovens constroem suas percepções étnicas e religiosas, assim como, atribuem à condição juvenil mais classificações endossadas pela experiência vivida do que pela identidade, considerando-se que definir uma identidade pode rotular ou aprisionar os jovens numa forma homogênea de ser e de se comportar. O que nada tem a ver com a diversidade das culturas juvenis.

### **3.1.1 Vida escolar: desafios e experiências dos jovens na escola**

A escola é um espaço privilegiado de expressão, criação e reflexão sobre valores e ideias de uma sociedade. E a expectativa social tem sido de que ela se torne local de formação do indivíduo, não mais apenas de informação. As políticas educacionais são grandes desafios para as políticas públicas promovidas pelo Estado brasileiro. Não podemos falar do universo escolar, sem considerar que ele é um espaço social que está sujeito as suas leis específicas. Cultura escolar não é apenas sala de aula, professores, alunos. É também a biblioteca, o pátio, os corredores, os funcionários, a administração, entre outros. A escola deve ser destacada como um relevante espaço social de produção material (o saber) e simbólica (o *status*) que embora permaneça em constante relação com outros campos de poder, obedece a uma lógica autônoma de funcionamento e hierarquia.

---

<sup>5</sup> COSTA, Sérgio. A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil Contemporâneo. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(1): 143-158. Maio de 2001.

É importante compreendermos os sentidos da escola e o significado da vida escolar na trajetória de vida dos jovens. Nos Grupos Focais, eles consideraram a escola da seguinte maneira:

*“Escola pra mim é liberdade. É a minha segunda casa.” (15 a 17 - AB)*

*“A gente aprende mais a respeitar as pessoas, ouvir opiniões.” (20 a 24 - CD)*

*“Eu me sinto bem acolhido, tenho amizade com professores.” (15 a 17 - AB)*

*“Minha escola é um lixo. Banheiro quebrado, tudo sujo e é particular. Não tem laboratórios e o ensino é muito ruim.” (15 a 17 - AB)*

*“O problema não é nem a escola e sim os alunos.” (15 a 17 - AB)*

**Tabela 5**

**Jovens de acordo com o sexo e a escolaridade – Fortaleza – março/2017**

Escolaridade	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Não sabe ler nem escrever	0,3	0,1	0,2
Sabe ler e escrever	0,1	0,1	0,1
Ensino Fundamental completo	9,2	9,0	9,1
Ensino Fundamental incompleto	17,9	21,1	19,6
Ensino Médio completo	33,7	33,7	33,7
Ensino Médio incompleto	28,8	24,6	26,5
Técnico completo	0,7	1,2	1,0
Técnico incompleto	0,7	0,5	0,6
Superior completo	1,5	1,4	1,5
Superior incompleto	6,6	7,8	7,2
Pós-graduação	0,3	0,2	0,3
Ns/Nr	0,2	0,3	0,2
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Na pesquisa realizada em 2006, 52,9% dos jovens não estavam estudando, sendo que 36% pararam porque concluíram o Ensino Médio, 16,6% por falta de interesse ou de vontade de estudar e 16,5% porque começaram a trabalhar. Já na pesquisa “*Cartografias das Juventudes*” (2017), 37,5% dos jovens entrevistados concluíram o Ensino Médio.

Os dados da pesquisa realizada com jovens de Fortaleza apontam que 66,3% não estão estudando atualmente. No entanto, a maior parte dos jovens chegou ao Ensino Médio, nos quais 33,7% possuem o Ensino Médio completo e 26,5% o Ensino Médio incompleto. É importante destacar, novamente, que o universo pesquisado corresponde a jovens com idade de 15 a 29 anos, dos quais 37,5% afirmaram já ter concluído os estudos. As demais justificativas dadas para o abandono escolar foram: 20,7% por terem começado a trabalhar, 14,9% porque engravidaram e 14% por perda de interesse pelos estudos, conforme os dados seguintes:

**Tabela 6**

**Motivo principal que fez o jovem parar seus estudos de acordo com o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Concluiu os estudos	39,2	36,1	37,5
Foi reprovado	2,2	1,4	1,7
Foi expulso	1,3	0,5	0,8
Sofreu agressão por parte dos colegas	0,2	0,2	0,2
Sofreu agressão por parte de professores e gestores	0,2	0,3	0,2
Sofreu ameaça de grupos rivais dentro da escola	0,4	0,0	0,2
Sofreu ameaças de grupos rivais no caminho da escola	0,0	0,2	0,1
Começou a trabalhar	33,3	10,2	20,7
Sentia-se um estranho na escola	0,7	0,3	0,5
Perdeu o interesse pelos estudos	14,7	13,4	14,0
Não conseguiu acompanhar as matérias	0,2	0,5	0,3
Não conseguiu pagar a escola	1,8	3,5	2,7
Engravidou	0,4	27,1	14,9
Outros motivos	4,1	5,7	5,0
Ns/Nr	1,3	0,5	1,2
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Sobre os motivos assinalados para o afastamento dos jovens das escolas, eles apontaram:

*“Parei de estudar porque fiquei reprovado. A maioria dos professores hoje tem preguiça de ser professores.” (18 a 19 - CD)*

*“Tinha um professor que me perseguia, a escola se posicionava ao lado dele, não dizia nada. Tinha um diretor, com certeza, ele é gay, não aceitava nada que vinha em relação a mim, gincana, danças, eu chamava dois, três amigos, ele dizia isso não pode, porque vão estar de legging, sem blusa. É preconceito.” (20 a 24 - CD)*

*“Eu acho que eles não entendem os jovens que estão entrando agora, procuram mais o lado deles, o dos pais.” (20 a 24 - CD)*

*“Os problemas em casa, a escola não entende, azar o seu.” (20 a 24 - CD)*

*“Eu já parei de estudar, não quis ir mais pra escola.” (15 a 17 - CD)*

*“A escola não ajuda os alunos a superar seus problemas, meus professores não me entendem, eu já fui encaminhado para a psicóloga do colégio e lá ela só me mandou estudar.” (18 a 19 - CD)*

*“Fui roubado dentro da escola, interrompi os estudos por um ano.” (18 a 19 - CD).*

Para muitos jovens, as contingências da vida ou as escolhas não permitem que determinados projetos de vida se complementem, como: estudar e trabalhar, estudar e engravidar, trabalhar e engravidar e assim por diante; ou um ou outro. No caso dos jovens pobres, principalmente, uma única escolha tem que ser feita. Os mais ricos possuem o privilégio de ter um aparato financeiro e emocional dos pais ou de outros profissionais que lhes possibilitam permanecer na escola em meio a essa situação. Portanto, há um claro recorte de classe relativo às escolhas e aos projetos vinculados à qualificação educacional e profissional para a juventude. Nota-se que o abandono escolar ou o desinteresse foram destacados pelos jovens como situações motivadas por questões relativas às desigualdades sociais: começo de um trabalho ou uma gravidez.

A maioria dos jovens entrevistados estudou em escolas públicas (90,9%); sendo 49% no período da manhã, 35,7% à tarde, 13,8% no período da noite e 1% em tempo integral, na maior parte de sua experiência escolar.

Durante o tempo em que mantiveram rotina escolar, os jovens entrevistados destacaram as seguintes situações vivenciadas na escola:

**Tabela 7**

**Situação que o jovem já vivenciou ou vivencia na escola, segundo o sexo  
– Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Foi reprovado(a)	38,5	27,8	32,8
Foi expulso(a)	6,8	4,4	5,5
Sofreu agressão dos colegas	7,6	5,0	6,2
Sofreu agressão dos professores e gestores	0,9	1,5	1,2
Usou drogas na escola	3,7	0,8	2,2
Foi discriminado(a) na escola	4,2	2,7	3,4
Conheceu um(a) namorado(a)	20,4	14,2	17,2
Sofreu assédio sexual	0,8	1,3	1,1
Foi premiado(a)	15,4	13,8	14,5
Aprendeu a pensar de forma diferente	38,1	40,7	39,5
Fez amizades	74,7	77,8	76,3
Recebeu apoio dos professores por problemas pessoais	20,9	20,1	20,5
Recebeu apoio dos professores no desempenho escolar	30,0	31,4	30,7
Outras	0,5	0,6	0,5
Ns/Nr	0,7	0,7	0,7

Fonte: Pesquisa direta.  
Resposta múltipla.

Essas perguntas (que adotaram múltipla escolha como respostas) evidenciam como a escola é reconhecida como um lugar afetivo, além de ser também, um espaço de produção de formas diferentes de pensar. Geralmente, a escola tem sido reconhecida - especialmente pelo senso comum – muito mais como um lugar da violência que de aprendizado e evolução. Sem querer desconsiderar essas situações, é importante analisarmos os significados da vida escolar a partir dos discursos dos jovens. No Grupo Focal, os jovens falaram sobre situações que poderiam tornar a escola um lugar mais atrativo e interessante:

*“Escola integral é uma boa não ser só de estudos, ensino médio, técnico para quem escolhesse. Focar no Enem, mais o técnico, é muita coisa para quem está no ensino médio fazer.” (20 a 24 - CD)*

*“Poderia ter aulas no gramado, isso estimula. Deveria ter projetos de dança, música e menos professores homofóbicos.” (15 a 17 - CD)*

*“Ensinar informática, idiomas.” (20 a 24 - CD)*

*“Aula de não preconceito, porque é muito preconceito dentro da escola, geral, racismo, homofobia... melhoraria demais.” (15 a 17 - CD)*

*“Devia ter o bolsa faculdade tipo Bolsa Família.” (20 a 24 - CD)*

*“Deveria ter um trabalho vocacional mais forte.” (20 a 24 - AB)*

Ainda sobre os sentidos da escola para os jovens entrevistados nesta pesquisa, 74% consideram que a escola entende os jovens, 61,9% que ela se interessa pelos seus problemas, 65,6% que a escola não se interessa pelos problemas do bairro e 73,6% que a escola se interessa pelas questões da atualidade, conforme aponta a tabela abaixo:

**Tabela 8**  
**Situações que os jovens concordam ou não, com relação à escola segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino (%)			Feminino (%)			Total (%)		
	Concorda	Discorda	Ns/ Nr	Concorda	Discorda	Ns/ Nr	Concorda	Discorda	Ns/ Nr
A escola entende os jovens	75,3	24,5	0,2	73,0	26,9	0,1	74,0	25,8	0,2
A escola se interessa pelo problema dos jovens	63,5	36,4	0,1	60,6	39,3	0,1	61,9	37,9	0,2
A escola se interessa pelos problemas do bairro	34,9	65,0	0,1	33,6	66,2	0,2	34,2	65,6	0,2
A escola se interessa pelas questões da atualidade	73,2	26,6	0,2	73,9	26,0	0,1	73,6	26,3	0,1

Fonte: Pesquisa direta.

Sabe-se que a escola não é apenas um lugar de aquisição de conhecimento, mas também um lugar de relação entre o professor e aluno dentro e fora da sala de aula. A escola é um espaço de socialização e sociabilidade juvenil, onde a diversidade se encontra, podendo ou não haver comunicação, pois se tratam de experiências e realidades que são distintas, mas que representam a heterogeneidade das culturas juvenis.

Para Juarez Dayrell<sup>6</sup> (1996, p.136), “Analisar a escola como espaço sociocultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano”. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

Assim, os dados apresentados nesta pesquisa apontam que a escola precisa recuperar o lugar de identificação e aproximação das culturas juvenis. É na escola que se vivencia desde as relações afetivas de amor e amizade, ao acesso à informação qualificada, como também, às formas mais comuns de exclusão e desigualdade social representadas pelas reprovações, expulsões e situações de preconceitos e violência protagonizadas pelos jovens das mais diferentes classes sociais. A escola precisa ser atrativa e se conectar com as experiências e interesses juvenis, porque, muitas vezes, o mundo extramuros escolar é, para os jovens, mais instigante e atraente.

### **3.2 Relações familiares e estrutura habitacional**

Ao tratarmos das relações familiares, é preciso antecipar algumas questões pertinentes. Os estudos sobre família têm revelado que as mudanças que atingiram essa instituição, ao longo dos últimos dois séculos, são muito profundas. Os marcos teóricos dessa discussão necessariamente devem revisitar essas diferenças e as multiplicidades de formação: da família extensa à família nuclear burguesa, do século XVIII, centrada no lar conjugal, no patrimônio e na autoridade paterna, na qual era estabelecida uma hierarquia de gêneros, sendo a mulher subordinada ao homem.

---

<sup>6</sup> DAYRELL, J. T. A escola como espaço sociocultural. In: Dayrell, J. (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

No Brasil, costumamos tratar dos modelos familiares partindo da família patriarcal. Estudada pelos grandes intelectuais do país, a saber, Gilberto Freyre, Oliveira Vianna, Antônio Cândido, dentre outros, essa família se caracteriza como uma família extensa, com muitos filhos, nas áreas de grande concentração fundiária, constituída por relações paternalistas e cujo casamento era escolhido pelo pai, de acordo com suas intenções econômicas(OSTERNE, 2001).

Com o advento da industrialização e sucessiva urbanização brasileira, as famílias passam a se constituir pelo modelo da família conjugal. Baseada na representação do *“lar doce lar, em que os membros da família encontravam em casa a ‘proteção’, o aconchego e a higiene que contrastavam com as agruras e a poluição do mundo externo.”*(SCOTT, 2012: p.17). Domínio da privacidade e de casamentos baseados nas escolhas individuais, afetivas, para que fossem duradouros e berço de filhos saudáveis, essa família reduz de tamanho, delimitando-se no casal heterossexual e nos cuidados com os filhos.

Ainda que – para sistematizar ideias e organizar um método de análise das famílias – possamos compreendê-las por esses modelos, sabemos que as famílias se constituíram de modo diverso. Houve, contudo, elementos que impactaram fortemente na ruptura com esse modelo e formação de novos arranjos familiares: a possibilidade de divórcio, o advento da pílula anticoncepcional e o papel que a mulher foi conquistando, tanto na esfera conjugal, quanto na educacional, profissional e política. Os projetos são mais individuais, e a família só se mantém enquanto houver possibilidade de liberdade e diálogo desses projetos.

Assim, atualmente, não podemos nos referir a um padrão de família, pois ela se constitui das mais heterogêneas maneiras: são as refeitas a partir de casamentos desfeitos, trazendo filhos de relacionamentos anteriores; as famílias monoparentais, nas quais um membro – pai ou mãe – fica com os filhos; as uniões informais; os casais que escolhem não ter filhos; as uniões homoafetivas, entre pessoas do mesmo sexo, dentre outras formações.

Osterne (2001) concebe que as famílias pobres não parecem vivenciar essa dimensão individualizada da identidade social, prevalecendo os padrões mais tradicionais, não se mostrando tão emancipadas como em outras classes mais individualistas e focadas nos seus projetos pessoais. Muito além de uma mera idealização, elas devem ser entendidas como espaço de convivência diária na luta pela sobrevivência, de acolhimento, mas também de contradição, tensões e violências. É assim sua concepção de família:

“[...] algum lugar onde se possa experimentar a sensação de segurança afetiva e emocional, onde se possa ser alguém para o outro, apesar das condições adversas mesmo independente das relações de parentesco e consanguinidade. Algo que possa ser pensado como local de retorno, o destino certo. Local para refazer-se das humilhações sofridas no mundo externo, expandir a agressividade reprimida, exercitar o autocontrole, repreender, vencer o outro, enfim, sentir-se integrante.” (OSTERNE: 1991: p.178).

A família, portanto, é reduto de projetos variados, interesses e sonhos diversos. E é disso que estamos tratando quando analisamos o modo como os jovens percebem sua convivência com suas famílias, refeitas, desfeitas e fraturadas. São idealizações e realidades mescladas nas mais diversas cores e formas.

**Tabela 9**  
**Bairro da cidade em que o jovem gostaria de morar, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Aldeota	11,2	9,7	10,4
Barra do Ceará	4,3	4,3	4,3
Mondubim	3,5	4,0	3,7
Messejana	2,9	3,6	3,3
Meireles	4,2	2,4	3,2
Sapiranga / Coité	2,5	2,5	2,5
Jardim das Oliveiras	2,4	2,4	2,4
Conjunto Ceará I	2,9	1,7	2,3
Pici	2,2	2,5	2,3
Montese	2,5	1,9	2,2
Prefeito José Walter	1,6	2,7	2,2
Parangaba	2,5	1,7	2,1

Continua...

...continuação

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Vila Velha	2,1	2,0	2,1
Bom Jardim	2,1	1,8	2,0
Parque Dois Irmãos	2,3	1,5	1,9
Edson Queiroz	1,8	1,7	1,8
Maraponga	2,0	1,7	1,8
Serrinha	1,5	2,0	1,8
Henrique Jorge	1,7	1,7	1,7
Carlito Pamplona	1,3	1,7	1,5
Centro	1,5	1,4	1,5
Cristo Redentor	1,6	1,2	1,4
Lagoa Redonda	1,5	1,2	1,4
Bonsucesso	1,0	1,5	1,3
Canindezinho	1,4	1,2	1,3
Praia de Iracema	1,2	1,2	1,2
Quintino Cunha	0,8	1,6	1,2
Cidade dos Funcionários	0,8	1,2	1,0
Fátima	0,7	1,2	1,0
Genibaú	0,8	1,2	1,0
Granja Portugal	1,3	0,8	1,0
Antônio Bezerra	0,7	1,0	0,9
Cidade 2000	0,9	0,9	0,9
João XXIII	0,8	0,9	0,9
Pirambu	1,2	0,7	0,9
Vila União	0,8	0,9	0,9
Benfica	0,8	0,7	0,8
Papicu	0,8	0,8	0,8
Itaperi	0,6	0,7	0,7
Jardim Guanabara	0,6	0,7	0,7
Parquelândia	0,5	0,9	0,7
Praia do Futuro I	0,6	0,7	0,7
Jardim Iracema	0,3	0,6	0,5
Vicente Pinzón	0,7	0,3	0,5
Outros (citados por menos de 0,5% cada)	8,7	9,2	8,4
Ns/Nr	11,9	13,8	12,9
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta espontânea.

Os resultados demonstram que 10,4% dos jovens gostariam de morar na Aldeota, seguidos dos seguintes bairros: Barra do Ceará, 4,3%, Mondubim, 3,7%, 3,3% em Messejana e 3,2% no bairro Meireles.

Mais da metade dos bairros de Fortaleza tem o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH menor que Níger<sup>7</sup>, o país mais pobre do mundo. Os bairros Aldeota e Meireles são os bairros de maior IDH, comparados aos países europeus. Esses dois bairros aparecerem entre os desejos dos jovens não é exatamente uma surpresa, uma vez que são nesses lugares que se concentram o maior número de opções de lazer da cidade; ou nas suas imediações, sobretudo aqueles voltados para os jovens como: *shopping centers*, cinemas, praças, praias, espaços de eventos noturnos onde acontecem shows, peças, dentre outros.

**Tabela 10**  
**Motivo pelo qual gostaria de morar no bairro citado, segundo o sexo –**  
**Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Bairro Tranquilo	12,2	9,6	10,9
Bairro de infância/nascimento/Morou muito tempo	9,8	11,5	10,7
Ambiente agradável	9,2	10,8	10,0
Gosta do lugar/É bom	8,3	8,9	8,6
Próximo dos familiares	6,1	9,0	7,7
Acostumado	6,6	6,8	6,7
Tem amigos	8,1	5,2	6,6
Centralizado	3,7	3,3	3,5
Tem infraestrutura	3,6	3,1	3,3
Tem tudo/É completo	3,0	3,0	3,0
Área nobre	3,1	2,6	2,8
Próximo à praia/mar	3,0	2,5	2,7
Próximo do trabalho	2,1	1,8	2,0
Bonito	0,9	1,6	1,3
Opções de lazer/Bons locais para se divertir	0,9	1,6	1,3

Continua...

<sup>7</sup> Esse comparativo foi feito pela Tribuna do Ceará, em artigo intitulado *Mais da metade dos Bairros de Fortaleza tem IDH inferior ao do país mais pobre do mundo.* (10/10/2015) Ver: <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/mais-da-metade-dos-bairros-de-fortaleza-tem-idh-inferior-ao-do-pais-mais-pobre-do-mundo>.

...continuação

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Segurança	1,0	0,7	0,9
É de fácil acesso	1,2	0,6	0,9
Próximo ao comércio	0,6	1,0	0,8
Desenvolvido	0,6	0,8	0,7
Qualidade de vida	0,8	0,2	0,5
Perto do <i>shopping</i>	0,6	0,3	0,4
Próximo à igreja	0,1	0,4	0,3
Animado	0,2	0,4	0,3
Tem mais oportunidade de emprego	0,3	0,2	0,3
Próximo à faculdade	0,2	0,3	0,3
Bairro de empreendedores	0,3	0,0	0,2
Valorizado	0,3	0,1	0,2
Menos perigoso/Menos violento	0,3	0,0	0,2
Bastante social/Civilizado	0,2	0,1	0,2
Próximo de hospital	0,1	0,3	0,2
Perto do CUCA	0,3	0,1	0,2
Tem menos fofoqueiro	0,0	0,1	0,1
Mobilidade urbana	0,1	0,0	0,1
Pela paisagem	0,0	0,1	0,1
Parece interior	0,1	0,0	0,1
É conhecido no bairro	0,2	0,0	0,1
É bem atendido no posto de saúde	0,0	0,1	0,1
Tem hospital perto	0,0	0,1	0,1
Muita cultura	0,1	0,0	0,1
Ganhou Minha Casa Minha Vida	0,0	0,1	0,1
Perto do Icarai	0,0	0,1	0,1
Muitos jovens	0,0	0,1	0,1
Gente bonita	0,1	0,0	0,1
Centro turístico	0,1	0,0	0,1
Ns/Nr	11,6	12,5	11,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.  
Resposta espontânea.

Interessante notar que 47,9% dos motivos alegados pelos jovens para desejar morar nesses bairros são: por ser tranquilo, por que já morou em algum momento da vida, por ser um ambiente agradável, por que é bom, ou por ser próximo de seus familiares. Outras respostas: centralizado (3,5%), tem infraestrutura (3,3%), opções de lazer e bons locais para se divertir (1,3%).

**Tabela 11**

**Bairro da cidade em que o jovem não gostaria de morar, segundo o sexo  
– Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Bom Jardim	26,3	26,2	26,3
Pirambu	7,3	8,3	7,8
Messejana	5,9	5,0	5,4
Vila Velha	4,2	5,4	4,8
Barra do Ceará	3,3	4,0	3,7
Aerolândia	2,8	3,0	2,9
Barroso	2,0	2,7	2,3
Jardim das Oliveiras	1,4	2,2	1,8
Aldeota	3,1	0,4	1,7
Siqueira	1,6	1,6	1,6
Prefeito José Walter	1,6	1,4	1,5
Genibaú	2,1	0,5	1,2
Jangurussu	1,6	0,8	1,2
Parque Dois Irmãos	1,0	1,3	1,2
Conjunto Ceará I	0,9	1,2	1,1
Conjunto Palmeiras	1,3	0,8	1,0
Edson Queiroz	0,6	1,3	1,0
Serrinha	1,2	0,9	1,0
Centro	1,3	0,5	0,9
Sapiranga / Coité	0,3	1,3	0,9
Bonsucesso	0,5	1,0	0,8
Pici	0,8	0,7	0,8
Vicente Pinzón	1,0	0,6	0,8
Autran Nunes	0,8	0,6	0,7
Passaré	0,5	0,8	0,7
Planalto Ayrton Senna	0,3	1,0	0,7
Antônio Bezerra	0,5	0,7	0,6
Mondubim	0,8	0,4	0,6
Quintino Cunha	0,8	0,4	0,6
Canindezinho	0,5	0,5	0,5
Granja Portugal	0,6	0,4	0,5
Lagoa Redonda	0,2	0,7	0,5
Outros (citados por menos de 0,5% cada)	11,2	11,0	11,1
Ns/Nr	11,7	12,4	11,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta espontânea.

Perguntados sobre em quais bairros não desejariam morar, os cinco bairros apresentados como de maior rejeição foram: Bom Jardim, 26,3%; Pirambu, 7,8%; Messejana, 5,4%; Vila Velha, 4,8%; Barra do Ceará, 3,7%. O IDH desses bairros são exatamente aqueles mais baixos, avaliados anteriormente.

**Tabela 12**

**Motivo pelo qual não gostaria de morar no bairro citado, segundo o sexo  
– Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
É Perigoso/Violento	65,4	67,4	66,4
Tráfico de drogas	3,2	2,2	2,7
Longe/Distante de tudo	2,1	2,6	2,3
Má fama	1,3	1,3	1,3
Bairro conturbado	1,5	0,9	1,2
Longe da família	1,2	1,3	1,2
Inseguro/Falta policiamento	0,6	0,9	0,8
Não simpatizo com o bairro	0,7	0,9	0,8
Alto índice de criminalidade	1,0	0,5	0,8
Falta saneamento básico	0,9	0,5	0,7
Povo favelado/Favela	0,7	0,5	0,6
Difícil acesso	0,5	0,5	0,5
Tem inimigos/rivais	0,5	0,5	0,5
Desvalorizado	0,1	0,7	0,4
Trânsito intenso/Engarrafamento	0,8	0,0	0,4
Não tem infraestrutura	0,6	0,2	0,4
Muita gente que não presta	0,2	0,3	0,3
Tem muita gangue/Pirangueiros	0,2	0,4	0,3
Lembranças ruins	0,5	0,2	0,3
Não tem nada	0,3	0,3	0,3
Muito lixo/Sujeira	0,3	0,2	0,3
Não tem opções de lazer/Praças	0,3	0,3	0,3
Isolado	0,2	0,3	0,3
Só tem corno	0,5	0,0	0,2
Existem rebeliões na FEBEM	0,1	0,2	0,2
Tem muito pistoleiro	0,2	0,1	0,2
Deserto	0,1	0,2	0,2
Bairro de elite	0,3	0,1	0,2
Não é urbanizado	0,1	0,2	0,2
Não se identifica	0,1	0,3	0,2

Continua...

...continuação

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Perto de favelas	0,1	0,2	0,2
Não gosta de bairro nobre	0,5	0,0	0,2
Tem cara de cemitério	0,0	0,1	0,1
Pelo histórico do bairro	0,1	0,1	0,1
Muito esquisito	0,1	0,1	0,1
Pouca oportunidade de trabalho	0,2	0,0	0,1
Comércio fraco	0,1	0,0	0,1
Ruas muito estreitas	0,0	0,1	0,1
Muito fofoqueiro	0,0	0,2	0,1
Povo preconceituoso	0,1	0,0	0,1
Só tem comércio	0,0	0,1	0,1
Alagamento	0,1	0,1	0,1
Ns/Nr/Na	14,2	15,0	14,1
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta espontânea.

Em relação aos motivos que levaram à rejeição por determinado bairro, 66,4% dos jovens, em resposta espontânea, responderam que não gostariam de morar nos bairros anteriormente mencionados por serem perigosos e violentos. Esse dado é de extrema importância se o compararmos com dados recentes sobre a violência juvenil, que mostram que os jovens, negros e pobres são as principais vítimas de assassinatos. Essa resposta foi seguida das demais: tráfico de drogas (2,7%); longe / distante de tudo (2,3%); má fama (1,3%), bairro conturbado (1,2%).

Para os jovens das grandes cidades, morar em determinados bairros pode remeter a uma discriminação profunda, inclusive na hora de arranjar um emprego. Novaes (2008) avalia que o endereço, além de ser um indicador de renda e pertencimento de classe, traz um estigma que remete à violência policial e o tráfico de drogas. A autora avalia ainda que o endereço passa a ser um critério de seleção para o emprego desses jovens, havendo três justificativas para o empregador não aceitar moradores de determinadas áreas:

“[...] o jovem que mora em um lugar de bandidos é um bandido em potencial: melhor não empregar; [...] o empregador reconhece que é apenas uma parte menor dos jovens de uma favela ou de um conjunto habitacional que se envolve ou se envolverá com o tráfico de drogas; porém se o jovem que

busca trabalho ‘mora ali, ele não vai poder sair para trabalhar quando houver um conflito entre grupos’; reconhece que o jovem candidato pode nunca vir a ser bandido, pode conseguir maneiras de não faltar o trabalho [...] porém, só o fato de ter crescido no lugar, de conhecer e ser conhecido de todos dali, ele pode vir a cometer alguma falta contra o patrão ou a empresa.” (NOVAES, 2008: pp. 122-123).

Assim, os jovens consideram determinados bairros apontados como ruins para alcançarem seus sonhos, carregados de estigmas que se agregam às discriminações já vivenciadas por uma população, de maioria negra e pobre. Quando sistematizamos suas respostas livres em um pequeno retrato de como os jovens percebem esses bairros, eles dizem que: são inseguros, falta policiamento, possui um alto índice de criminalidade, falta saneamento básico, é desvalorizado e muito sujo; dentre outras citações que revelam um cenário de grandes dificuldades, vivenciadas nas grandes capitais do país, especialmente em determinadas localidades.

Esses jovens gostariam, certamente, de ter uma realidade menos dura, que os mantivesse afastados das estatísticas alarmantes de violência urbana e também que lhes fossem oferecidas condições básicas para buscar novos rumos para suas vidas.

**Tabela 13**

**Residência onde mora, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Residência de familiares	96,7	97,8	97,3
Residência de amigos	1,3	0,8	1,0
Outros	0,8	0,4	0,6
Ns/Nr	1,2	1,0	1,1
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Vale apontar que 97,3% dos jovens ainda mora com a família. Considere-se que, mesmo os que não moram com os pais, têm como ponto de apoio, como lugar de ancoragem, a família, ainda que a ampliada.

O empobrecimento acentuado e a dificuldade em superar determinadas situações levam as famílias pobres a traçarem outras estratégias

de solidariedade entre seus membros. É assim que percebemos que quando falamos de um jovem pobre, não estamos falando de um núcleo composto apenas por pai, mãe e irmãos, mas de vários integrantes mais próximos ou não. Muitos desses jovens moram com suas avós, tios e demais parentes. Quando trabalhamos com políticas públicas para esse público, são evidentes essas personagens no cotidiano desses jovens.

**Tabela 14**  
**Com quem mora o jovem atualmente, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Pai e mãe	33,0	24,5	28,5
Mãe	25,8	23,5	24,5
Filho(a)	12,6	23,7	18,5
Pai	6,6	4,4	5,4
Companheiro(a)	4,5	4,6	4,6
Marido/Esposa	2,4	5,9	4,3
Irmãos	3,0	3,7	3,4
Sozinho	3,1	1,6	2,3
Avó	1,8	2,3	2,0
Avô	2,0	1,2	1,6
Tios	1,9	1,3	1,5
Cunhado	0,7	1,4	1,0
Amigos	1,0	1,0	1,0
Enteados	1,0	0,1	0,5
Primos	0,2	0,3	0,3
Padrasto	0,3	0,0	0,2
Sobrinhos	0,1	0,3	0,2
Madrasta	0,0	0,1	0,1
Pais adotivos	0,0	0,1	0,1
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Essa tabela revela que mais da metade dos jovens ainda vive com seus pais, perfazendo 53% do total, o que se justifica pela idade, condições de vida e aumento do tempo que os jovens têm passado com suas famílias.

Essa situação caracteriza um fenômeno social chamado de “síndrome do ninho permanentemente cheio”. Scott (2013) contrapõe essa condição à síndrome do “ninho vazio,” marcada pela depressão dos pais dos

anos 1970 - quando os filhos saíam cedo de suas casas - com os pais de hoje, que ficam até irritados pelo fato de os filhos não saírem de casa antes da idade adulta; às vezes, por puro comodismo, chegando até mesmo, a trazer outra pessoa, companheiro(a) para morar com eles.

**Tabela 15**

**Número de pessoas que residem na casa onde mora o jovem, segundo o sexo – Fortaleza – Março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
De 1 a 3 pessoas	40,0	36,8	38,3
De 4 a 6 pessoas	50,1	51,0	50,6
De 7 a 9 pessoas	7,7	9,4	8,6
Mais de 9 pessoas	1,8	1,8	1,8
Ns/Nr	0,4	1,0	0,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Mais da metade dos entrevistados mora em famílias de 4 a 6 pessoas, conforme avaliado anteriormente, famílias ditas extensas ou ampliadas; seguida de família de até 3 pessoas.

**Tabela 16**

**Principal responsável pela renda da família do jovem, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Mãe	27,4	24,3	25,7
Pai	31,4	22,7	26,8
Avós	5,2	5,4	5,3
Avôs	1,7	1,5	1,6
Irmãos	2,0	1,5	1,7
Tios	2,7	1,5	2,1
Esposa(o)	4,6	26,6	16,3
Você	21,0	10,1	15,3
Sogra(o)	0,5	1,7	1,1
Padrasto	1,2	1,1	1,1
Outros	1,4	1,5	1,5
Ns/Nr	0,9	2,1	1,5
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

A renda familiar dos jovens entrevistados é constituída prioritariamente pelos pais ou responsáveis; sendo 26,8% pelos pais-responsáveis; e 25,7% pelas mães-responsáveis. Um número considerável de mulheres são apontadas nessa pesquisa como responsável pelo sustento de suas casas, ainda mais se somarmos mães e avós, perfazendo um total de 31%.

As famílias que têm a mulher como chefe retratam vivências múltiplas dessas famílias, conforme já referenciado anteriormente. E refletem uma multiplicidade de fatores condicionantes, quais sejam, as separações conjugais, nas quais as mães ficam majoritariamente com a guarda de seus filhos, a reestruturação do mercado produtivo, que aponta o crescente aumento do trabalho de mulheres e aumento da escolaridade das mesmas, as mães que têm produções independentes, ou ainda aquelas que, embora não desejassem, ficaram com toda a responsabilidade pelos filhos em virtude de falecimentos, ou mesmo pelo fato de seus companheiros terem-nas abandonado e às suas famílias. Esse fenômeno não é recente no Brasil, de acordo com Macêdo (2008):

“Certamente sua existência tem sido ocultada por um retrato uniforme das formas de organização familiar no Brasil, favorecido, durante muito tempo, pela universalização do protótipo da família conjugal nuclear (Corrêa, 1982). Dessa forma, o que pode ser considerado como *novo* nesse contexto? Por certo, é a sua expansão entre as chamadas camadas médias brasileiras, o que, do ponto de vista ideológico, vem se chocando com o modelo dominante nesse universo, imposto pelas ideologias de gênero – que preveem uma distribuição de papéis e responsabilidades segundo hierarquias baseadas em fatores como sexo e idade dos membros, atribuindo ao homem e aos de maior idade maiores poderes e prerrogativas no interior do grupo doméstico.” (MACÊDO, 2008: p.392).

A autora assegura que essa é uma realidade heterogênea que atinge grande parte dos agrupamentos familiares dos grandes centros urbanos, e não apenas as camadas pobres, como fazem acreditar determinados estudos. Reflete sim, um conjunto das transformações sócio-históricas, culturais e econômicas do país, reverberando nas trajetórias femininas, em virtude de existirem mulheres solteiras, viúvas ou separadas.

**Tabela 17**

**Recebimento do jovem ou de sua família de algum tipo de benefício,  
segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Não recebe	55,4	44,6	49,7
Bolsa família	32,3	44,0	38,5
Pensão alimentícia	1,0	2,6	1,8
Pensão por morte de pais	1,5	1,7	1,6
Bolsa de estudos	0,3	0,5	0,4
Benefício de Prestação Continuada (BPC)	0,8	1,3	1,1
Aposentadoria	10,6	8,3	9,4
Outros	0,8	1,0	1,0
Ns/Nr	0,6	0,8	0,7

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Os resultados demonstram que 49,7% dos jovens pesquisados não recebem nenhum benefício; e nem suas famílias. 38,5% recebem o Bolsa-Família, constituindo o programa que tem o maior impacto na vida destes jovens, se somarmos às demais: bolsas de estudos (0,4%), BPC (1,1), dentre outros menos pontuais.

O Bolsa-Família é um benefício de transferência direta de renda do Governo Federal, com foco na família em situação de pobreza e extrema pobreza, de acordo com a lei 10.836/2004. Os critérios são: famílias que recebem – por pessoa – até R\$77,00 por mês; família com renda – por pessoa – de R\$77,00 a R\$154,00 mensais, desde que tenham filhos de 0 até 17 anos. Há condicionalidades importantes também, como a necessidade de comprovar 85% de frequência escolar e acompanhamento da saúde da família.

**Tabela 18**

**Classe econômica do jovem, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Muito Pobre	0,3	0,7	0,5
Pobre	26,0	30,1	28,2
Média baixa	43,9	40,7	42,2
Média	28,3	27,7	28,0
Média alta	0,9	0,6	0,8
Rica	0,3	0,1	0,2
Muito rica	0,0	0,0	0,0
Ns/Nr	0,3	0,0	0,1
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

No que se refere à condição social, os jovens se consideram pobres (28,2%), média baixa (42,2%) e média (28%), em sua maioria. Vale refletir que essas percepções são subjetivas, avaliando-se apenas como o entrevistado se autodeclarou. Contudo, há muita contradição entre estudiosos de classes sociais, devendo ser levado em conta outros indicadores; qual seja o modo como as pessoas vivem, o estilo de vida e demais fatores que estão sendo analisados no todo da pesquisa.

**Tabela 19**

**Classe econômica dos pais do jovem, quando este era criança – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Muito Pobre	6,0	7,3	6,7
Pobre	39,7	44,9	42,5
Média baixa	32,2	29,1	30,4
Média	19,6	17,1	18,3
Média alta	1,8	1,5	1,7
Rica	0,3	0,0	0,2
Muito rica	0,0	0,0	0,0
Ns/Nr	0,4	0,1	0,2
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Os pais dos entrevistados foram considerados por estes, como pobres ou pertencentes à classe média baixa, não se revelando um quadro de extrema pobreza.

**Tabela 20**  
**Classe econômica dos pais dos jovens, quando aqueles eram criança, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Muito Pobre	16,4	18,9	17,7
Pobre	46,8	49,7	48,3
Média baixa	24,1	18,1	21,0
Média	11,1	11,5	11,3
Média alta	0,8	0,8	0,8
Rica	0,3	0,3	0,3
Muito rica	0,0	0,0	0,0
Ns/Nr	0,5	0,7	0,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Segundo os entrevistados, seus pais passaram por alguma mudança social. As classes mais apontadas como referência para os pais são: 48,3% pobre; 21% média baixa; muito pobre, 17,7%. Note-se que os jovens avaliaram que seus pais eram pobres em 48,3%; diferente do gráfico anterior, no qual a situação atual dos jovens é de 28,2% mostrando mudança na hierarquia social, ainda que seja do ponto de vista do entrevistado. E 17,7% avaliam que seus pais eram muito pobres. Esse dado é baseado na percepção desses jovens acerca da vida de seus pais, uma vez que pouco tenha sido presenciado pelos jovens, a informação se deve a fatos relatados pelos genitores.

Também, no trabalho feito em grupo, muitos jovens afirmaram que seus pais tinham uma condição social superior a deles e que almejam atingir tais níveis:

*“Eu luto para ser pelo menos médio, mas me considero média baixa, meu pai teve uma classe social melhor.” (25 a 29- CD)*

*“Meu pai era mais alta a classe, minha mãe pobre e fiquei na média.” (20 a 24 - AB)*

**Tabela 21**  
**Situação que o jovem já vivenciou / vivencia em casa, segundo o sexo –**  
**Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Um ambiente de respeito e cumplicidade	63,5	58,8	61,0
Um ambiente que passa segurança e proteção	57,2	54,7	55,9
Um ambiente alegre	63,4	62,2	62,8
Um ambiente de hipocrisias	5,4	3,7	4,5
Um ambiente com pessoas indiferentes	6,8	7,4	7,1
Um ambiente com pessoas agressivas	5,0	5,6	5,3
Alcoolismo dos familiares	13,9	14,5	14,2
Conflitos com dependente de drogas	5,3	6,5	5,9
Violência doméstica	1,8	3,2	2,6
Abuso Sexual	0,1	0,4	0,3
Outros	0,1	0,1	0,1
Ns/Nr	0,2	0,6	0,4

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

A família, conforme mencionamos, tem uma forte capacidade de simbolização dos aspectos positivos da vivência. Ainda que seja um ambiente de tensões e conflitos, é sempre desejada e analisada como espaço de acolhimento, amor e compreensão. 62,8% dos entrevistados consideram a vivência doméstica, alegre; um ambiente de respeito e cumplicidade, 61%; além de um ambiente de proteção e segurança, 55,9%. Contudo, ao analisarmos as respostas espontâneas da pesquisa qualitativa, encontramos respostas que vão de encontro a essa perspectiva:

*“Me aborreço mais em casa, as pessoas da família não têm medo de dizer as coisas...Minha mãe é pouco compreensiva, para ela todo o dinheiro que ganho eu gasto em farra.” (20 a 24 - CD)*

*“Sou apoiado mais pelos amigos que pela família, estão sempre ligando, dando conselho.” (15 a 17 - AB)*

*“Meus pais não ligam para a minha opinião, eu tive que me impor, hoje respeitam mais.” (15 a 17 - AB)*

*“Não quero morar perto de minha mãe, minhas irmãs. Ter uma família, ter minha casa, meus cachorros, meus filhos, minha coruja, trabalhar e seguir a vida, ser mãe.” (15 a 17 – CD)*

Nestes discursos colhidos, é possível observar que os filhos nem sempre encontram na família um lugar de acolhimento, sendo aquele espaço, por vezes, também associado à ausência de compreensão, de acolhimento e de afeto. Existem tensão e ambiguidade nessas referências.

**Tabela 22**  
**Experiência de vida dos pais dos jovens, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino (%)			Feminino (%)			Total (%)		
	Igual a minha	Diferente da minha	Ns/Nr	Igual a minha	Diferente da minha	Ns/Nr	Igual a minha	Diferente da minha	Ns/Nr
Escolaridade	27,0	72,9	0,1	23,6	76,3	0,1	25,2	74,7	0,1
Religiosidade	64,4	35,3	0,3	67,0	32,8	0,2	65,8	34,0	0,2
Identidade sexual	82,7	17,1	0,2	84,3	15,4	0,3	83,6	16,2	0,2
Visão política partidária	60,3	39,4	0,3	61,6	37,9	0,5	61,0	38,6	0,4
Visão sobre drogas	71,5	28,3	0,2	74,9	24,8	0,3	73,3	26,4	0,3
Visão sobre sexualidade	75,1	24,5	0,4	71,1	28,5	0,4	73,0	26,6	0,4
Visão s/convivência familiar	83,3	16,4	0,3	82,2	17,4	0,4	82,7	16,9	0,4

Fonte: Pesquisa direta.

Este quadro revela que as visões e experiências dos jovens coadunam-se com as dos pais, nas seguintes questões: identidade sexual (83,6%), visão sobre drogas (73,3%), sexualidade (73%) e convivência familiar (82,7%). A escolaridade se revelou a experiência que mais os diferencia (74,7%).

### 3.3 Situação do jovem no mercado de trabalho

Tomando-se como referência o conceito dos indicadores do mercado de trabalho, segundo as orientações da Organização Internacional do Trabalho – OIT, incluem-se na condição de desemprego aberto, as pessoas que não desenvolvem nenhuma atividade econômica, mas que estavam

pressionando, efetivamente o mercado de trabalho, num determinado mês de referência, em busca de uma ocupação, independentemente de terem tido ou não uma atividade anterior.

De acordo com esse conceito, conforme os números da Tabela 23, para as pessoas na faixa etária de 15 a 29 anos, a participação dos jovens em busca de trabalho é de 39,0%; sendo 37,4% de pessoas do sexo masculino e 40,4% do feminino. Com estes resultados, observa-se que os jovens do sexo feminino apresentam maior participação relativa na pressão sobre o mercado de trabalho. Esse resultado se deve, em tese, ao fato de a mulher ter maiores condições de inserção no mercado de trabalho, por serem mais escolarizadas/qualificadas, satisfazendo com isso, de forma mais efetiva, as exigências desse mercado. Ratifica-se a hipótese mencionada a partir de estudos já realizados, como também em função das informações do censo demográfico e da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio – PNAD, do ano de 2010.

Ainda com relação aos resultados do Censo do ano de 2010 e, especificamente nos bairros integrantes do painel amostral, registra-se um contingente de 372.425 jovens na faixa de 15 a 29 anos, sendo 181.819 homens e 190.606 do sexo feminino. Relacionando-se estes números com os percentuais de participação mencionados acima, estima-se um contingente de 145.246 jovens em busca efetiva de uma ocupação, sendo aproximadamente, 54.322 homens e 58.679 mulheres.

Sobre o segmento dos desocupados, ou seja, aqueles que não desenvolvem nenhuma atividade econômica e não estavam em busca de uma ocupação, percebe-se uma participação relativa de 23,9% (89.010 pessoas), sendo 18,0% do sexo masculino (16.022 pessoas) e 29,0% (25.812 pessoas) do feminino.

Ampliando-se a análise para o segmento dos ocupados que desenvolvem uma atividade econômica com carteira assinada, no geral, conforme a Tabela 23, registra-se uma pontuação de 14,8% (55.119 pessoas)

e que, 19,3% (10.638 pessoas) são do sexo masculino e 10,9% (6.008 pessoas) do feminino.

Outro resultado de destaque na Tabela 23 é que 10,4% dos ocupados trabalham na condição de autônomo (5.732 pessoas). Especificamente para os jovens que integram essa categoria ocupacional, sobressai-se o sexo masculino, com participação de 11,3% (647 pessoas), seguidos pelo feminino, cuja representação relativa é de 9,6% (550 pessoas).

**Tabela 23**

**Participação relativa dos jovens procurando trabalho, os desocupados <sup>(1)</sup> e mais os ocupados nos setores formal e informal da economia <sup>(2)</sup>, segundo o sexo – Fortaleza - março/2017**

Especificação	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Nunca trabalhou e não está procurando trabalho	8,2	9,9	9,1
Nunca trabalhou, mas está procurando trabalho.	6,7	11,4	9,2
Já trabalhou e está procurando trabalho	30,7	29,0	29,8
Já trabalhou, mas não está procurando trabalho.	3,1	10,8	7,2
Já trabalhou e estudou ao mesmo tempo	1,0	1,4	1,2
Nunca trabalhou e estudou ao mesmo tempo	0,2	0,2	0,2
Está desocupado e estuda	5,4	5,7	5,6
Está desocupado e não estuda	0,3	1,2	0,8
Trabalho com carteira assinada	19,3	10,9	14,8
Trabalho sem carteira assinada	9,6	6,1	7,8
Trabalho com pessoas da família	2,0	1,1	1,5
Autônomo <sup>(3)</sup>	11,3	9,6	10,4
Outros	1,5	1,9	1,7
Não sabe, não respondeu	0,7	0,8	0,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

**Notas: (1) Desempregado:** jovem que não tem uma ocupação, mas que estava efetivamente procurando trabalho, no mês de março/2017. **Desocupado:** jovem que não tem uma ocupação e não estava procurando trabalho, no mês de março de 2017. **(2) Ocupados:** jovens ocupados nos setores formal e informal da economia: incluem-se no setor formal da economia aqueles com carteira assinada; o profissional liberal e o empregador. Já no setor informal, participam os

autônomos (exceto o profissional liberal), os trabalhadores sem vínculo empregatício, os que trabalham com pessoas da família e o pequeno produtor, ou seja, os jovens que gerenciam e participam da produção. **(3) Autônomos:** formam essa categoria os autônomos dependentes: jovens que desenvolvem uma atividade econômica sem vínculo empregatício, porém com a matéria-prima adquirida de uma empresa. Já os autônomos independentes são aqueles que prestam serviços em empresas e/ou domicílios, sem vínculo empregatício (bombeiros, eletricitista, diarista etc.).

### **3.3.1 Taxa de desemprego aberto dos jovens**

A taxa de desemprego aberto é determinada a partir do quociente relativo entre o número de pessoas que está pressionando o mercado de trabalho, em busca de uma ocupação e mais aqueles que formam a população economicamente ativa, ou seja, os desempregados acrescidos aos ocupados.

No geral, para os jovens de 15 a 29 anos, constata-se uma taxa de 51,8% (192.916 pessoas) e que, por gênero, 46,15% (89.031) são homens e 57,6% (111.120) são pessoas do sexo feminino. Observa-se com esses resultados que a taxa de desemprego das mulheres é superior a dos homens, o que se explica pelo fato de as mulheres, como já foi mencionado anteriormente, possuírem uma melhor escolaridade/qualificação profissional e essa condição lhes possibilita superar, em parte, as possíveis discriminações existentes no mercado, no tocante ao gênero feminino.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, o desemprego ficou ainda maior entre jovens. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 42,2% dos desempregados tinham de 16 a 24 anos de idade. Para Cimar Azeredo, um dos gerentes da PNAD, o fato também tem seu ponto positivo: “Tem ocupação que tem que cair mesmo; é o caso da população muito jovem, que deveria estar estudando, em vez de trabalhar”, avalia. No país, entre jovens de 18 a 24 anos, a taxa avançou de 14,4% para 16,6%; e na faixa de 25 a 29 anos, subiu de 8,4% para 10%.

A desocupação entre pessoas de 15 a 17 anos – que é a faixa etária com o maior índice de desemprego – passou de 20,6% em 2008, para 23,4% em 2009. O total de jovens nesta faixa etária no mercado de trabalho vem diminuindo. Passou, em todo o Brasil, de 5,3 milhões de trabalhadores em

2004, para 4,3 milhões em 2009. Por outro lado, pessoas com mais de 30 anos exibem taxas menores de desemprego. Quanto mais velho for o cidadão, menor a chance de ficar desempregado, segundo a pesquisa de 2009. De 30 a 39 anos, a taxa de desemprego é de apenas 6,5%; de 40 a 49 anos, 4,5%, e de 3,1% entre os que possuem mais de 50 anos.

Tratando-se especificamente dos jovens que estavam pressionando o mercado de trabalho, no mês de março de 2017, de acordo com as variáveis sexo e faixa etária, constata-se na Tabela 24 que a participação mais incidente é na faixa de 20 a 24 anos, sendo de 39,2% para os homens e de 38,1% para as mulheres. Em síntese, constata-se na Tabela em questão que na faixa de 15 a 24 anos, agrega-se 70,4% de homens e 70,3% de pessoas do sexo feminino; ou seja, independentemente do gênero, admite-se que a maioria dos jovens, ainda na idade escolar, já está em busca de sua inserção no mercado de trabalho e que isso se dá, muitas vezes, pela necessidade de trabalhar para estudar e/ou complementar a renda da família, impedindo-lhes, muitas vezes, de melhor se qualificar para se inserir no mercado de trabalho, numa atividade que lhes proporcione maiores rendimentos.

**Tabela 24**

**Jovem desempregado, segundo o sexo e a idade – Fortaleza - março/2017**

Especificação	Sexo	
	Masculino	Feminino
15 a 19	31,2	32,2
20 a 24	39,2	38,1
25 a 29	29,6	29,7
Total	100,00	100,00

Fonte: Pesquisa direta.

De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE, “quando se considera a escolaridade, trabalhadores com Ensino Médio completo ou Superior incompleto formam a maior parcela dos que há muito tempo estavam desempregados”.

Na avaliação de Lúcia, técnica do Dieese, “o aumento da escolaridade média do brasileiro explica a maior parcela de desempregados de

longa duração, com Ensino Médio ou Superior incompleto. Nos últimos anos, os jovens puderam ficar mais tempo estudando, antes de buscar emprego, mas essa escolaridade maior nem sempre garantiu a sua inserção no mercado de trabalho”.

O documento *A Síntese de Indicadores Sociais – (SIS - 2013)* mostra que no ano de 2012, cerca de 20% dos jovens de 15 a 29 anos de idade não frequentavam a escola nem trabalhavam. A proporção de mulheres nesse grupo foi 70,3%. Destaque-se entre elas a proporção das que tinham pelo menos um filho: 30,0% entre aquelas com 15 a 17 anos; 51,6% na faixa de 18 a 24 anos de idade e 74,1% com idade de 25 a 29 anos. Entre as pessoas de 15 a 17 anos que não estudavam nem trabalhavam, 56,7% não tinham o Ensino Fundamental completo e entre os jovens de 18 a 24 anos, 47,4% tinham completado o Ensino Médio.

Levando-se em consideração os resultados da pesquisa em análise – tratando-se da escolaridade por gênero – constata-se na Tabela 25, no acumulado dos níveis Médio completo, Técnico completo e Superior completo, que os homens apresentam uma participação de 35,6%, enquanto que as mulheres alcançam 36,8%. Observando-se os valores na frequência acumulada do nível Superior incompleto ou completo, os jovens do sexo masculino acumulam 5,8%. Já entre as mulheres, também para o referido valor acumulado, a frequência é de 7,4%. Esses números ratificam mais uma vez o fato de a mulher ser mais escolarizada, em comparação aos homens.

**Tabela 25**

**Jovem desempregado, segundo o sexo e o grau de instrução – Fortaleza – março/2017**

Grau de instrução	Sexo	
	Masculino	Feminino
Não sabe ler e nem escrever	0,3	—
Sabe ler e escrever	—	—
Ensino Fundamental completo	7,4	11,9
Ensino Fundamental incompleto	21,9	20,6
Ensino Médio completo	32,9	35,0
Ensino Médio incompleto	29,6	24,1

Grau de instrução	Sexo	
	Masculino	Feminino
Técnico completo	1,2	0,5
Técnico incompleto	0,9	0,3
Superior completo	1,5	1,3
Superior incompleto	4,3	6,1
Pós-graduado	—	—
Não sabe/Não respondeu	—	0,2
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

A Tabela 26 dispõe a variável gênero, em função do estado civil. Para os homens, atesta-se a maior participação de solteiros, com frequência de 79,3%, contra 66,2% de mulheres. Por outro lado, ainda pelos números constantes na referida Tabela, a frequência das mulheres separadas ou divorciadas supera a dos homens em 166,67%. Pelos resultados da pesquisa, admite-se o fato de a frequência de mulheres casadas superar a do homem, na mesma condição civil, em 130,23%.

**Tabela 26**

**Jovem desempregado, segundo o sexo e o estado civil – Fortaleza - março/2017**

Estado civil	Sexo	
	Masculino	Feminino
Solteiro	79,3	66,2
Casado	4,3	9,9
Separado ou divorciado	0,3	0,8
União estável/Mora junto	15,7	21,8
Viúvo	0,4	0,8
Outro	—	0,5
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

**3.3.2 Jovens desocupados**

As mulheres jovens são as que encontram maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho, aponta a Síntese de Indicadores Sociais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. O estudo mostrou que, em 2014, havia no Brasil quatro milhões de mulheres de 16 anos ou mais de idade, na

condição de desemprego, e que elas tinham a maior taxa de desocupação; 8,7%, ficando atrás apenas dos jovens em geral, com idade entre 16 a 24 anos de idade, 16,6%.

Segundo afirma Cristiane Soares, pesquisadora da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE, “São as mulheres jovens que encontram a maior dificuldade de se inserir no mercado, considerando-se que, uma em cada cinco estava desocupada em 2014, ou 20,8%”.

Segundo estudos do IBGE, no Brasil a taxa de desocupação feminina, de todas as faixas etárias, era quase o dobro da taxa masculina, entre 2004 e 2014. Diante disso, na opinião de técnicos da referida instituição “O desemprego feminino tem sido uma preocupação, não somente brasileira, mas de grande parte dos países, principalmente num contexto de crise econômica, na qual reconhecidamente as jovens mulheres são as primeiras a sentirem seus efeitos”. Contudo, o resultado representa uma redução de 10,9% em relação a 2004. Essa redução se deve ao fato de a mulher ser mais escolarizada/qualificada em comparação aos homens, atendendo de forma mais efetiva os requisitos do mercado de trabalho.

Considerando o conceito de população desocupada, dispõe-se na Tabela 27, a composição dos jovens sob essa condição, de acordo com o gênero. Tratando-se isoladamente por sexo, a frequência de mulheres desocupadas supera a dos homens em 59,24%. Uma explicação para este resultado, conforme citação anterior, é que a mulher, mais frequentemente, inicia a pressão sobre o mercado de trabalho e/ou a sua efetiva inserção nesse cenário, de forma mais tardia, em razão do seu maior tempo de permanência na escola.

**Tabela 27**

**Jovem desocupado ou não, segundo o sexo – Fortaleza - março/2017**

Especificação	Sexo	
	Masculino	Feminino
Sim	18,4	29,3
Não	81,6	70,7
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

A taxa de desocupação é determinada por intermédio do quociente relativo entre o número de jovens desocupados e o total de jovens na faixa de 15 a 29 anos. Conforme os números da Tabela 28, a referida taxa para as mulheres é de 29,30%, enquanto que, para os jovens do sexo masculino, essa taxa atinge 18,36%. Tratando-se o referido indicador em função do número de jovens na faixa etária mencionada, projeta-se um contingente de 21.815 homens desocupados e 55.847 jovens do sexo feminino, sob a mesma condição.

Por fim, é importante acrescentar – ainda sobre os dados da Tabela 31 – que em termos absolutos, o número de mulheres desocupadas é superior ao de homens em 156,00% e, além disso, as jovens desocupadas representam 71,91% do total.

**Tabela 28**

**Taxa de desocupação e projeção do número de jovens desocupados, segundo o sexo – Fortaleza - março/2017**

Especificação	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Taxa	18,36	29,30	24,16
Jovens desocupados	21.815	55.847	77.662

Fonte: Pesquisa direta.

Dando continuidade à análise do jovem desocupado, a Tabela 29 expõe a sua participação relativa, por sexo e faixa etária. De acordo com os números apresentados, sobressai-se, numa comparação por gênero, o jovem do sexo masculino na faixa de 15 a 19 anos, 75,5%; e as mulheres, nas faixas de 20 a 24, 27,3% e na de 25 a 29 anos, 28,6%.

**Tabela 29**  
**Jovem desocupado, segundo o sexo e a faixa etária – Fortaleza -**  
**março/2017**

Especificação	Sexo	
	Masculino	Feminino
15 a 19	75,5	44,1
20 a 24	13,8	27,3
25 a 29	10,7	28,6
Total	100,00	100,00

Fonte: Pesquisa direta.

Tratando-se das medidas de posição da distribuição de probabilidade da idade dos jovens desocupados, constata-se na Tabela 30, para todas as medidas, a superioridade das mulheres; isto é, no tocante ao valor médio, essa supremacia é de 21,1%. Sobre o valor mais frequente, que é de 18 anos, é maior em 5,9%. E por fim, admite-se que 50% das mulheres têm uma idade máxima de 21 anos, sendo superior aos homens em 16,7%.

**Tabela 30**  
**Idade média, modal e mediana do jovem desocupado, segundo o sexo –**  
**Fortaleza – março/2017**

Medidas de posição	Sexo	
	Masculino	Feminino
Média	19	23
Modal	17	18
Mediana	18	21

Fonte: Pesquisa direta.

Ainda sobre os desocupados, verifica-se na Tabela 31, por gênero, o grau de instrução dos jovens. Excluindo-se apenas o nível Técnico incompleto, a frequência relativa das mulheres é superior a dos homens. Examinando-se de um modo geral os números da referida Tabela, registra-se a maior frequência, tanto para os homens, como para as mulheres, o Ensino Fundamental incompleto, sendo de 25,2% para os jovens do sexo masculino e de 28,3% para as mulheres.

Por fim, é importante acrescentar o fato de os homens registrarem uma maior participação no nível Técnico incompleto (0,6%), contra a frequência de 0,3%, para as mulheres. Ademais, percebe-se que somente as mulheres registram presença no nível Técnico completo (1,7%) e que, no Superior incompleto, a frequência é maior em comparação ao dos homens em 4,4%.

**Tabela 31**

**Jovem desocupado, segundo o sexo e o grau de instrução – Fortaleza - março/2017**

Grau de instrução	Sexo	
	Masculino	Feminino
Não sabe ler e nem escrever	—	—
Sabe ler e escrever	—	0,3
Ensino Fundamental completo	5,7	8,4
Ensino Fundamental incompleto	25,2	28,3
Ensino Médio completo	14,5	20,3
Ensino Médio incompleto	47,2	32,9
Técnico completo	—	1,7
Técnico incompleto	0,6	0,3
Superior completo	—	0,7
Superior incompleto	6,8	7,1
Pós-graduado	—	—
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

A taxa de desocupação é definida através do quociente entre a parcela dos jovens que não têm uma ocupação e não estão pressionando o mercado de trabalho e o total, com idade na faixa de 15 a 29 anos, residentes no conjunto dos bairros que compõem a população-alvo deste estudo.

### **3.3.3 Jovens ocupados**

Fazem parte do conjunto de jovens ocupados, aqueles que desenvolviam uma atividade econômica, durante o mês de março de 2017. Observando-se os resultados presentes na Tabela 32, constata-se que 38,1% dos jovens classificam o trabalho como uma necessidade e que, desse total, 40,2% são homens e 36,3% pessoas do sexo feminino.

Numa segunda pontuação, com frequência relativa de 27,7%, sobressai-se o item 'independência'. Desse valor, 31,3% é a concepção das

mulheres, contra 23,7% dos homens. É importante destacar que essa concepção é a de maior diferença relativa para as pessoas do sexo feminino, em comparação a do masculino, atingindo uma supremacia da ordem de 32,1%. Esses resultados ilustram com clareza a posição da mulher, no que se refere à busca eminente da sua independência financeira, disputando igualmente com os homens uma vaga no mercado de trabalho, com a vantagem de serem mais escolarizadas/qualificadas.

**Tabela 32**  
**Concepção dos jovens sobre o que é trabalho, segundo o gênero –**  
**Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Necessidade	40,2	36,3	38,1
Independência	23,7	31,3	27,7
Crescimento	27,3	22,8	24,9
Autorrealização	6,2	7,8	7,1
Exploração	1,0	0,6	0,8
Não sabe/não respondeu	1,6	1,2	1,4
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

As informações constantes na Tabela a seguir identificam a frequência relativa da participação dos jovens no mercado de trabalho. Indagados sobre se têm uma ocupação, 42,8% dos homens responderam afirmativamente, contra 27,7% das respostas do sexo feminino. Este resultado já era esperado, na medida em que, em geral, os homens ingressam mais cedo no mercado de trabalho, com o objetivo de complementar os rendimentos da família, e que as mulheres são mais preservadas nesse aspecto, o que explica o fato de a sua escolaridade/qualificação profissional, ser superior a do sexo masculino.

**Tabela 33**  
**Jovem que atualmente tem ou não uma ocupação, segundo o sexo –**  
**Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo	
	Masculino	Feminino
Sim	42,8	27,7
Não	57,2	72,3
Total	100,00	100,00

Fonte: Pesquisa direta.

A Tabela 34 mostra a distribuição da população ocupada, de acordo com o gênero e a faixa etária. Pelos números apresentados, constata-se que os homens apresentam maior frequência na faixa de 25 a 29 anos, enquanto que, no segmento das mulheres, a maior participação numérica é na faixa de 20 a 24 anos. Esse resultado mostra que as mulheres ingressam mais jovens no mercado de trabalho e sinaliza que as jovens, antes da busca efetiva da sua inserção no mercado de trabalho, procuram a sua maior escolaridade / qualificação. Uma ilustração dessa afirmação é que na idade de 25 a 29 anos, a participação das mulheres é inferior a dos homens em 11,6%.

**Tabela 34**  
**Jovem ocupado, segundo o sexo e a faixa etária – Fortaleza - março/2017**

Faixa etária	Sexo	
	Masculino	Feminino
15 a 19	11,2	14,5
20 a 24	43,2	45,2
25 a 29	45,6	40,3
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Dando continuidade a análise, no aspecto relativo à escolaridade dos jovens ocupados, destaca-se na Tabela 35, independentemente do gênero, a maior frequência no nível Ensino Médio completo; sendo de 43,2% para os homens e de 55,4% para as mulheres. Ademais, é mais significativa a representação de mulheres ocupadas com nível Superior completo ou incompleto, alcançando uma representação de 16,3%, contra 35,8% para os homens.

**Tabela 35**  
**Jovem ocupado, segundo o sexo e o grau de instrução – Fortaleza – março/2017**

Grau de instrução	Sexo	
	Masculino	Feminino
Não sabe ler e nem escrever	0,4	—
Sabe ler e escrever	0,4	—
Ensino Fundamental completo	10,4	3,0
Ensino Fundamental incompleto	9,6	9,6
Ensino Médio completo	43,2	55,4
Ensino Médio incompleto	22,4	12,0
Técnico completo	—	1,8
Técnico incompleto	0,4	0,6
Superior completo	2,8	2,4
Superior incompleto	9,2	13,9
Pós-graduado	0,8	1,3
Não sabe/Não respondeu	0,4	—
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Muitas vezes, enquanto ainda estuda, o jovem trabalha um maior número de horas por semana, em comparação ao tempo dedicado à sua atividade escolar.

Essa afirmação é constatada na Tabela 36 onde se percebe que, tanto os homens, quanto as mulheres – 43,1% e 33,3% respectivamente – trabalham mais de 40 horas. Numa segunda posição, destacam-se os jovens que se ocupam cerca de 20 a 40 horas semanais, sendo de 28,3% para os homens e de 27,4% para as mulheres.

**Tabela 36**  
**Horas de trabalho semanais, remuneradas ou não remuneradas, dos jovens que trabalham, segundo o sexo – Fortaleza - março/2017**

Especificação por horas / semana	Sexo	
	Masculino	Feminino
Até 06	6,7	7,4
6 a 12	7,5	10,7
12 a 20	12,9	18,9

Especificação por horas / semana	Sexo	
	Masculino	Feminino
20 a 40	28,3	27,4
Mais de 40	43,1	33,3
Não sabe/não respondeu	1,5	2,3
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Tratando-se do número de horas trabalhadas por semana, de acordo com a faixa etária, registra-se na Tabela 37 os seguintes destaques: os homens de 15 a 19 anos trabalham até 20 horas por semana; já para as mulheres, sobressaem-se aquelas num regime de até 40 horas por semana (42,4%). Na faixa de mais de 40 horas, destacam-se os homens com 41,1%, e as mulheres com 31,5%. Por fim, com idade de 25 a 29 anos, num regime de mais de 40 horas por semana, lideram os homens com 52,4% e as mulheres alcançam 37,2%.

**Tabela 37**

**Horas de trabalho semanais, remuneradas ou não remuneradas, dos jovens que trabalham, segundo o sexo e a idade – Fortaleza – março/2017**

Especificação	15 a 19		20 a 24		25 a 29	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Até 06 horas	22,0	6,1	4,0	9,3	4,7	6,2
Até 12 horas	6,0	6,1	6,6	6,5	8,8	15,5
Até 20 horas	30,0	21,2	12,6	19,4	8,2	17,8
Até 40 horas	24,0	42,4	33,8	31,5	24,7	20,2
Mais de 40 horas	18,0	24,2	41,1	31,5	52,4	37,2
Não sabe/Não respondeu	—	—	1,9	1,8	1,2	3,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Ainda no tocante ao número de horas trabalhadas por semana, segundo a Organização Internacional do Trabalho – OIT, as pessoas que desenvolvem as suas atividades laborais durante um período inferior a 40 horas e que desejam trabalhar mais estão sob a condição de subemprego visível.

Nesse contexto, de acordo com os números da Tabela 38, confere-se maior participação relativa das mulheres, sendo de 30,37% contra 23,45%

do sexo masculino. Considerando-se um contingente de 55.119 jovens ocupados, conforme estimativa anterior, pode-se estimar que 16.740 jovens do sexo feminino estão sob a condição de subemprego visível, enquanto que para os homens, a projeção é de 12.925 pessoas.

**Tabela 38**

**Jovem que gostaria de trabalhar um maior número de horas por semana, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino	Feminino
Sim	23,45	30,37
Não	70,35	65,56
Não sabe/não respondeu	6,20	4,07
Total	100,00	100,00

Fonte: Pesquisa direta.

Analisando o subemprego de acordo com as variáveis sexo e grau de instrução, independentemente do gênero, destacam-se participações mais representativas nos níveis de escolaridade de Ensino Médio completo e incompleto.

**Tabela 39**

**Jovem que desejaria trabalhar um maior número de horas por semana, segundo o sexo e o grau de instrução – Fortaleza – março/2017**

Grau de instrução	Sexo	
	Masculino	Feminino
Não sabe ler e nem escrever	—	1,2
Sabe ler e escrever	—	—
Ensino Fundamental completo	13,8	12,2
Ensino Fundamental incompleto	11,5	13,4
Ensino Médio completo	34,5	32,9
Ensino Médio incompleto	27,6	20,7
Técnico completo	—	1,2
Técnico incompleto	—	1,2
Superior completo	4,6	1,2
Superior incompleto	6,9	14,6
Pós-graduado	1,1	1,4
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

A Tabela 40 apresenta a situação de empregabilidade do jovem. Nesse contexto, o homem se faz mais presente no setor formal da economia, em comparação às mulheres, posto que, 41,8% trabalham com carteira assinada, enquanto que para as jovens, a participação é de 37,4%. Numa segunda posição, sobressai-se a atividade ‘autônoma’, onde as frequências relativas por sexo são de 26,4% para os homens e de 34,8% para as mulheres. O que se constata com isso é o fato de as mulheres superarem os homens nessa atividade, em 31,8%. Por fim, convém destacar que é inexpressiva a participação dos jovens no setor público, notadamente para o sexo feminino, que é de apenas 0,7%.

**Tabela 40**  
**Situação de empregabilidade do jovem, segundo o sexo – Fortaleza - março/2017**

Especificação	Sexo	
	Masculino	Feminino
Servidor público	2,2	0,7
Empregado com carteira de trabalho	41,8	37,4
Empregado sem carteira de trabalho	21,3	19,6
Autônomo dependente	12,1	14,1
Autônomo independente	14,3	20,7
Trabalhador familiar	4,0	3,7
Empresário	0,8	0,7
Estagiário	1,4	0,4
Doméstica	0	0,7
Não sabe/não respondeu	2,1	2,0
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Quando indagados acerca do local de trabalho, especificamente para aqueles integrantes da categoria dos autônomos, observa-se que as mulheres jovens apresentam uma maior frequência, em comparação aos homens, no que se refere ao desenvolvimento da sua atividade na própria residência, com o registro de 60,6%; sendo esse valor superior em 65,1% à frequência dos homens (36,7%). Este resultado mostra que apesar de as mulheres nos últimos anos terem marcado maior presença no mercado de trabalho, ainda é muito expressiva a sua atividade no próprio domicílio. Os

dados sinalizam ainda o fato de que a jovem, para melhor contribuir com os rendimentos da família, tenta conciliar a sua atividade laboral com aquelas mais relacionadas a atividades domésticas (Tabela 41).

**Tabela 41**

**Local onde os jovens autônomos desenvolvem suas atividades, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino	Feminino
Em casa	36,7	60,6
Fora de casa	60,2	36,2
Não sabe/não respondeu	3,1	3,2
Total	100,00	100,00

Fonte: Pesquisa direta.

Os resultados presentes na Tabela 42 ratificam as hipóteses mencionadas anteriormente, na medida em que a comercialização dos produtos se dá de forma mais expressiva, no ambiente do lar, exatamente no local onde mais frequentemente os jovens trabalham. Por gênero, destacam-se as mulheres, cuja frequência é da ordem de 53,2%. Na segunda posição, sobressai-se a “comercialização dos produtos na rua”, com participação de 24,5%. Nesse caso, diferentemente do anterior, a frequência maior se dá para os jovens do sexo masculino (28,6%).

**Tabela 42**

**Local onde o jovem autônomo comercializa os seus produtos – Fortaleza - março/2017**

Especificação	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Em casa	32,7	53,2	42,7
Rua	28,6	20,2	24,5
Feiras livres	12,2	8,5	10,4
Lojas	11,2	3,2	7,3
Facção	4,1	3,2	3,6
Encomenda	3,1	2,1	2,6
Casa cliente	--	4,3	2,1
Casa de terceiros	2,0	1,1	1,6
Internet	--	3,2	1,6
Festas	2,0	0,0	1,0
Comércio familiar	2,0	0,0	1,0

Especificação	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Outros	6,0	3,3	4,5
Ns/Nr	2,0	2,1	2,1
Total	100,0	100,00	100,00

Fonte: Pesquisa direta.

Ainda sobre o subemprego, os jovens que têm uma renda mensal inferior ao atual salário mínimo (R\$ 927,00) estão sob a condição de subemprego invisível. Procedendo-se a uma interpolação para estimar a representação relativa dos jovens autônomos, sob essa condição, estima-se uma frequência de 33,7% para os homens e 65,7% para as mulheres (Tabela 43). Este resultado indica mais uma vez que o rendimento das atividades laborais desenvolvidas pelas mulheres é bem inferior ao dos homens, na medida em que 65,7% estão sob a condição de subemprego invisível, contra 33,7% dos jovens do sexo masculino. Com esse resultado, admite-se uma precarização do trabalho, mais evidente para as mulheres; ou seja, é preciso estabelecer políticas que arrefeçam de forma mais efetiva a igualdade dos rendimentos, independentemente do gênero.

**Tabela 43**

**Valor da remuneração do trabalho de autônomo, segundo o sexo –  
Fortaleza – março/2017**

Faixas	Sexo	
	Masculino	Feminino
Menos de R\$ 300,00	7,1	21,3
De R\$ 301,00 a R\$ 500,00	4,1	25,5
De R\$ 501,00 a R\$ 880,00	20,4	18,1
De R\$ 881,00 a R\$ 1.760,00	46,9	18,1
De R\$ 1.761,00 a R\$ 2.640,00	13,3	12,8
Mais de R\$ 2.640,00	8,2	1,1
Não sabe/não respondeu	--	3,1
Total	100,00	100,00

Fonte: Pesquisa direta.

Observando-se os números da Tabela 44, ratifica-se a afirmação anterior, posto que o rendimento mais frequente das mulheres mostra-se inferior ao dos homens, em 3,4 vezes; ou seja, o sexo feminino tem um

rendimento mais frequente de apenas, 29,4%. Ademais, trabalhando-se com o rendimento mediano, 50% dos homens auferem um valor máximo de R\$ 842,12. Já no conjunto das mulheres, esse rendimento é de R\$ 524,87; isto é, 62,3%, comparativamente ao valor dos homens.

Por fim, ainda sobre a distribuição de probabilidade dos rendimentos (Tabela 43) e as medidas de posição (Tabela 44), mais uma vez, confirma-se o fato de a mulher ter um menor rendimento, comparativamente ao dos homens, através da assimetria da distribuição; na medida em que, no segmento masculino, depara-se com uma distribuição assimétrica negativa, ratificando-se com isso a composição da renda nas faixas mais elevadas. Por outro lado, no conjunto das mulheres, essa assimetria é positiva, visto que as maiores frequências de rendimento situam-se nas menores faixas.

**Tabela 44**

**Remuneração média, modal e mediana do trabalho do jovem, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Medidas de posição	Sexo	
	Masculino	Feminino
Média	R\$ 629,00	R\$ 600,63
Modal	R\$ 1.268,37	R\$ 373,35
Mediana	R\$ 842,12	R\$ 524,87

Fonte: Pesquisa direta.

Outro aspecto importante a identificar é o nível do conhecimento do jovem, acerca dos fatores que interferem na sua inserção no mercado de trabalho. Conforme os números da Tabela 45, registra-se um resultado alentador, na medida em que, pelas informações prestadas, admite-se – em hipótese – que o jovem está ciente da relação direta entre o nível de escolaridade e as maiores possibilidades de inserção no mercado.

Analisando-se os resultados referentes aos itens mencionados, registra-se uma frequência de 67,7%, sendo de 66,8% para os homens e de 68,9% para as mulheres.

Numa segunda posição, sobressai-se a ‘experiência’, com participação de 66,1%, sendo de 65,0% para os homens e de 67,8% para as

mulheres. É importante destacar o fato de as mulheres superarem os homens, tanto na opinião referente à “escolaridade”, como também no item “experiência”, demonstrando com mais evidência o seu nível de consciência acerca das atuais exigências do mercado. Os dois itens mencionados são apontados como os fatores mais relevantes quando da oferta de uma oportunidade de emprego, notadamente no setor formal da economia.

**Tabela 45**

**Opinião do jovem sobre os fatores que interferem na inserção no mercado de trabalho, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Escolaridade	66,8	68,9	67,7
Experiência	65,0	67,8	66,1
Conhecimento das novas tecnologias	42,3	36,3	39,8
Indicação para vaga por pessoa conhecida	27,2	23,0	25,4
Aparência	16,7	18,1	17,3
Idade	5,1	7,4	6,1
Outros	0,5	0,4	0,5
Não sabe/não respondeu	1,3	3,3	2,2

Fonte: Pesquisa direta.

Observação: Na perspectiva de avaliar de forma mais precisa a opinião dos jovens, no que se referem aos fatores que interferem na sua inserção no mercado de trabalho, os jovens prestaram mais de uma resposta, o que justifica a ausência dos totais relativos.

Outra investigação sobre o mercado de trabalho buscou conhecer os meios utilizados pelo jovem para ingressar no seu primeiro emprego. Conforme os números da Tabela 46, 24,3% conseguiram por “indicação”, sendo de 24,0% a participação dos homens e 24,5% a das mulheres. Numa segunda posição, registra-se o item ‘sozinho’, com representação de 14,8%. É importante destacar, que esse resultado é mais repetido para os homens, cuja frequência é de 15,2%, sendo superior ao das mulheres em 5,6%. Na terceira classificação, registra-se o item ‘ajuda dos amigos/colegas’, com 11,8%. Por gênero, essa alternativa é a mais representativa para os jovens do sexo masculino (13,0%).

**Tabela 46**  
**Como o jovem conseguiu seu primeiro trabalho, segundo o sexo –**  
**Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Indicação	24,0	24,5	24,3
Ajuda dos pais/familiares	17,4	11,7	14,4
Sozinho	15,2	14,4	14,8
Ajuda de amigos/colegas	13,0	10,7	11,8
Programa Jovem Aprendiz	4,4	4,8	4,6
Estágios	3,3	3,6	3,5
Agência de empregos	0,2	0,2	0,2
SINE	0,8	1,1	1,0
Seleção/Concurso	0,6	0,7	0,7
Outros	0,3	0,2	0,3
Nunca trabalhou	19,6	27,0	23,6
Não sabe / não respondeu	1,2	1,1	0,8
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Pesquisa direta.

Tratando-se do setor de atividade econômica, de interesse do jovem, observa-se na Tabela 47 o destaque para o comércio, que alcança uma pontuação da ordem de 30,0%. Por gênero, as mulheres se destacam com 31,1%, seguida pelos homens, com uma frequência relativa de 28,8% de interesse pela referida atividade econômica. Na segunda posição, desponta o setor administrativo financeiro, com frequência de 14,2%. É importante ressaltar que esse setor foi apontado de forma mais incidente pelos homens, com frequência de 14,7%, seguido pelas mulheres, que alcançaram a pontuação de 13,7%. Por fim, registra-se o setor industrial, com 11,0% em que, por gênero, os homens se sobressaem com 13,4%.

**Tabela 47**  
**Setor de atividade econômica, que o jovem tem interesse em atuar –**  
**Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Comercial	28,8	31,1	30,0
Industrial	13,4	8,9	11,0
Administrativa/Financeira	14,7	13,7	14,2
Jurídica	4,4	2,6	3,4
Parlamentar/Político	0,3	0,2	0,3
Computação	9,7	4,7	7,1
Mecânica/Eletrônica	10,4	0,5	5,2
Militar/Forças Armadas	8,0	2,7	5,2
Segurança Pública (Militar e Civil)	8,8	2,5	5,4
Psicologia	2,5	5,0	3,9
Educação	6,5	6,7	6,6
Saúde	6,8	24,0	15,9
Social	1,8	3,2	2,6
Estilismo e Moda	1,5	4,4	3,0
Estética e Cosmética	1,6	7,5	4,7
Esportiva	12,0	2,4	6,9
Cultural/Artística	3,2	1,9	2,6
Gastronomia	3,9	5,7	4,9
Propaganda e Marketing	1,8	2,0	2,0
Outras	--	--	--
Doméstica	0,1	1,5	0,9
Construção Civil	2,8	0,7	1,7
Costura (Confecção)	0,3	0,8	0,6
Outros	4,5	5,0	4,8
Não sabe/não respondeu	0,7	1,3	1,0
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa direta.

Indagados os entrevistados sobre o que gostariam de alcançar com a realização de uma atividade profissional, conforme a Tabela 48, destaca-se o item 'dinheiro', com uma participação de 25,6%. Numa abordagem por gênero, prevalecem às mulheres, com 27,2%; ou seja, superior em 14,3% ao segmento masculino. Numa segunda posição, destaca-se o item 'sucesso', ressaltando-se o fato de os homens opinarem sobre esse item, com frequência de 22,7%, superior ao percentual das mulheres em 6,1%.

Por fim, na terceira posição, registram-se os itens ‘felicidade’ para os jovens do sexo masculino (19,6%) e ‘satisfação pessoal’ para o feminino, cuja representação é de 17,9%.

**Tabela 48**

**O que o jovem gostaria de alcançar, através de uma atividade de trabalho  
– Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Dinheiro	23,8	27,2	25,6
Sucesso	22,7	21,4	22,0
Felicidade	19,6	16,4	17,9
Poder	1,2	1,2	1,2
Status	1,6	1,0	1,3
Reconhecimento	12,1	12,1	12,1
Satisfação pessoal	16,7	17,9	17,4
Outros	0,9	1,3	1,1
Não sabe/não respondeu	1,4	1,5	1,4
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

### 3.4 Meios de informação

**Tabela 49**

**Meios de comunicação que o jovem utiliza para se informar, segundo o  
sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Televisão	64,3	69,5	67,0
Rádio comercial	13,4	14,1	13,8
Jornais/revistas impressos	7,0	4,1	5,5
Rádio comunitária	2,9	2,8	2,8
Internet	88,6	83,6	85,9
Outros	0,9	0,6	0,8
Ns/Nr	1,0	1,4	1,2

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Os jovens contemporâneos podem ser considerados notadamente bem informados, sobretudo pela capacidade de estarem permanentemente ligados através das redes sociais, acessando tudo o que acontece no mundo em tempo real. O meio que mais usam para receber informações é a internet

(85,9%), seguida de televisão (67%) e rádio comercial (13,8%). Isso reflete o impacto que as mídias sociais exercem na formação dessa parcela da população. A pesquisa *Retratos das Juventudes* apresentou dados bem diferentes para esse cenário: a fonte de informação principal dos jovens – há 10 anos – era telejornal (61,4%), seguido de internet (13,6%).

Essa é a denominada geração Y: jovens que, desde que nasceram, têm contato com as novas tecnologias da informação, cresceram ligados às redes sociais e têm mais acesso as múltiplas fontes de informação. Essa geração passa mais tempo na internet e menos na frente das televisões. Para Oliveira (2012), tal conceito de Geração Y é controverso, uma vez que a ideia de uma geração mundial - ainda que pensemos em termos de globalização - despreza o contexto social em que vivem os jovens. E afirma:

“A influência da tecnologia se faz tão presente que, enquanto nos anos 1960 afirmava-se que a diferença entre as gerações se dava, principalmente, pelos valores, hoje arrisca-se dizer que essa diferença é atribuída, sobretudo, aos avanços tecnológicos (COIMBRA; SCHIKMANN, 2001). Tulgan (2009) reforça, ainda, que esta é uma geração de jovens altamente qualificados e, principalmente, voltada para o imediatismo. Seriam estas características de todos os jovens brasileiros nascidos em um determinado período?” (OLIVEIRA, 2012, P.553).

Respeitando as especificidades do Brasil, considerando ainda o grande abismo existente entre os jovens – nos mais diversos segmentos sociais, culturais e étnicos – percebemos que as novidades tecnológicas e as redes sociais são amplamente acessíveis aos jovens.

**Tabela 50**

**Acesso à internet pelo jovem, segundo o sexo – Fortaleza - março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Sim	93,6	90,3	91,9
Não	6,4	9,7	8,1
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Esse dado reforça o quadro anterior, no qual 91,9% dos jovens de Fortaleza têm acesso à internet, tantos os homens quanto as mulheres.

**Tabela 51**  
**Equipamento que costuma usar, com maior frequência, para acessar a internet, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Computador próprio	14,8	11,0	12,8
Computador público	0,5	0,3	0,4
Computador de instituições escolares	0,0	0,0	0,0
Computador de <i>lan house</i>	0,9	0,6	0,7
Computador de amigos	0,7	0,8	0,8
Computador do trabalho	0,7	0,5	0,6
<i>Tablet/Smartphone</i>	81,8	86,2	84,0
Outros	0,6	0,6	0,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem usa internet.

Entre os que fazem uso de internet, 84,0% acessam-na pelo *tablet* ou *smartphone*, 12,8% por computador próprio. É relevante observar que nenhum deles afirmou ter acesso à internet através de computadores escolares. Esse dado pode refletir o fato de as escolas ainda não estarem aparelhadas com quantidade suficiente de computadores, mas também aponta que a escola, enquanto porta que deveria ser de entrada para formação desses jovens, não utiliza a linguagem que lhes é mais próxima: a internet.

**Tabela 52**  
**Finalidades do jovem ao usar a internet, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Acesso a redes sociais	90,1	91,1	90,7
Acesso a jogos	28,2	12,5	20,0
Acesso para compras	9,5	9,3	9,4
Acesso para pesquisas	47,0	48,8	47,9
Acesso para estudos	29,5	26,3	27,8
Acesso para trabalho	24,0	24,1	24,1
Acesso para notícias	43,3	45,9	44,6

Continua...

...continuação

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Acesso para relacionamento	13,8	8,9	11,2
Acesso para conversas/bate-papo	32,8	30,2	31,4
Outros	0,9	0,5	0,7
Ns/Nr	0,2	0,1	0,2

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Nota: Somente para quem usa internet.

Os jovens entrevistados utilizam a internet para acessar as redes sociais (90,7%), para fazer pesquisas (47,9%) e para ter acesso às notícias (44,6%). Eles estão neste meio para conversar, obter informações e se comunicar. Também usam-na como fonte de estudos (27,8%) e de trabalho (24,1%).

**Tabela 53**

**Frequência de acesso à internet – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Diariamente	87,1	87,6	87,4
Semanalmente	8,9	8,6	8,7
Mensalmente	0,7	0,8	0,8
Eventualmente	1,6	1,8	1,7
Nunca	0,0	0,0	0,0
Ns/Nr	1,7	1,2	1,4
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem usa internet.

A frequência com que utilizam a internet é muito significativa: 87,4% diariamente; apenas 8,7% disseram usar semanalmente. Mais uma vez esse dado reflete que a internet tem um grande impacto na formação e na comunicação desses jovens. É o meio que lhes está mais próximo e que podem acessar de casa ou da rua, com seus celulares e *tablets*. 97,9% dos jovens dizem usar as redes sociais, sendo quase igual o percentual de homens e mulheres, conforme já avaliamos anteriormente.

**Tabela 54**

**Redes sociais que o jovem usa, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
<i>Facebook</i>	91,9	92,9	92,4
<i>Twitter</i>	10,8	8,4	9,5
<i>Instagram</i>	35,9	40,0	38,0
<i>LinkedIn</i>	1,6	1,4	1,5
<i>Google +</i>	15,0	17,4	16,2
<i>WhatsApp</i>	84,3	87,6	86,0
<i>Snapchat</i>	6,2	7,9	7,1
<i>Tinder</i>	1,5	1,0	1,3
Outros	0,5	0,7	0,6
<i>Youtube</i>	2,5	2,3	2,4

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Nota: Somente para quem usa internet.

As redes sociais mais populares entre os jovens são: 92,4% *Facebook*, 86% *WhatsApp*, 38% *Instagram*. Várias pesquisas no âmbito nacional já constatavam anteriormente essa informação.

### 3.5 Política e participação social

Sobre o significado da política para os jovens, estes apontaram em uma pergunta com resposta livre, sem estimulação de opções de resposta, o que a política significa para eles: ‘roubalheira/vagabundagem/bando de ladrões’ (26,3%), com uma larga distância das outras respostas. As demais foram: ‘não significa nada’ (5,2%), ‘corrupção’ (4,8%), ‘mudança para o povo’ (4,6%), ‘não seve para nada’ (3,3,%), ‘palhaçada/vergonha/circo’ (2,7%) e ‘decepção/não acredita na política’ (2,7%).

Observa-se que a política é vista como uma representação negativa pelos jovens. Há que se considerar que as representações sociais são contextualizadas pelo tempo e lugar no qual elas são produzidas; portanto, se temos hoje uma exposição de casos de corrupção, de descrenças institucionais e deslegitimidade dos processos democráticos e de participação social, os jovens dialogam com essas ideias, pois seus imaginários e comportamentos também dialogam com seu tempo.

Para Hannah Arendt<sup>8</sup> (2005), a política é ação em comum acordo, ação em conjunto, sendo reflexo da condição plural do homem com fim em si mesma. Nesse sentido, a liberdade e a ação política são sinônimas, pois não é enclausurando-se nem utilizando-se unicamente da capacidade de pensar ou de querer, que um indivíduo passa a ser livre. Para a autora, a liberdade existe onde a condição plural do homem não seja desconsiderada.

Sendo assim, a política poderia ser uma experiência mais comum na vida dos jovens, considerando que a ideia de 'liberdade' é um signo que a juventude busca alcançar através de formas não convencionais ou não tradicionais de se comportar ou de pensar; haja vista que esses conservadorismos comportamentais geralmente são exigências institucionais, seja da família, da escola ou da religião. No entanto, os jovens entrevistados nesta pesquisa não reconhecem a participação social e a política como algo positivo, mas sim dentro de uma perspectiva imoral.

As falas seguintes são os destaques das discussões nos Grupos Focais realizados com os jovens. Nota-se a diversidade de sentidos e lugares atribuídos à política:

*“Tenho zero interesse, só voto porque é obrigatório.” (18 a 19 - CD)*

*“Tem muita coisa errada, todos roubam.” (20 a 24 - CD)*

*“Eles mesmos tiram o Temer e não foram eles que botaram a Dilma?” (15 a 17 - CD)*

*“Manifestação eu fui, para protestar, fazer a coisa certa.” (20 a 24 - AB)*

*“As políticas de esquerda são geralmente para as pessoas marginalizadas.” (20 a 24 - CD)*

*“Sou de esquerda, ou centro-esquerda.” (18 a 19 - AB)*

*“Sou de direita, porque esquerda é ilusão do social.” (20 a 24 - AB)*

*“Os jovens têm que mudar as coisas.” (15 a 17 - CD)*

---

<sup>8</sup> ARENDT, Hannah. A Condição Humana. Trad. Roberto Raposo. 10a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

*“O que deveria fazer para melhorar a política no Brasil: Barack Obama vir pra cá, entrar um que não rouba, vamos deixar a política para os velhos e vamos viver a nossa adolescência.” (15 a 17 - CD)*

*“Eu sou PT, meu professor fala, ninguém pode falar nada. Não vamos discutir em sala de aula, ele é gente boa, mas...” (20 a 24 - CD)*

Ao classificar sua posição política, os jovens entrevistados afirmaram que, em sua maioria, 68% não sabem se identificar. No entanto, 10,7% disseram que são de direita, 8,5% apolíticos e 6,7% de esquerda, conforme aponta a tabela abaixo:

**Tabela 55**  
**Posição política da população jovem de Fortaleza – Fortaleza –**  
**março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Sou de direita	12,0	9,5	10,7
Sou de centro-direita	0,8	0,1	0,4
Sou de centro	2,0	0,5	1,2
Sou de esquerda	6,8	6,6	6,7
Sou de centro-esquerda	0,5	0,1	0,3
Sou libertário	1,7	0,2	0,9
Sou apolítico	7,2	9,7	8,5
Sou anarquista	0,9	1,3	1,1
Não sei me classificar	65,7	70,0	68,0
Outros	1,5	0,6	1,0
Ns/Nr	0,9	1,4	1,2
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Sobre suas experiências de identificação com a política, os jovens afirmaram que 79% não são interessados em política, 97,6% não militam em partidos políticos, 81,2% não participam de manifestações de rua e 81,2% não publicam na internet suas visões políticas. Nota-se uma baixa participação na vida política, bem como, pouco interesse em manifestar publicamente seus posicionamentos políticos e ideológicos. O quadro abaixo apresenta outras informações apontadas pelos entrevistados:

**Tabela 56**  
**Experiências sobre política com as quais o jovem se identifica – Fortaleza**  
**- março/2017**

Especificação	Masculino (%)			Feminino (%)			Total (%)		
	sim	não	total	sim	não	total	sim	não	total
Interessa-se por política	25,5	74,5	100,0	16,9	83,1	100,0	21,0	79,0	100,0
Milita em partidos políticos	3,6	96,4	100,0	1,4	98,6	100,0	2,4	97,6	100,0
Milita em entidades de direitos humanos e ambientais	8,3	91,7	100,0	8,8	91,2	100,0	8,6	91,4	100,0
Milita em sindicatos e associações profissionais	6,0	94,0	100,0	5,6	94,4	100,0	5,8	94,2	100,0
Participa de mobilizações de rua	13,9	86,1	100,0	9,7	90,3	100,0	11,7	88,3	100,0
Atua em conselhos, fóruns e audiências públicas	2,7	97,3	100,0	0,9	99,1	100,0	1,7	98,3	100,0
Publica na internet a sua visão política	21,0	79,0	100,0	16,8	83,2	100,0	18,8	81,2	100,0
Acha a participação política importante, mas não se manifesta publicamente	39,6	60,4	100,0	39,8	60,2	100,0	39,7	60,3	100,0
Acredita que a participação política possa causar mudanças sociais	49,9	50,1	100,0	46,2	53,8	100,0	47,9	52,1	100,0
Milita em entidades populares	7,9	92,1	100,0	7,4	92,6	100,0	7,6	92,4	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Sobre as instituições/entidades das quais participam, os jovens revelaram que 66,4% das mulheres e 73,5% dos homens não participam de nenhuma das instituições listadas no questionário da pesquisa. As mais citadas pelos jovens de ambos os sexos foram: grupos religiosos (15,9%), grupos esportivos ou recreativos (9,1%), grupos culturais e artísticos (4,6%), associações comunitárias (3,5%) e associações estudantis (2,6%).

A pesquisa de 2006 também apontou o destaque aos grupos religiosos (65,4%) e esportivos (59,5%) como associações/entidades das quais os jovens fazem parte ou já fizeram. Abaixo os dados da pesquisa atual:

**Tabela 57**  
**Instituições e entidade que o jovem participa, segundo o sexo – Fortaleza**  
**– março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Associação comunitária	3,6	3,4	3,5
Partidos políticos	0,6	0,4	0,5
Associação estudantil	3,0	2,3	2,6
Entidade de defesa das Mulheres, negros e LGBT	1,4	2,7	2,1
Grupo esportivo ou recreativo	14,9	4,0	9,1
Grupos culturais e artísticos	6,6	2,9	4,6
Entidades de defesa do meio ambiente	1,8	1,9	1,9
Entidades de defesa de direitos humanos	1,8	1,1	1,5
Movimentos populares	1,5	2,2	1,8
Associações ou movimentos rurais	0,5	0,6	0,5
Grupo religioso	15,4	16,3	15,9
Nenhuma delas	66,4	73,5	70,1
Outros	0,2	0,1	0,2
Ns/Nr	0,6	1,0	0,8

Fonte: Pesquisa direta.  
 Resposta múltipla.

No que diz respeito as suas participações em grupos culturais e/ou esportivos, existe uma diferenciação de gênero. As modalidades mais apontadas pelas mulheres foram: dança (41,3%), academia (31,7%), teatro (19,2%), equipe de futebol (17,3%) e equipe de vôlei (14,8%). Já para os meninos os destaques foram: equipe de futebol (55,4%), academia (25,5%), música (19,1%), grupo de capoeira (18,9%) e equipe de lutas (17,2%). A tabela abaixo apresenta os demais dados:

**Tabela 58**

**Grupos culturais e/ou esportivos que o jovem participa ou já participou, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Teatro	14,8	19,2	17,1
Malabares ou circense	1,0	0,9	1,0
Dança	16,5	41,3	29,6
Grafite/Pichação	6,2	1,0	3,5
Música	19,1	14,5	16,7
Literatura	6,8	5,7	6,2
Artesanato	6,2	7,4	6,8
Fotografia	4,0	4,0	4,0
Cinema	4,2	3,3	3,7
Mídias alternativas (rádios, murais, blogs, revistas)	3,7	1,7	2,7
Equipe de futebol	55,4	17,3	35,2
Equipe de vôlei	12,5	14,8	13,7
Equipe de basquete	8,2	3,0	5,4
Equipe de surf	5,4	0,7	2,9
Equipe de natação	8,8	6,5	7,5
Equipe de lutas	17,2	6,3	11,4
Skate	7,5	2,3	4,7
Grupo de capoeira	18,9	10,8	14,6
Academia	25,5	31,7	28,8
Assessoria esportiva	2,7	1,1	1,8
Nenhum deles	11,2	21,7	16,8
Outros	1,0	0,9	1,0

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Com isso, observa-se que as entidades e instituições de participação juvenil são as representativas das atividades de lazer e de cultura. Portanto, são esses os espaços de ação em comum acordo, ação em conjunto, reflexo da condição plural do homem, como designa Arendt (2005) ao falar da política, de que os jovens se ocupam.

Assim, destaca-se que as atividades coletivas juvenis atualmente estão mais vinculadas à diversão (ou de emprego e renda pela via das expressões artísticas) do que ao compromisso com a cidadania e participação social e política. Tais informações sinalizam que os jovens entrevistados nesta pesquisa estão distantes dos espaços de participação social e da vida política de cidade.

### 3.6 Interesses, preocupações e valores

**Tabela 59**

**Frases citadas e a opinião do jovem se concorda ou discorda, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino (%)			Feminino (%)			Total (%)		
	Concordo	Discordo	Ns/Nr	Concordo	Discordo	Ns/Nr	Concordo	Discordo	Ns/Nr
Deveria ter pena de morte no Brasil	61,7	38,3	0,0	64,1	35,9	0,0	63,0	37,0	0,0
Professores podem expressar suas opiniões em sala de aula	77,1	22,9	0,0	80,5	19,5	0,0	78,9	21,1	0,0
Aborto <b>NÃO</b> deveria ser crime	23,3	76,2	0,5	20,5	79,4	0,1	21,8	77,9	0,3
A maconha deveria ser legalizada	38,3	61,1	0,6	27,2	72,7	0,1	32,4	67,3	0,3
A polícia é violenta/truculenta	67,6	31,6	0,8	66,2	33,1	0,7	66,8	32,4	0,8
Deveria ter redução da maioria penal	73,6	26,2	0,2	76,3	23,7	0,0	75,0	24,9	0,1
Homens deveriam contribuir com tarefas domésticas	93,7	6,2	0,1	95,1	4,8	0,1	94,4	5,5	0,1
Bandido bom é bandido morto	49,4	50,0	0,6	47,0	52,8	0,2	48,2	51,5	0,3
Casais homossexuais podem adotar criança	62,9	37,0	0,1	73,5	26,5	0,0	68,5	31,4	0,1
Pobres são culpados pela violência	14,4	85,5	0,1	17,1	82,7	0,2	15,9	84,0	0,1
Dinheiro traz felicidade	37,8	62,1	0,1	36,6	63,2	0,2	37,1	62,7	0,2
Homens e mulheres são iguais e deveriam receber o mesmo salário	92,0	8,0	0,0	93,9	6,1	0,0	93,0	7,0	0,0

Fonte: Pesquisa direta.

Ao serem oferecidas assertivas, para que os jovens refletissem e opinassem se concordavam ou discordavam, assim responderam sobre seus

valores: 94,4% acreditam que os homens deveriam contribuir com tarefas domésticas e 93% afirmam que homens e mulheres são iguais e deveriam receber o mesmo salário. Interessante apontar essa mudança no modo como homens e mulheres vêm compreendendo as relações entre os gêneros, de modo mais igualitário. Mais ainda, quando se trata de jovens que cresceram no nordeste brasileiro, região que ainda revela um forte machismo e relações hierárquicas de gênero, refletindo as desigualdades.

Embora as bandeiras feministas tenham avançado amplamente no Brasil nos últimos 20 anos, com políticas voltadas para as mulheres, criação das delegacias da mulher para registrar casos de violência, que continua com dados alarmantes em todo o Brasil, ainda não se solucionou a questão do trabalho doméstico. Ainda hoje as mulheres têm jornadas de trabalho duplas ou triplas, uma vez que, ao chegar a suas casas ainda assumem os afazeres domésticos, muitas vezes, sozinha. Del Priore (2000) analisa esse fenômeno tipicamente brasileiro:

“São inúmeras as dificuldades e os sacrifícios da mulher quando ela quer conciliar seus papéis familiares e profissionais. Ela é obrigada a utilizar estratégias complicadas para dar conta do que os sociólogos chamam de dobradinha infernal” (...) quando quer investir-se profissionalmente, ela acaba por hipotecar sua vida familiar ou usar todo tipo de astuciosa bricolagem, sacrificando o tempo livre que teria para seu prazer e seu lazer.” (DELPRIORE, 2000: pp.12-13).

No que diz respeito à remuneração salarial, sabe-se que mulheres receberem o mesmo salário que os homens ainda não é uma realidade no Brasil. Embora elas tenham alcançado os mais altos patamares de remuneração e reconhecimento social, Miguel e Birole (2014) afirmam que isso não significou maiores salários:

“Tempos de estudo não têm correspondido a posições melhores nem equânimes para as mulheres no mercado de trabalho, comparativamente aos homens. (...) o rendimento mensal médio dos trabalhadores homens é, por sua vez, quase o dobro das mulheres (...) nos estratos com rendimento maior do que vinte salários mínimos, há quase três vezes mais homens que mulheres. A renda também oscila segundo sexo e cor dos indivíduos.” (MIGUEL E BIROLE, 2014: p.100).

É interessante observar que essa geração começa a romper com esses lugares-comuns historicamente delegados às mulheres. Esses jovens vêm mostrando disposição para serem diferentes das gerações anteriores. E isso se deve em parte, à heterogeneidade de informações de que dispõem hoje, através das novas tecnologias, que os aproxima de outras culturas e modos de pensar diversificados.

Outra questão importante com que concordaram foi que ‘os professores podem expressar suas opiniões em sala de aula’ (78%); e que ‘casais homossexuais podem adotar criança’ (68,5%), mostrando que estão no contraponto às propostas políticas conservadoras que persistem atualmente. Exemplo disso é a proposta *Escola sem Partido*, controverso projeto de lei 193/2016, do deputado Magno Malta, que pretende espalhar cartazes nas escolas contra o que considera ‘doutrinação ideológica’ dos professores. Muitos educadores se opõem, assim como os jovens entrevistados, principalmente pelo viés conservador e fundamentalista dessa proposta.

Interessante também é que os jovens concordam que deveria haver redução da maioria penal (75%), embora afirmem que a polícia é truculenta (66,8%). Aparentemente contraditório, concordarem com esta redução para a maioria penal quando, em sua maioria, trata-se de jovens pobres e negros, que avaliam a polícia que vai prendê-los como ‘cruel e desumana’. 48% também ainda concordam que ‘*bandido bom é bandido morto*’, revelando um discurso conservador, muitas vezes usado para criminalizar a eles próprios.

Por outro lado, esses assuntos polêmicos são amplamente divulgados nas redes sociais, suscitando posicionamentos radicais a favor e contra. São assuntos com os quais eles têm muito mais contato, hoje, por conta dessas ferramentas tecnológicas e portando, condições de tomarem posicionamentos mais consistentes.

**Tabela 60**  
**Principais problemas do Brasil na opinião do jovem, segundo o sexo –**  
**Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Desigualdade entre ricos e pobres	63,4	61,2	62,2
Corrupção política	80,7	71,4	75,8
Racismo e discriminação	36,4	41,4	39,0
Lentidão da Justiça	17,4	13,0	15,1
Violência policial	12,9	13,0	13,0
Poder dos traficantes de drogas	19,4	19,7	19,5
Desemprego para juventude	21,6	25,5	23,7
Dificuldade de acesso à saúde pública	21,4	23,5	22,5
Dificuldade de acesso ao Ensino Superior	5,1	6,0	5,6
Intolerância religiosa	3,2	2,2	2,7
Machismo	2,9	7,4	5,3
Outros	0,1	0,1	0,1
Ns/Nr	0,1	0,3	0,2

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Os principais problemas do país apontados pelos entrevistados foram: corrupção política (75,8%), desigualdade entre ricos e pobres (62,2%), racismo e discriminação 39%, desemprego da juventude 23,7%.

O Brasil passou, em 2016, por intenso movimento político com a saída da Presidente Dilma Rousseff, mediante processo de *impeachment*, seguido de ampla condenação de políticos na operação denominada *Lava Jato*. O povo brasileiro tem acompanhado a constante deflagração de operações que investigam e prendem políticos de todos os partidos no país. Além disso, há um constante aumento do desemprego de 13,7%, acarretando um montante de 14,2 milhões de pessoas (PNAD, julho/2017). Acredita-se que esse cenário conturbado influencia direta e indiretamente o posicionamento dos jovens no que concerne à credibilidade no país em que moram.

**Tabela 61**

**Na opinião dos jovens, o que pode mudar na vida dos brasileiros,  
segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Esforço pessoal	31,9	27,4	29,5
Entrega religiosa	8,7	8,3	8,5
Reforma política	40,9	33,7	37,1
Mudança no sistema econômico	23,2	21,5	22,3
Universalidade do atendimento na saúde e na educação	30,1	31,7	30,9
Geração de empregos	57,2	58,2	57,7
Combate à violência	32,2	39,2	35,9
Redistribuição de renda	6,9	8,9	8,0
Crescimento de empresas privadas	4,7	4,4	4,6
Privatização dos serviços públicos	1,8	1,6	1,7
O fim da corrupção	40,6	39,0	39,8
Outros	0,5	0,1	0,3
Ns/Nr	0,2	0,8	0,5

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Para os jovens, as suas vidas poderiam mudar com: geração de empregos (57,7%), fim da corrupção (39,8%), reforma política (37,1%) e combate à violência (35,9%). Nota-se que a juventude considera que a vida política de seu país tem impacto na vida de todos eles. A sua visão não é focada em questões mais imediatistas, mas pensam sobre as questões que afligem o Brasil. Além disso, consideram importante a manutenção dos direitos essenciais, como aqueles que dizem respeito à manutenção da saúde e da educação.

**Tabela 62**

**Opinião dos jovens acerca dos seus principais medos, segundo o sexo –  
Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Ser vítima de violência	67,1	78,0	72,9
Ficar desempregado	23,4	15,2	19,1
Morte de um familiar	58,1	56,3	57,1

Continua...

...continuação

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Não acessar a <i>internet</i>	3,3	2,5	2,9
Ficar sozinho	12,2	9,3	10,7
Terminar namoro ou casamento	3,8	2,3	3,0
Engordar	3,3	3,2	3,3
Envelhecer	4,4	2,5	3,4
Adoecer	22,6	13,9	18,0
Violência policial	16,5	13,3	14,8
Ser vítima de estupro	6,6	43,8	26,3
Morrer	36,3	24,4	30,0
Ns/Nr	0,5	0,7	0,6

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Os temores da juventude estão vinculados às perdas, especialmente de entes próximos e medo de sua própria morte. Aqueles que já são pais ou mães receiam morrerem e deixarem os filhos sozinhos.

*“Medo de perder minha mãe, meu filho, de ficar sozinha.” (15 a 17 - CD)*

*“Penso no meu filho, antigamente, minha mãe disse, que não via o que se vê hoje na rua.” (20 a 24 - CD)*

*“Eu tenho medo de morrer, tenho medo da violência.” (20 a 24 - CD)*

O medo da violência (72%) revelou-se como o principal deles. Isso se deve ao fato de ser essa a idade em que homens e mulheres começam as saídas sozinhos ou em grupos de amigos, geralmente para festas em ambientes mais distantes, e a violência é apresentada como uma angústia que assusta a todos que vivem em meios urbanos. O jovem é também a principal vítima de violência nas pesquisas recentes, sobretudo, os pobres e negros. Na pesquisa, o aumento da violência e criminalidade mostrou-se mais evidente entre os jovens das classes C e D.

Ser vítima de estupro (23,6%) foi apontado como quarto maior medo dos entrevistados; destes, 43,8%, formado por mulheres, assim se colocaram. Nós vivemos no Brasil, a chamada ‘cultura do estupro’. “É uma forma de violência simbólica, que consiste na justificação, na tolerância ou no estímulo

ao estupro.”(COLETIVO #NÃO ME KAHLO, 2016: p.164). Contudo, muitas pessoas se surpreenderam com a pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública/Datafolha (2016), que mostrava que um em cada três brasileiros concorda que a mulher tenha culpa por ser estuprada. E mais: das mulheres nordestinas, 90% disseram ter medo de sofrer violência sexual. No grupo focal essa situação também foi seguramente explorado pelas jovens:

*“Nada justifica o estupro, toda mulher tem o direito de usar a roupa do jeito que quiser. A mulher não tem que ser ensinada a se vestir, o homem que tem que se controlar.” (15 a 17 - CD)*

*“Uma amiga só que conheço foi estuprada, já era. Pegou trauma.” (15 a 17 - CD)*

*“Minha prima ia ser molestada, minha tia chegou na hora.” (20 a 24 - CD)*

*“Minha amiga tinha 16 anos, saiu com um cara de 28, o cara queria fazer tudo. Puxava a mão dela, a cabeça dela, dentro do carro dele. Ela fugiu.” (20 a 24 - CD)*

*“Eu já disse: cara, vou chamar a polícia. É muito constrangedor.” (20 a 24 - AB)*

*“Ele era conhecido, eu tinha 18 anos, eu estava indo pra casa, ele quis me agarrar, fiquei com medo. Não contei pra família, porque não queria fazer mais escândalo.” (20 a 24 - AB)*

Vivemos em um país no qual as mulheres têm medo de serem estupradas porque estavam no lugar errado e/ou com a roupa inadequada. No Brasil, a palavra da mulher vítima de violência sexual – embora tenha valor de prova – na prática é desacreditada por um discurso socialmente construído que insinua que a mulher é ‘fácil, oferecida e mentirosa’. A cultura nordestina leva homens e mulheres, desde cedo, a incorporar valores e comportamentos conservadores que reforçam as diferenças entre os papéis de ambos, tornando-se complexa essa teia de significados hierárquicos e colocando a mulher num patamar de desigualdade.

**Tabela 63**

**Jovens que vivenciaram alguma situação de preconceito / discriminação, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Sim	29,8	24,8	27,1
Não	69,4	74,7	72,2
Ns/Nr	0,8	0,5	0,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Dos entrevistados, 72% disseram não sofrer situações de preconceito ou discriminação, apenas 27% relataram alguma situação de constrangimento pelos motivos abordados.

**Tabela 64**

**Motivo pelo qual o jovem foi alvo de preconceito / discriminação, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Raça e cor de pele	32,9	32,6	32,8
Pela identidade/orientação sexual	14,7	9,9	12,4
Por causa da religião	16,3	16,1	16,2
Por causa da aparência física	49,2	39,3	44,4
Por morar onde moro	18,6	19,0	18,8
Por causa do trabalho dos pais	3,1	5,0	4,0
Por causa do seu trabalho	4,3	3,7	4,0
Pela condição econômica	14,3	14,9	14,6
Por causa da escolaridade	5,8	4,5	5,2
Outros	3,5	2,1	2,8
Ns/Nr	2,7	0,8	1,8

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Nota: Somente para quem já foi alvo de preconceito / discriminação.

Os motivos principais apontados para terem sofrido preconceitos foram: aparência física (44,4%), raça e cor da pele (32,8%) e religião(16,2%).

Na pesquisa de natureza qualitativa – que permite uma maior reflexividade dos sujeitos sobre suas práticas – foram constatadas algumas situações de preconceito.

*“Minha mãe me compara com todas as pessoas, seus pais querem te fazer viver com os padrões deles.” (15 a 17 - CD)*

*“Já fui rejeitado na Igreja por ser homossexual. Eles passaram a me evitar, não fui mais chamado para oração.” (15 a 17 - CD)*

*“Por jogar futebol e ser mulher, acham que eu sou sapatão.” (15 a 17 - CD)*

*“Já fui vítima de racismo na minha escola.” (15 a 17 - CD)*

*“Com dez anos eu parecia ter quinze, sempre fui muito grande. Por morar numa periferia e vir para a Beira-Mar, fui confundido com ladrão.” (25 a 29 - CD)*

Nesse período o jovem ainda passa por um processo de autoafirmação, de buscar sua legitimidade por seus pares, e o peso da rejeição ocupa um lugar maior.

**Tabela 65**  
**Principais desafios em ser jovem, segundo o sexo – Fortaleza –**  
**março/2017**

Especificação	Sexo (%)		Total (%)
	Masculino	Feminino	
Concluir os estudos	61,7	62,2	61,9
Conseguir um emprego	64,9	67,4	66,2
Conseguir dinheiro para suas despesas	33,7	30,5	32,0
Dar satisfação sobre a sua vida	11,0	12,6	11,8
Não ser discriminado	18,8	15,8	17,2
Ter sua opinião respeitada e considerada	35,8	36,6	36,2
Conquistar a liberdade	18,4	18,2	18,3
Outros	1,2	0,4	0,8
Nenhum	0,5	0,5	0,5
Ns/Nr	0,9	1,0	1,0

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Para os jovens, os maiores desafios dessa fase evolutiva são: conseguir um emprego (66,2%), concluir os estudos (61,9%), ter uma opinião e serem respeitados (36,2%).

As dificuldades para arranjar o primeiro emprego se devem, em parte, ao fato de o jovem não ter experiência, dentre outros fatores estruturais brasileiros em relação à acessibilidade ao primeiro emprego. Quando o jovem começa a trabalhar, geralmente passa a estudar no turno noturno e essa situação não é fácil, a maioria não se adapta à cansativa jornada dupla. Por vezes, o jovem acaba optando por apenas trabalhar e abandonam a escola.

Os jovens ainda revelaram algumas das dificuldades de terem as próprias opiniões respeitadas por seus pais:

*“Compreensão, que a vida do jovem é diferente deles.” (20 a 24 - CD)*

*“Querida que meu pai não tentasse me fazer nos moldes do meu irmão, porque sou mais novo, querem por que querem ter filhos iguais.” (20 a 24 - CD)*

**Tabela 66**

**Conhecimento dos jovens acerca dos projetos e programas dirigidos a eles em cada esfera de gestão, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino (%)				Feminino (%)				Total (%)			
	Não conhece	Conhece	Já foi atendido	Ns/ /Nr	Não conhece	Conhece	Já foi atendido	Ns/ /Nr	Não conhece	Conhece	Já foi atendido	Ns/ /Nr
1. Rede CUCA	9,0	66,6	24,4	0,0	10,8	71,2	18,0	0,0	9,9	69,1	21,0	0,0
2. Adolescente Cidadão	77,9	20,0	2,1	0,0	76,0	22,3	1,6	0,1	76,9	21,2	1,8	0,1
3. ProJovem Urbano	45,3	49,1	5,6	0,0	41,7	51,6	6,7	0,0	43,4	50,4	6,2	0,0
4. Academia Enem	32,2	56,8	11,0	0,0	29,0	59,0	12,0	0,0	30,5	58,0	11,5	0,0
5. Cursos de idiomas do IMPARH	59,1	37,6	3,3	0,0	57,8	39,3	2,9	0,0	58,4	38,5	3,0	0,1
6. Praças da Juventude	69,1	24,5	6,4	0,1	66,5	28,0	5,5	0,0	67,7	26,3	5,9	0,1
7. Credjovem	81,5	17,3	1,0	0,2	82,5	17,1	0,1	0,3	82,0	17,2	0,5	0,3
8. Juventude na onda	73,4	23,9	2,6	0,1	78,5	20,9	0,6	0,0	76,1	22,3	1,5	0,1
9. Qualifica Juventude	91,3	8,2	0,3	0,2	90,9	8,7	0,3	0,1	91,1	8,5	0,3	0,1
10. Edital Protagonismo Juvenil	95,4	4,2	0,3	0,1	93,2	6,0	0,6	0,2	94,2	5,2	0,5	0,1
11. Areninhas	5,3	50,6	44,1	0,0	8,8	60,0	31,1	0,1	7,2	55,6	37,2	0,0
12. Surfando/Oportunidades	80,0	18,7	1,2	0,1	86,6	12,8	0,4	0,2	83,5	15,6	0,8	0,1
13. Cavaleiros do Futuro	92,4	6,9	0,5	0,2	92,6	7,0	0,2	0,2	92,5	6,9	0,3	0,3
14. CREAS	49,9	44,3	5,5	0,3	45,8	48,4	5,7	0,1	47,7	46,5	5,6	0,2
15. Conselho Tutelar	17,4	75,5	6,9	0,2	12,7	78,9	7,9	0,5	14,9	77,3	7,4	0,4

Continua...

...continuação

Especificação	Masculino (%)				Feminino (%)				Total (%)			
	Não conhece	Conhece	Já foi atendido	Ns /Nr	Não conhece	Conhece	Já foi atendido	Ns/ Nr	Não conhece	Conhece	Já foi atendido	Ns/ Nr
<b>ESTADUAL</b>												
16. Centro sócio educativo (internação)	41,8	53,9	4,3	0,0	45,2	53,1	1,6	0,1	43,6	53,5	2,9	0,0
17. Primeiro Passo	25,8	61,3	12,6	0,3	21,8	66,3	11,8	0,1	23,7	64,0	12,2	0,1
18. Projeto e-Jovem	60,3	36,8	2,8	0,1	60,8	36,6	2,5	0,1	60,5	36,7	2,6	0,2
19. ProJovem Campo	76,4	21,7	1,6	0,3	79,9	19,2	0,7	0,2	78,3	20,4	1,1	0,2
20. Juventude em Ação	81,9	17,3	0,6	0,2	80,1	19,2	0,3	0,4	80,9	18,3	0,4	0,4
21. Juventude Empreendedora	84,8	14,2	1,0	0,0	84,3	15,1	0,5	0,1	84,5	14,7	0,8	0,0
<b>FEDERAL</b>												
22. ENEM	1,6	63,6	34,8	0,0	2,2	62,8	35,0	0,0	1,9	63,2	34,9	0,0
23. PROUNI	14,4	77,1	8,4	0,1	14,5	76,4	9,0	0,1	14,5	76,8	8,7	0,0
24. FIES	12,5	80,1	7,4	0,0	13,3	77,7	9,0	0,0	12,9	78,8	8,3	0,0
25. SISU	25,2	65,7	9,0	0,1	25,7	65,2	8,9	0,2	25,5	65,4	9,0	0,1
26. EJA	16,6	70,9	12,4	0,1	14,7	73,9	11,3	0,1	15,6	72,5	11,8	0,1
27. PRONATEC	22,7	71,6	5,7	0,0	24,1	70,6	5,3	0,0	23,5	71,1	5,4	0,0
28. BOLSA FAMÍLIA	2,8	61,7	35,3	0,2	1,6	55,6	42,4	0,4	2,2	58,5	39,1	0,2
<b>OUTROS</b>												
29. Escola Médio/Técnica (educação profissionalizante)	25,5	68,2	6,0	0,3	24,9	69,8	5,2	0,1	25,2	69,1	5,6	0,1
30. Transporte escolar	20,8	66,9	12,2	0,1	20,8	67,4	11,7	0,1	20,8	67,2	11,9	0,1
31. Entidades estudantis	58,7	34,8	5,9	0,6	63,2	31,4	5,0	0,4	61,1	33,0	5,5	0,4
32. Projeto Jovem do Futuro	75,4	22,3	1,8	0,5	77,6	22,1	0,3	0,0	76,5	22,2	1,0	0,3
33. Parlamento Jovem Brasileiro	91,6	7,9	0,2	0,3	91,8	8,1	0,0	0,1	91,7	8,0	0,1	0,2
34. Jovens Embaixadores	90,1	8,9	0,7	0,3	91,5	8,5	0,0	0,0	90,8	8,7	0,3	0,2
35. Atleta Escola	68,7	26,7	4,1	0,5	78,3	20,9	0,8	0,0	73,8	23,6	2,4	0,2
36. Programa de Alimentação Escolar	67,0	23,8	8,9	0,3	66,9	21,9	10,9	0,3	66,9	22,8	9,9	0,4
37. Projeto Professor Diretor de Turma	71,2	20,6	7,7	0,5	72,8	19,0	7,6	0,6	72,1	19,7	7,7	0,5

Fonte: Pesquisa direta.

Entre os **programas municipais e estaduais** apresentados aos entrevistados, os mais conhecidos pela juventude de Fortaleza são: Conselho Tutelar (77,3%), Rede Cuca (69,1%), Primeiro Passo (64%) e Academia Enem (58%).

Os **programas municipais e/ou estaduais** em que os jovens relataram terem sido mais atendidos foram: Areninhas (37,2%), Rede Cuca (21%), Primeiro Passo (12,2%) e Academia Enem (11,5%).

Os **programas municipais e/ou estaduais** que pontuaram até 0,5% de jovens atendidos foram: Credjovem, Qualifica Juventude, Cavaleiros do Futuro, Edital Protagonismo Juvenil e Juventude em ação.

No que se refere aos **programas federais** os mais conhecidos pela população jovem entrevistada são: FIES (78,8%), PROUNI (76,8%), EJA (72,5%), PRONATEC (71,1%) e SISU (65,4%).

Os **programas federais** que, segundo os jovens ouvidos pela pesquisa, lhes prestaram alguma assistência foram: BOLSA-FAMÍLIA (39,1%), ENEM (34,9%), EJA (11,8%) e SISU (9%).

**Tabela 67**

**Avaliação do atendimento dos projetos e programas pelos jovens atendidos, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino (%)				Feminino (%)				Total (%)			
	Bom	Regular	Ruim	Ns/Nr	Bom	Regular	Ruim	Ns/Nr	Bom	Regular	Ruim	Ns/Nr
1. Rede CUCA	89,6	7,6	2,4	0,4	88,6	9,7	1,7	0,0	89,1	8,5	2,1	0,3
2. Adolescente Cidadão	66,7	27,8	0,0	5,5	93,8	6,2	0,0	0,0	79,4	17,6	0,0	3,0
3. ProJovem Urbano	79,6	20,4	0,0	0,0	90,8	6,2	3,0	0,0	86,0	12,3	1,7	0,0
4. Academia Enem	86,3	12,6	1,1	0,0	86,3	12,0	1,7	0,0	86,3	12,3	1,4	0,0
5. Cursos de idiomas do IMPARH	96,4	3,6	0,0	0,0	75,0	17,9	7,1	0,0	85,7	10,7	3,6	0,0
6. Praças da Juventude	78,2	18,2	3,6	0,0	87,0	9,3	3,7	0,0	82,6	13,8	3,7	0,0
7. Credjovem	50,0	50,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	55,6	44,3	0,0	0,0
8. Juventude na onda	86,4	9,1	4,5	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	89,3	7,1	3,6	0,0
9. Qualifica Juventude	50,0	50,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	80,0	20,0	0,0	0,0
10. Edital Protagonismo Juvenil	66,7	33,3	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	88,9	11,1	0,0	0,0
11. Areninhas	92,4	3,7	2,4	1,5	87,8	8,2	3,0	1,0	90,4	5,7	2,6	1,3
12. Surfando Oportunidades	80,0	0,0	0,0	20,0	75,0	25,0	0,0	0,0	78,6	7,1	0,0	14,3
13. Cavaleiros do Futuro	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0
14. CREAS	77,1	18,8	4,1	0,0	73,2	21,4	5,4	0,0	75,0	20,2	4,8	0,0
15. Conselho Tutelar	56,7	26,7	16,6	0,0	70,1	22,1	7,8	0,0	64,2	24,1	11,7	0,0

Continua...

...continuação

Especificação	Masculino (%)				Feminino (%)				Total (%)			
	Bom	Regular	Ruim	Ns/Nr	Bom	Regular	Ruim	Ns/Nr	Bom	Regular	Ruim	Ns/Nr
<b>ESTADUAL</b>												
16. Centro sócio educativo (internação)	40,5	18,9	40,5	0,1	50,0	25,0	18,8	6,2	43,4	20,8	34,0	1,8
17. Primeiro Passo	81,7	13,8	4,5	0,0	87,8	11,3	0,9	0,0	84,8	12,5	2,7	0,0
18. Projeto e-Jovem	66,7	33,3	0,0	0,0	87,5	8,3	4,2	0,0	77,1	20,8	2,1	0,0
19. ProJovem Campo	64,3	35,7	0,0	0,0	85,7	14,3	0,0	0,0	71,4	28,6	0,0	0,0
20. Juventude em Ação	80,0	20,0	0,0	0,0	66,7	33,3	0,0	0,0	75,0	25,0	0,0	0,0
21. Juventude Empreendedora	66,7	33,3	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	78,6	21,4	0,0	0,0
<b>FEDERAL</b>												
22. ENEM	81,1	15,6	3,0	0,3	80,1	15,2	4,1	0,6	80,6	15,4	3,6	0,4
23. PROUNI	80,8	15,1	4,1	0,0	68,2	21,6	10,2	0,0	73,9	18,6	7,5	0,0
24. FIES	67,2	23,4	9,4	0,0	73,9	18,2	6,8	1,1	71,1	20,4	7,9	0,6
25. SISU	71,8	19,2	9,0	0,0	72,4	25,3	2,3	0,0	72,1	22,4	5,5	0,0
26. EJA	81,3	15,0	2,8	0,9	79,1	16,4	3,6	0,9	80,2	15,7	3,2	0,9
27. PRONATEC	69,4	26,5	4,1	0,0	80,8	15,4	1,9	1,9	75,2	20,8	3,0	1,0
28. BOLSA FAMÍLIA	78,4	14,7	4,9	2,0	82,6	11,1	5,3	1,0	80,8	12,6	5,1	1,5
<b>OUTROS</b>												
29. Escola Médio/Técnica (educação profissionalizante)	76,9	21,2	1,9	0,0	86,3	13,7	0,0	0,0	81,6	17,5	1,0	0,0
30. Transporte escolar	67,0	21,7	11,3	0,0	75,4	14,9	9,7	0,0	71,4	18,2	10,4	0,0
31. Entidades estudantis	84,6	13,5	1,9	0,0	81,6	16,3	2,1	0,0	83,2	14,9	1,9	0,0
32. Projeto Jovem do Futuro	81,3	18,7	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	84,2	15,8	0,0	0,0
33. Parlamento Jovem Brasileiro	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0
34. Jovens Embaixadores	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0
35. Atleta Escola	91,7	8,3	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	93,2	6,8	0,0	0,0
36. Programa de Alimentação Escolar	64,9	26,0	9,1	0,0	65,1	24,5	9,5	0,9	65,0	25,1	9,3	0,6
37. Projeto Professor Diretor de Turma	83,6	11,9	4,5	0,0	87,8	12,2	0,0	0,0	85,8	12,1	2,1	0,0

Fonte: Pesquisa direta.

Os **programas municipais** apresentados foram avaliados, em sua maioria, com o conceito “bom” por mais de 80% dos jovens que os utilizaram, dentre eles: Cavaleiros do Futuro (100,0%), Areninhas (90,4%), Juventude na Onda (89,3%), Rede Cuca (89,1%), Edital Protagonismo Juvenil (88,9%),

Academia ENEM (86,3%), ProJovem Urbano (86,0%), Cursos de idiomas do IMPARH (85,7%), Praças da Juventude (82,6%) e Qualifica Juventude (80,0%).

Entre os programas estaduais apresentados, apenas o “Primeiro Passo” obteve índice de avaliação positiva acima de 80% (conceito bom, 84,8%).

No que se refere aos **programas federais**, os melhor avaliados, com o conceito “bom”, foram: Bolsa Família (80,8%), ENEM (80,6%) e EJA (80,2%).

### 3.7 Saúde e sexologia

**Tabela 68**

**Identidade de gênero assumida pelas pessoas do sexo masculino e feminino – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Homem cisgênero	98,3	0,0	46,2
Mulher cisgênero	0,0	99,0	52,4
Transexual	0,9	0,1	0,5
Transgênero	0,2	0,1	0,2
Travesti	0,5	0,0	0,2
Outros	0,1	0,1	0,1
Ns/Nr	0,0	0,7	0,4
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Os jovens são os principais protagonistas das mudanças que se processam na sociedade, assim como pelo aparecimento das diferenças e pelas rupturas com antigos modelos. Percebe-se, contemporaneamente, que a sexualidade juvenil vem se revelando muito mais cedo e muito mais diversificada que em outros tempos, embora ainda existam certos tabus em torno dessa questão.

Nesta pesquisa, 98,6% dos entrevistados revelam que são cisgênero; isto é, se identificam, em todos os aspectos, com o seu ‘gênero de nascença’. É quando há uma correspondência direta entre o sexo e o gênero com que se autoidentificam.

**Tabela 69**  
**Orientação sexual, identificada pelo jovem, de acordo com o sexo –**  
**Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Heterossexual	93,2	94,7	94,0
Homossexual	5,7	2,7	4,1
Bissexual	0,7	1,2	1,0
Assexuado	0,1	0,5	0,3
Outros	0,0	0,0	0,0
Ns/Nr	0,3	0,9	0,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Dos entrevistados, 94% afirmaram ser heterossexual, 4,1% disseram ser homossexual e apenas 1% bissexual. Contudo, essas questões hoje são mais flexibilizadas, havendo por exemplo, ‘homens que fazem sexo com homens, os HSH’, que não se consideram homossexuais. O fato de, eventualmente, ter relação sexual com uma pessoa do mesmo sexo, por vezes, não impacta na orientação sexual deles, afirmam alguns dos entrevistados. Essas fronteiras são mais porosas, menos rígidas ou fixas.

*“Não tenho opção, não especifiquei, mas gosto mais de mulher. Meus pais nunca ligaram muito, acho que agora têm mais informação. Pelo fato de conseguir passar no vestibular, eles me respeitaram. É uma coisa que é tão pessoal e não tem peso na sociedade, mas a cultura dá muita importância.” (20 a 24 – CD, grifos nossos)*

Por outro lado, nos grupos focais, os jovens que se reconhecem como homossexuais falaram bastante sobre os preconceitos, que começaram dentro de suas próprias casas, rejeição familiar e todo tipo de condenação moral.

*“Quando meu pai descobriu, eu apanhei, ele ficou quatro meses sem olhar para a minha cara.” (20 a 24 - CD)*

*“A maior briga lá em casa foi por conta que eu era evangélico, quiseram me corrigir, entrei na igreja aos doze, piorou e saí.” (20 a 24 - CD)*

*“Você tem uma mãe que diz que prefere um filho traficante a gay, e aí?”  
(18 a 19 - CD)*

*“Família é a parte mais difícil, pai e mãe já é, se sentar avô e avó é impossível! Nunca ia abrir isso para eles, só para meus pais. Mas a pessoa acha que aquilo não vai acontecer com a filha.” (20 a 24 - CD)*

*“As famílias não aceitam a nossa opção sexual, meu pai disse que ia me expulsar se tivesse uma sexualidade diferente.” (18 a 19 - CD)*

Por outro lado, há espaços sociais em que esses jovens se sentem mais aceitos; também entre os amigos, há uma maior compreensão dessas questões. Os pais, na verdade, só aceitam mais, segundo eles, quando adquirem certa independência financeira.

*“Minha avó pensa que sou virgem. Minha mãe achou que virar gay era virar travesti e trabalhar na rua, com prostituição. Quando passei a ajudar dentro de casa, ela aceitou mais.” (20 a 24 - CD)*

*“Dentro da faculdade eu enxergo um ambiente em que me sinto muito confortável, tanto de alunos como professores. Mas quando você começa a se mostrar, falar muito sobre isso, não dá. Não dá para ir longe, tem limites.” (20 a 24 - CD)*

*“Hoje é mais fácil. Às vezes a pessoa não é homossexual mais vai na onda, se meu filho for gay tudo bem, mas não precisa ele gritar para o mundo que é gay.” (18 a 19 - AB)*

*“Casal hétero pode andar de mão dadas, se beijar. Só me sinto à vontade de andar de mãos dadas com meu namorado na faculdade, no shopping.”  
(20 a 24 - CD)*

Os gays também sofrem com os estereótipos que lhes são impostos: do gay forte e sarado em detrimento do ‘efeminado’. Enquanto isso, a mulher - acusada de querer se masculinizar quando é lésbica - também se vê vítima de preconceito por essa conduta.

*“Até no meio dos gays tem preconceito, se for bonito, barbudo, forte, é o gay legal, o efeminado que usa roupa de mulher, é o desprezível.” (20 a 24 - AB)*

*“Os casais de lésbicas e de gays pedem respeito, mas não se respeitam.”  
(15 a 17 - AB)*

*“Mulher homossexual é mais bem aceita na rua, tem gente que quer pagar para assistir.” (20 a 24 - CD)*

Importante refletir sobre esses estereótipos que atingem os homossexuais. Interessante posicionamento revela Torrão Filho (2005), ao afirmar que os atributos femininos são positivos quando encontrados nas mulheres, mas se os homens os possuem, isso os desqualificam; o mesmo acontecendo com relação à masculinidade e as lésbicas. O feminino seria a grande ameaça à heterossexualidade do homem. E assim diz:

“A masculinidade é interdita à mulher, pois a mulher no lugar do homem é o mundo às avessas, a ordem corrompida, a natureza ultrajada. Portanto, homens homossexuais rebaixam seu sexo escolhendo estar abaixo de outros homens; e as mulheres lésbicas, por sua vez, usurpam um poder que não lhes pertence.” (p. 144).

Ainda que seja uma seara de grandes tensões e preconceitos, é também de avanços. Hoje essa juventude é muito melhor aceita entre seus pares; e revela muito mais rápido aos amigos, colegas de universidade e até mesmo à família, sobre a sua sexualidade. Podemos observar isso rotineiramente, ao passearmos pelas ruas de Fortaleza. Nos encontros sociais entre jovens, observa-se facilmente muitos abraços e beijos entre pessoas do mesmo sexo, que passeiam naturalmente de mãos dadas.

**Tabela 70**  
**Jovens que já tiveram relação sexual, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Não teve relação sexual	14,9	17,6	16,3
Teve com pessoas do mesmo sexo	4,0	2,0	3,0
Teve com pessoas do sexo diferente do seu	76,6	78,0	77,3
Teve com pessoas de ambos os sexos	4,5	2,4	3,4
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Quando abordada essa questão da sexualidade, 77,3% dos entrevistados disseram ter tido relação sexual com pessoas do sexo diferente do seu, 3% com pessoas do mesmo sexo e 3,4% mantiveram relação sexual com pessoas de ambos os sexos.

**Tabela 71**

**Idade dos jovens quando tiveram relação sexual pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	32,2	25,9	28,9
De 15 a 19 anos	62,6	65,5	64,1
De 20 a 24 anos	3,0	6,5	4,8
De 25 a 29 anos	0,4	0,2	0,3
Ns/Nr	1,8	1,9	1,9
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já teve relação sexual.

Os jovens iniciam a vida sexual entre 15 e 19 anos de idade, não havendo praticamente variação de acordo com o sexo. Contudo, 28,9% iniciaram as atividades sexuais com idade inferior a 15 anos, o que denota a importância de que esse público, ainda muito jovem, tenha acesso a informações sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e sobre métodos contraceptivos, a fim de evitar gravidez na adolescência.

A pesquisa *Retratos da Juventude* revelou que 65,1% dos jovens entre 15 e 19 anos já haviam tido a primeira experiência sexual; entre os de 20 e 24 anos, 89,7% também já haviam iniciado as atividades sexuais, o que revela que não houve grande mudança nesse aspecto.

Michel Bozón (2004) revela que foram profundas as transformações sofridas no último século XX no que refere à sexualidade juvenil, e que, atualmente, há um período de latência sexual, compreendido como:

“os jovens vivem uma sexualidade ativa, durante muitos anos, sem filhos e sem referência ao casamento, ainda que pensem em casar-se e ter filhos um dia. A sexualidade juvenil tornou-se um tempo à parte, socialmente aceito (...) hoje a maturação amorosa e sexual dos indivíduos precede no tempo, nitidamente, sua estabilidade social.” (p.70).

Essas questões podem ser sentidas hoje, nesse período de maturação e experimentação que antecedem bastante à vida adulta.

**Tabela 72**

**Jovens que têm ou não filhos, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Não tem filhos	73,4	51,0	61,6
Tem 1 filho	16,2	25,5	21,1
Tem 2 filhos	8,1	14,7	11,6
Tem 3 filhos	1,5	6,0	3,9
Tem mais de 4 filhos	0,8	2,8	1,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

A maioria dos jovens não tem filhos (61,6%); enquanto 21,1% têm um filho, 11,6% têm 2; e 5,7 dos entrevistados têm 3 ou mais. Na pesquisa *Retratos das Juventudes*, 70,6% dos entrevistados não tinham filhos, revelando que houve um aumento do número de jovens com filhos, o que implica em um impacto direto – conforme mostrado anteriormente – nas atividades de escola e de trabalho dos jovens.

**Tabela 73**

**Pessoas que cuidam diariamente dos filhos dos jovens, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Eu mesmo cuido	23,5	87,0	66,4
Companheiro(a)	46,5	1,9	16,4
Os pais	10,9	5,0	6,9
Sogro/sogra	2,6	1,9	2,1
Vizinhos	0,0	0,2	0,1
Pago uma pessoa para olhar	1,3	0,6	0,8
Profissionais de creche pública	0,0	0,4	0,3
Profissionais de creche particular	0,9	0,2	0,4
Avó	4,3	0,6	1,8
Ex-companheiro(a)	3,9	0,0	1,3
Outros	4,3	1,7	2,5

Continua...

...continuação

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Ns/Nr	1,8	0,5	1,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem tem filho(s).

Entre os jovens ouvidos, dos que já são pais, 66,4% afirmaram que cuidam do seu próprio filho, denotando uma centralização dessas atividades em um dos pais. Arrisca-se supor que, na maioria desses casos, a responsável é a mãe da criança. De um modo geral, ela aparece como aquela que conduz a criação do filho, uma vez que o pai nem sempre assume tal função. Assim, acabam saindo muitas vezes da escola, inviabilizando – nos primeiros anos de vida da criança – um projeto pessoal. Os avós também aparecem como possibilidade nesse horizonte de cuidadores.

**Tabela 74**

**Idade dos jovens, quando do nascimento do seu primeiro filho, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	0,9	5,6	4,1
De 15 a 19 anos	33,9	53,3	47,0
De 20 a 24 anos	42,2	28,2	32,8
De 25 a 29 anos	10,0	4,8	6,5
Ns/Nr	13,0	8,1	9,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem tem filho(s).

Outro dado relevante apontado nesta pesquisa é que dos jovens que tiveram filhos, 47% foram pais entre 15 e 19 anos, ainda na idade de formação escolar e de possibilidade de encontrar o primeiro emprego, fato que tem grande impacto efetivo na vida desses jovens. Se eles “desistem” de estudar nesse momento, há maior dificuldade em retomar depois de se verem envolvidos com o nascimento de uma criança. Nesses momentos, a mãe e o pai procuram objetividade na sua vida e priorizam o que lhes é mais imediato,

que é a condição material para sustentar-se e a seu filho. Isso é bastante preocupante, pois corresponde à situação de quase metade dos entrevistados.

Alguns estudiosos vêm se debruçando sobre esse fenômeno da gravidez na adolescência e sobre os impactos na vida desses indivíduos. Atribui-se a esse fato a questão da adolescente desejar ser vista como mulher, ter sua independência e querer ser vista como adulta. Para elas, a maternidade é algo que as valoriza na comunidade em que vivem; é como se ganhassem um status diferenciado. Entre elas, há também aquelas jovens mais despreocupadas, que dizem apenas que “aconteceu”. Pais (2001) avalia que para os jovens, a realidade, às vezes, se apresenta como imprevisível, incerta e invalida seus planos de futuro. Seus projetos estão, por vezes, em descoincidência com seus projetos de vida.

O termo “precoce” foi retirado da usualidade uma vez que, dependendo do tempo, cultura e sociedade, a gravidez pode acontecer mais cedo ou em idades mais avançadas. Algumas adolescentes – ainda que vivam hoje cercadas de informações pelas redes sociais e campanhas públicas – ainda engravidam muito novas. Isso tem relação com a intenção de mostrar que pode ser independente e conduzir a própria vida independente dos pais.

Essa busca de liberdade e independência dos pais, acaba por repetir certo padrão familiar: a mãe delas vivenciou a maternidade muito cedo. Muitas jovens afirmam que suas mães as levaram em médicos, compravam preservativos, mas ainda assim, elas engravidaram.

**Tabela 75**

**Como o jovem obtém informação sobre sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Com a família	32,8	45,5	39,5
Com amigos	35,7	30,0	32,7
Na escola	12,9	9,3	11,0
ONGs	0,8	0,2	0,5
Lideranças religiosas	0,9	0,9	0,9
			Continua...

...continuação

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Televisão	15,2	11,1	13,0
Rádio	1,4	0,9	1,1
Internet	35,3	25,6	30,2
Jornais/revistas	2,3	1,4	1,8
Outros	1,1	1,7	1,4
Não obtém informação	20,1	18,3	19,1
Ns/Nr	3,5	2,9	3,2

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Nota: Somente para quem já teve relação sexual.

Ainda que os jovens identifiquem na família um espaço de repressão das suas sexualidades, é interessante observar como essa relação é ambígua, pois é nela também que eles buscam informações sobre essa questão. Dos entrevistados, 39,5% afirmaram ter obtido informações sobre sexo dentro de suas casas, com suas famílias, corroborando com a assertiva feita na questão anterior. Em seguida, são os amigos e a internet as principais fontes de informação sobre sexo.

**Tabela 76**

**Maior parte dos parceiros sexuais dos jovens no último ano – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Parceiros fixos (namorados(as), companheiros(as), maridos/esposas)	70,8	89,7	80,7
Parceiros não fixos (amigos(as), conhecidos(as), desconhecidos(as))	28,6	9,8	18,8
Ns/Nr	0,6	0,5	0,5
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já teve relação sexual.

A maioria dos entrevistados afirmou ter mantido relações sexuais com parceiros fixos (80,7%), ou seja, com namoradas(os), companheiras(os) e maridos/esposas. Apenas 18,8% tiveram parceiros avulsos. Com os parceiros fixos, as pessoas de um modo geral, esquecem a importância de uso de preservativos, flexibilizando essa regra. Bozón (2001) reafirma dizendo que: “O

preservativo é apenas temporário, utilizado no início do relacionamento, ele é abandonado e geralmente substituído pela pílula quando a relação se estabiliza.”(p.70). De acordo, com o autor, os jovens são aqueles que mais exigem fidelidade, embora em meio a constantes e diversas renovações de parceiros.

**Tabela 77**

**Frequência do uso de camisinha pelo jovem no último ano, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Nenhuma	18,5	29,1	24,0
Poucas vezes	22,8	24,3	23,6
Muitas vezes	14,1	10,3	12,1
Sempre	44,2	35,9	39,9
Ns/Nr	0,4	0,4	0,4
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já teve relação sexual.

Apenas 39,9% dos jovens afirmam terem usado camisinha em todas as suas relações sexuais. 24% disseram não ter usado em nenhuma ocasião, 23,6% disseram ter usado poucas vezes e 12,1%, muitas vezes. Os dados revelam que 59,7% dos jovens tiveram - em algum momento - relações sexuais sem prevenção. Esse dado é preocupante, especificamente porque esse segmento social tem apresentado um grande crescimento de contaminação pelo vírus HIV. Das 5700<sup>9</sup> novas infecções por HIV, 35% ocorreram entre jovens de 15 a 24 anos. Na pesquisa *Retratos da Juventude*, quando perguntaram aos jovens se haviam usado camisinha na última relação sexual, 59,5% destes admitiram o uso.

<sup>9</sup> Dado de pesquisa global sobre HIV, publicada pela Unaid. Fonte: <http://unaid.org.br/estatisticas/> Em 10/07/2017.

**Tabela 78**

**Motivos que levam o jovem a não usar camisinha, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Não tinha na hora	19,9	8,2	13,4
Não gosta de usar	35,0	33,4	34,1
Não lembra de usar	10,3	4,9	7,3
O parceiro (a) não pediu	4,9	4,3	4,6
Confia no parceiro (a)	29,4	27,5	28,4
Uso de pílulas anticoncepcionais	12,0	30,3	22,2
Estava sob efeito de álcool/drogas	2,9	,6	1,6
Queria engravidar	1,2	3,5	2,5
Ns/Nr	5,6	7,4	6,6

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Nota. Somente para quem respondeu “nenhuma vez”, “poucas vezes” ou “muitas vezes”, na tabela 77.

Ao serem indagados acerca dos motivos de não terem usado camisinha, 34,1% afirmaram que não gostam de usar, 28,4% disseram confiar no parceiro, 22,2% admitiram não usar porque tomam anticoncepcionais e 13,4% não usaram em alguma ocasião porque não tinham na hora.

Embora esses aspectos já tenham sido discutidos anteriormente, talvez seja importante reforçar que nessa época de descoberta da sexualidade, os jovens se sentem mais inseguros em relação a essas questões, no entanto, querem explorar, de modo mais intenso, várias possibilidades. O uso de bebidas alcólicas e outras drogas – para desinibir, socializar – faz também com que fiquem mais vulneráveis e descuidados.

**Tabela 79**

**Motivos que levam o jovem a usar camisinha, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Para evitar ISTs	66,7	61,7	64,3
Para evitar gravidez	62,9	68,3	65,5

Continua...

...continuação

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Porque o parceiro(a) exigiu	9,9	5,1	7,6
Porque considera importante	26,1	24,3	25,2
Porque é mais higiênico	19,4	18,3	18,9
Outro	0,0	0,4	0,2
Ns/Nr	2,5	3,7	3,1

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Nota: Somente para quem respondeu “poucas vezes” , “muitas vezes’ ou sempre, na tabela 77.

Daqueles que usam camisinha, 65,5% disseram que era para evitar a gravidez; 64,3% mostraram-se preocupados em evitar Infecções Sexualmente Transmissíveis – ISTs, acompanhados do fato de considerarem importante (25,2%) e (18,9%) fazem uso do preservativos por considerar o ato mais higiênico.

**Tabela 80**

**Onde o jovem costuma pegar camisinhas, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Compro em farmácias/supermercados	71,9	69,7	70,8
Busco/recebo SUS	39,0	34,9	37,0
Os pais	2,2	0,9	1,5
Busco/recebo de instituições/ONGs	1,8	2,1	2,0
Ganho de amigos e conhecidos	5,7	1,8	3,8
Ns/Nr	2,2	4,2	3,2

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Nota: Somente quem respondeu “poucas vezes” , “muitas vezes’ ou sempre, na tabela 778.

Entre os usuários de ‘camisinhas’, 70,8% afirmaram que compram seus próprios preservativos, e 37% admitiram recorrer ao Sistema Único de Saúde – SUS.

**Tabela 81**  
**Jovens que fizeram sexo em troca de dinheiro, segundo o gênero –**  
**Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Sim	3,1	3,3	3,2
Não	93,6	94,7	94,2
Ns/Nr	3,3	2,0	2,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

94,2% dos jovens disseram que nunca fizeram sexo em troca de dinheiro, ou seja, não foram explorados sexualmente. No entanto, 3,3% das mulheres disseram que sim, e 3,1% dos homens também. No debate com os grupos de jovens, eles não demonstraram, preconceito com relação à prática.

Eis alguns relatos:

*“É complicado, eu não faria. Mas é super normal pra quem faz.” (15 a 17 - CD)*

*“Descobri que uma amiga minha que chamava o cara de tio e ele bancava ela de tudo.” (18 a 19 - CD)*

*Tinha um rapaz na minha escola, de 16 anos que fazia.” (18 a 19 - AB)*

*“Na escola tinha uma que fazia no táxi, não é comum.” (18 a 19 - AB)*

*“Conheço uma que ganha presente, para parecer menos ofensivo.” (20 a 24 - AB)*

*Não é problema meu, faz se quiser.” (20 a 24 - AB)*

**Tabela 82**  
**(MULHER) Gravidez na juventude – Fortaleza – março/2017**

Especificação	TOTAL (%)
Sim	52,7
Não	46,1
Ns/Nr	1,2
Total	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Constata-se que 52% das mulheres jovens engravidam nesse momento de suas vidas, o que revela que a gravidez acontece muito cedo para mais da metade dessas jovens, impactando diretamente nas suas escolhas e oportunidades de melhorar a qualidade de vida.

**Tabela 83**  
**(HOMEM) Gravidez de uma parceira sexual na juventude – Fortaleza – março/2017**

Especificação	TOTAL (%)
Sim	30,9
Não	65,7
Ns/Nr	3,4
Total	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Dos jovens, 65,7% não tiveram parceiras que engravidaram, em oposição a 30,9% que passaram por essa experiência.

**Tabela 84**  
**(MULHER) Já fez algum aborto – Fortaleza – março/2017**

Especificação	TOTAL (%)
Sim	6,4
Não	82,6
Ns/Nr	11,0
Total	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Destes, 82,6% disseram não ter feito aborto, enquanto 6,4% admitiram ter passado por essa experiência.

**Tabela 85**  
**(MULHER) Idade da jovem ao engravidar pela primeira vez – Fortaleza – março/2017**

Especificação	TOTAL (%)
Menos de 15 anos	10,5
De 15 a 19 anos	54,7
De 20 a 24 anos	24,5
De 25 a 29 anos	4,9
Ns/Nr	5,4
Total	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para as mulheres que já engravidaram.

Mais uma vez a faixa de 15 a 19 anos aparece com um dado importante: foi nessa faixa etária que engravidaram pela primeira vez, seguida da faixa de 20 a 24 anos. Bem mais grave, no entanto, é que 10,5% engravidou com idade menor a 15 anos, ainda na sua adolescência. Nessas idades em que ainda estão na escola, é muito importante que se fomente o debate acerca dessas questões, para esclarecer melhor e orientar melhor essas jovens, tornando-as menos vulneráveis. 87,1% dos jovens do sexo masculino afirmaram que não tiveram namoradas que fizeram aborto. Apenas 3,9% foi positivo nessa questão.

**Tabela 86**  
**(SE HOMEM) Idade do jovem quando sua parceira engravidou pela primeira vez – Fortaleza – março/2017**

Especificação	TOTAL (%)
Menos de 15 anos	2,2
De 15 a 19 anos	38,4
De 20 a 24 anos	39,9

Continua...

...continuação

Especificação	TOTAL (%)
De 25 a 29 anos	9,3
Ns/Nr	10,2
Total	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para os homens cujas parceiras engravidaram.

Já os homens, tiveram parceiras grávidas quando tinham de 20 a 24 anos (39,9%) e 38,4% quando tinham de 15 a 19 anos. Parcela representativa dos entrevistados ainda não tinha independência financeira quando sua companheira engravidou. Nessa idade, de 15 a 19 anos, ainda estão em formação escolar e à procura do primeiro emprego. Entretanto, é bem mais fácil para eles continuarem suas atividades escolares e seus projetos, que para suas companheiras grávidas.

**Tabela 87**

**Método utilizado para evitar gravidez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Não uso	19,8	15,4	17,5
Camisinha Masculina	66,8	31,6	48,4
Camisinha Feminina	0,4	7,5	4,1
Coito interrompido	0,4	0,2	0,3
Pílulas anticoncepcionais	9,8	32,1	21,4
Implantes anticoncepcionais	0,4	1,2	0,8
Pílula do dia seguinte	2,2	2,2	2,2
Vasectomia	0,0	0,1	0,1
Abstinência	0,0	0,0	0,0
Método da tabelinha	0,3	0,2	0,3
Adesivos	0,0	0,0	0,0
DIU	0,3	1,1	0,7
Planejamento Familiar	0,4	0,1	0,3
Espermicida	0,0	0,0	0,0
Ligadura de trompas	0,4	5,1	2,9

Continua...

...continuação

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Anel Vaginal	0,0	0,0	0,0
Injeção	4,9	20,6	13,1
Outro	0,1	0,0	0,1
Ns/Nr	5,4	2,2	3,8

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Nota: Somente para quem já teve relação sexual.

O método mais utilizado pelos homens para evitar a gravidez de suas parceira é a camisinha (66,8%), enquanto 19,8% do sexo masculino diz não usar nada para evitá-la. As mulheres usam pílulas anticoncepcionais (32,1%), camisinha masculina (31,6%) e injeção (20,6%).

De todo modo, podemos verificar que a preocupação de evitar uma gravidez é maior entre as jovens do sexo feminino, que de algum modo, se valem de algum método para evitá-la. As mulheres, em sua maioria, compram também seus anticoncepcionais, sendo a minoria (13,8%) que recorre ao SUS para adquiri-los.

**Tabela 88**

**Jovem que já teve alguma infecção sexualmente transmissível – IST,  
segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Sim	3,1	4,4	3,8
Não	95,8	94,1	94,9
Ns/Nr	1,1	1,5	1,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

A grande maioria dos jovens afirmam não ter tido nenhuma IST (94,9%), enquanto apenas 3,8% disseram que sim! É bom enfatizar que os jovens também evidenciaram, nos grupos, que não gostam de ir ao médico, e só “vão quando estão morrendo”. Todos os jovens das classes A e B afirmaram ter planos de saúde, e os das classes C e D disseram que não encontravam dificuldade de acesso à clínicas e hospitais. Contudo, as jovens disseram ir

raramente ao ginecologista. A ideia de ir ao médico, sempre vinculada à doença e não à prevenção, faz com que eles não considerem importante essa ida ao médico. Eles “não adoecem quase nunca” e só vão quando o quadro se agrava e não há outro recurso.

*“Mulher vai mais a médico, eu não gosto.” (18 a 19 - AB)*

*“Fiz cirurgia, tive que fazer vários exames, mas tenho medo de médico.”  
(20 a 24 - CD)*

*“Não faço nada, normal, deixo rolar.” (15 a 17 - CD)*

### **3.8 Saúde – substâncias psicoativas**

O fenômeno do uso de substâncias psicoativas no Brasil trouxe desafios ao poder público e aos dispositivos voltados para a questão desse uso, especialmente aos serviços de saúde, segurança pública e assistência social.

Nesse cenário, importantes pesquisas vêm sendo realizadas na busca de compreender quem são esses usuários, de que forma se relacionam com as substâncias e como o Estado pode desenvolver mecanismos que possibilitem o cuidado, a prevenção e a repressão ao tráfico. Tais questões são discutidas, ao mesmo tempo em que se efetivam políticas que visam à descriminalização do usuário de substâncias psicoativas ilegais e que se ouve vozes na sociedade em prol da legalização do uso e comércio da maconha.

As substâncias psicoativas – comumente conhecidas como drogas psicoativas – são aquelas que “quando utilizadas, têm a habilidade de mudar os processos de consciência, humor e pensamento individuais” (OMS, 2016, p.01).

Ainda segundo a Organização Mundial da Saúde (IDEM), o uso dessas substâncias é definido em três categorias de acordo com seu status social. Existem aquelas que se enquadram na categoria de uso como medicações, aquelas inscritas na categoria do uso ilegal ou ilícito e uma terceira categoria de uso que é o consumo legal ou lícito, qualquer que seja o propósito do consumidor.

O fenômeno do uso de substâncias psicoativas, sem dúvida, tem transcendido a categoria de “problema de saúde” para estar presente em importantes discussões da política de assistência social, de segurança pública, de educação, entre outras. No entanto, faz-se necessário a compreensão de que, de modo geral, o uso de substâncias psicoativas acompanha o desenvolvimento da humanidade.

De acordo com Prata e Santos (2009), os hábitos e costumes de cada sociedade é que direcionavam o uso de drogas em cerimônias coletivas, rituais e festas, sendo que, geralmente, esse consumo estava restrito a pequenos grupos, fato esse que apresentou grande alteração no momento atual, pois hoje se verifica o uso dessas substâncias em qualquer circunstância e por pessoas de diferentes grupos e realidades.

Nos termos de Carneiro (2002), o uso milenar de drogas em quase todas as culturas humanas corresponde a necessidades médicas, religiosas e gregárias. Quase todas as substâncias psicoativas podiam ser observadas como parte indispensável dos ritos da sociabilidade, da cura, da devoção, do consolo e do prazer, sendo por esse motivo, divinizadas em inúmeras sociedades.

No Brasil, a partir da incorporação da política de “guerra às drogas” – empreendida pelos Estados Unidos da América – houve um investimento crescente do Estado em ações de combate, repressão e controle do uso de drogas ilícitas, impondo um poderoso aparato policial com vistas a “eliminar” o tráfico de drogas e ao mesmo tempo “eliminar” o uso dessas substâncias.

Ao correlacionar o uso de drogas - notadamente as ilícitas - a situações de violência, pobreza e desamparo social, cria-se um discurso público que estabelece um verdadeiro pânico moral amplamente divulgado pelos meios de comunicação de massa. Dessa forma, se alardeia a ideia de que as drogas são as causas dos problemas sociais e da criminalidade no País e assim o cenário de “guerra” se justifica.

Autores como Hart (2014), apontam que fatores como a pobreza, o racismo e a falta de oportunidades educacionais, profissionais e culturais são

bem mais marcantes na vida e no destino dos jovens que o uso de drogas. Para Hart, a maioria das pessoas que consegue evitar problemas com drogas tende a ter fortes redes sociais de apoio e, nesse caso, a atuação do Estado ao focar em ações repressivas precisaria ser revista.

Nesse sentido torna-se imprescindível que sejam fomentadas ações de reeducação da população em relação às drogas; separando-se os verdadeiros riscos potenciais das invenções monstruosas e catastróficas.

A investigação dos aspectos patológicos do consumo de drogas é de suma importância para desenvolver tratamentos eficazes no caso de usos problemáticos. Mas também precisa ser divulgado que os efeitos de uma droga são determinados não só pela dose e a maneira como é administrada no corpo, mas também por diferentes características do usuário e de seu ambiente.

Assim, é inegável a importância de recorrer ao conhecimento científico e evidências empíricas para fundamentar as políticas relativas às substâncias psicoativas e, em última análise, promover a saúde e os direitos humanos. Dessa forma, oportunizar uma educação pública sobre drogas que não seja tendenciosa, mas cientificamente informada. Além disso, promover campanhas de educação a fim de elevar o nível intelectual no trato de questões relacionadas às drogas, que tem considerável apelo nas políticas públicas em geral.

A pesquisa procurou identificar se os jovens de Fortaleza conhecem ou já ouviram falar de substâncias psicoativas, lícitas ou ilícitas (Tabela 89). Majoritariamente a resposta foi “sim” para praticamente todas as substâncias, com prevalência de 100% de conhecimento para drogas lícitas (álcool e cigarro comum). Tal prevalência pode estar associada ao fácil acesso e à própria condição de legalidade dessas substâncias. As demais substâncias psicoativas pesquisadas também apresentaram importante índice de conhecimento entre os jovens se destacando de forma importante a maconha com taxa de 98,4%, a cocaína com taxa de 97,6%, e o crack com taxa de 96,5%. Aqui a alta taxa de conhecimento entre os jovens pode estar ligada ao fato de que essas substâncias ilícitas são as mais expostas na mídia e quase sempre estampam

os noticiários correlacionadas a atos de violência ou apreensões devido ao tráfico. Entre as substâncias menos conhecidas pelos jovens de Fortaleza estão as chamadas “drogas sintéticas” que são o LSD, com taxa de desconhecimento de 21,0% e o Ecstasy com taxa de desconhecimento de 17,0%.

Álcool e cigarro comum são as substâncias mais conhecidas e também apresentam as maiores porcentagens quando se trata da experimentação por jovens de ambos os sexos. Na tabela 90, percebe-se que 77,3% dos homens e 70,8% das mulheres já experimentaram bebidas alcoólicas. Em seguida têm-se a proporção em relação ao cigarro comum com 35,8% de homens e 27,4% de mulheres que afirmaram ter experimentado tal substância. A maconha também apresenta uma taxa significativa com 32,2% dos jovens homens e 15,0% das jovens mulheres afirmando terem experimentado a substância.

**Tabela 89**

**Conhece ou já ouviu falar de substâncias lícitas e ilícitas pelo jovem,  
segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino (%)			Feminino (%)			Total (%)		
	Sim	Não	Ns/Nr	Sim	Não	Ns/Nr	Sim	Não	Ns/Nr
Bebida alcoólica	100,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0
Cigarro comum	100,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0
Maconha	98,8	0,8	0,4	98,0	1,6	0,4	98,4	1,2	0,4
Cola, solventes, thinner, lança-perfume, acetona	96,1	3,9	0,0	94,9	5,0	0,1	95,4	4,5	0,1
Cocaína	98,2	1,8	0,0	97,0	3,0	0,0	97,6	2,4	0,0
Crack	97,1	2,9	0,0	95,9	3,9	0,2	96,5	3,4	0,1
Ecstasy	87,0	12,6	0,4	78,9	21,0	0,1	82,7	17,0	0,3
LSD	82,2	17,3	0,5	75,2	24,3	0,5	78,5	21,0	0,5
Remédio para emagrecer sem receita médica	88,1	11,8	0,1	88,6	11,1	0,3	88,4	11,4	0,2
Anabolizante	94,0	5,2	0,8	90,1	9,4	0,5	91,9	7,4	0,7
Remédio (aranha, Rita, Ripnol, Rocha)”	89,4	10,5	0,1	83,7	16,0	0,3	86,4	13,4	0,2
Chá (zabumba, ayahuasca, cogumelos)	64,3	35,6	0,1	56,1	43,8	0,1	60,0	39,9	0,1

Fonte: Pesquisa direta.

**Tabela 90**  
**Substâncias que o jovem já experimentou, segundo o sexo – Fortaleza –**  
**março/2017**

Especificação	Masculino (%)			Feminino (%)			Total (%)		
	Sim	Não	Ns/Nr	Sim	Não	Ns/Nr	Sim	Não	Ns/Nr
Bebida alcoólica	77,3	22,7	0,0	70,8	29,2	0,0	73,8	26,2	0,0
Cigarro comum	35,8	64,2	0,0	27,4	72,6	0,0	31,3	68,7	0,0
Maconha	32,2	66,5	1,3	15,0	83,6	1,4	23,1	75,6	1,3
Cola, solventes, thinner, lança-perfume, acetona	8,0	91,0	1,0	2,9	95,4	1,7	5,3	93,3	1,4
Cocaína	15,5	83,9	0,6	4,4	94,2	1,4	9,6	89,4	1,0
Crack	3,9	95,2	0,9	0,7	97,2	2,1	2,2	96,3	1,5
Ecstasy	3,0	95,6	1,4	0,6	98,1	1,3	1,7	96,9	1,4
LSD	3,2	95,6	1,2	1,0	97,3	1,7	2,1	96,5	1,4
Remédio para emagrecer sem receita médica	2,2	96,1	1,7	4,9	93,2	1,9	3,6	94,6	1,8
Anabolizante	2,1	95,5	2,4	1,4	96,5	2,1	1,7	96,0	2,3
Remédio (aranha, Rita, Ripnol, Rocha)™	9,0	89,5	1,5	2,7	95,6	1,7	5,6	92,7	1,7
Chá (zabumba, ayahuasca, cogumelos)	1,5	97,1	1,4	0,4	98,2	1,4	0,9	97,7	1,4

Fonte: Pesquisa direta.

Em relação à idade em que ocorreu a primeira experiência do jovem com substâncias psicoativas (lícitas ou ilícitas) a pesquisa identificou que, independente da substância, majoritariamente tal aproximação ocorreu em idade escolar. A tabela 91 apresenta a idade do jovem quando da primeira experimentação de bebida alcoólica. Observa-se a concentração majoritária dentro da faixa etária entre 15 a 19 anos (70,6% dos homens e 65,1% de mulheres) vindo em segundo lugar a faixa etária de menos de 15 anos (23,9% de homens e 19,5% de mulheres).

Os achados corroboram os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde (MS) em 2009. A PeNSE revelou que 71,4% dos escolares do 9º ano do Ensino Fundamental já experimentaram bebida alcoólica alguma vez na vida.

De modo similar, a tabela 92 apresenta a idade do jovem quando da primeira experimentação de cigarro comum. Observa-se a concentração majoritária dentro da faixa etária entre 15 a 19 anos (61,0% de homens e 56,9% de mulheres) vindo em segundo lugar a faixa etária de menos de 15 anos (31,9% de homens e 28,8% de mulheres). O mesmo ocorre quando da primeira experimentação de maconha (Tabela 93) com concentração majoritária dentro da faixa etária entre 15 a 19 anos (65,2% de homens e 54,1% de mulheres) vindo em segundo lugar a faixa etária de menos de 15 anos (24,0% de homens e 26,0% de mulheres).

Em relação às demais substâncias psicoativas pesquisadas a faixa etária entre 15 a 19 anos seguiu sendo majoritária em relação ao primeiro uso com as seguintes porcentagens: cola, solventes, thinner, lança-perfume, acetona (59,4% de homens e 50,0% de mulheres) - (Tabela 94); Cocaína (66,9% de homens e 60,5% de mulheres) - (Tabela 95); Crack (55,9% de homens e 85,7% de mulheres) - (Tabela 96); Ecstasy (65,4% de homens e 50,0% de mulheres) - (Tabela 97); LSD (60,7% de homens e 50,0% de mulheres) - (Tabela 98); Remédio para emagrecer sem receita médica (52,6% de homens e 40,8% de mulheres) - (Tabela 99); Anabolizante (72,2% de homens e 35,7% de mulheres) - (Tabela 100); Remédio (aranha, rita, ripnol, rocha) (62,5% de homens e 40,7% de mulheres) - (Tabela 101); Chá (zabumba, ayahuasca, cogumelos) (50,0% de homens e 0,0% de mulheres) - (Tabela 102). Em relação à experimentação do chá (zabumba, ayahuasca, cogumelos), as faixas etárias prevalentes de experimentação para mulheres foram de menos de 15 anos e de 20 a 24 anos, ambas com 20,0%.

Para algumas substâncias, a faixa etária com a segunda maior prevalência de experimentação foi a de jovens entre 20 a 24. É o caso da Cocaína (17,3% para homens e 18,6% para mulheres) - (Tabela 95), do LSD (28,6% para homens e 50,0% para mulheres) - (Tabela 98) e do Anabolizante (22,% de homens e 35,7% de mulheres) - (Tabela 100). Tal ocorrência pode estar ligada ao fato de que essas substâncias são mais difíceis de serem acessadas, são mais caras e algumas estão disponíveis em ambientes

específicos como é o caso das drogas sintéticas, fortemente vinculadas a ambientes de festa (*raves*).

No caso do crack - (Tabela 96) observa-se uma diferenciação importante em relação às faixas etárias e ao sexo. Para o sexo masculino a faixa etária entre 20 a 24 anos é a segunda mais prevalente quanto à primeira experimentação da substância (20,6%). Já para o sexo feminino, a segunda faixa etária mais prevalente quanto à primeira experimentação da substância é a de menos de 15 anos (14,3%). O mesmo ocorre com o ecstasy (Tabela 97) em que a segunda maior taxa de experimentação nos homens está na faixa etária de 20 a 24 anos (26,9%); enquanto que nas mulheres, a segunda maior taxa de experimentação está na faixa etária de menos de 15 anos (33,3%). Esse dado demonstra que as mulheres estão experimentando mais cedo que os homens essas duas substâncias.

O contrário se observa quando analisamos a primeira experiência de uso de remédios para emagrecer sem receita médica. A segunda maior prevalência dessa experiência entre os homens se dá na faixa etária de menos de 15 anos (21,1%). Já para as mulheres, a segunda maior prevalência em relação à experiência de uso de medicamentos para emagrecer sem receita se concentra na faixa etária de 20 a 24 anos (26,5%) e se mantém com pouco declínio na faixa etária entre 25 a 29 anos (24,5%).

Em relação aos chás (*zabumba*, *ayahuasca*, *cogumelos*), houve paridade entre a faixa etária de menos de 15 anos e a faixa etária de 20 a 24 anos com 21,4% de homens nas duas faixas etárias e 20,0% de mulheres nas duas faixas etárias (Tabela 102).

**Tabela 91**

**Idade do jovem, quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	23,9	19,5	21,7
De 15 a 19 anos	70,6	65,1	67,8

Continua...

...continuação

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
De 20 a 24 anos	4,5	12,4	8,5
De 25 a 29 anos	0,3	2,0	1,2
Ns/Nr	0,7	1,0	0,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já experimentou bebida.

**Tabela 92**

**Idade do jovem, quando experimentou cigarro comum pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	31,9	28,8	30,5
De 15 a 19 anos	61,0	56,9	59,1
De 20 a 24 anos	5,2	12,0	8,3
De 25 a 29 anos	0,6	1,1	0,9
Ns/Nr	1,3	1,2	1,2
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já experimentou cigarro.

**Tabela 93**

**Idade do jovem, quando experimentou maconha pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	24,0	26,0	24,7
De 15 a 19 anos	65,2	54,1	61,4
De 20 a 24 anos	9,0	13,0	10,4
De 25 a 29 anos	0,7	3,4	1,6
Ns/Nr	1,1	3,5	1,9
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já experimentou maconha.

**Tabela 94**

**Idade do jovem, quando experimentou cola, solventes, thinner, lança-perfume, acetona pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	20,3	32,1	23,7
De 15 a 19 anos	59,4	50,0	56,7
De 20 a 24 anos	14,5	10,7	13,4
De 25 a 29 anos	2,9	0,0	2,1
Ns/Nr	2,9	7,2	4,1
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já experimentou cola, solventes, thinner, lança-perfume, acetona.

**Tabela 95**

**Idade do jovem, quando experimentou cocaína pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	12,0	14,0	12,5
De 15 a 19 anos	66,9	60,5	65,3
De 20 a 24 anos	17,3	18,6	17,6
De 25 a 29 anos	2,3	2,3	2,3
Ns/Nr	1,5	4,6	2,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já experimentou cocaína.

**Tabela 96**

**Idade do jovem, quando experimentou crack pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	17,6	14,3	17,1
De 15 a 19 anos	55,9	85,7	61,0
De 20 a 24 anos	20,6	0,0	17,1
De 25 a 29 anos	0,0	0,0	0,0
			Continua...

...continuação

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Ns/Nr	5,9	0,0	4,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já experimentou crack.

**Tabela 97**

**Idade do jovem, quando experimentou ecstasy pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	3,8	33,3	9,4
De 15 a 19 anos	65,4	50,0	62,5
De 20 a 24 anos	26,9	16,7	25,0
De 25 a 29 anos	0,0	0,0	0,0
Ns/Nr	3,9	0,0	3,1
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já experimentou ecstasy.

**Tabela 98**

**Idade do jovem, quando experimentou LSD pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	7,1	0,0	5,3
De 15 a 19 anos	60,7	50,0	57,9
De 20 a 24 anos	28,6	50,0	34,2
De 25 a 29 anos	3,6	0,0	2,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já experimentou LSD.

**Tabela 99**

**Idade do jovem, quando experimentou remédio para emagrecer sem receita médica pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	21,1	6,1	10,3
De 15 a 19 anos	52,6	40,8	44,1
De 20 a 24 anos	15,8	26,5	23,5
De 25 a 29 anos	5,3	24,5	19,1
Ns/Nr	5,2	2,1	3,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota.: Somente para quem já experimentou remédio para emagrecer sem receita médica.

**Tabela 100**

**Idade do jovem, quando experimentou anabolizante pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	0,0	0,0	0,0
De 15 a 19 anos	72,2	35,7	56,3
De 20 a 24 anos	22,2	35,7	28,1
De 25 a 29 anos	0,0	14,3	6,3
Ns/Nr	5,6	14,3	9,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já experimentou anabolizante.

**Tabela 101**

**Idade do jovem, quando experimentou remédio (aranha, rita, ripnol, rocha)” pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	18,8	33,3	22,4
De 15 a 19 anos	62,5	40,7	57,0
De 20 a 24 anos	16,3	11,1	15,0
De 25 a 29 anos	1,3	7,4	2,8
Ns/Nr	1,1	7,5	2,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já experimentou remédio (aranha, rita, ripnol, rocha).

**Tabela 102**

**Idade do jovem, quando experimentou chá (zabumba, ayahuasca, cogumelos) pela primeira vez, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Menos de 15 anos	21,4	20,0	21,1
De 15 a 19 anos	50,0	0,0	36,8
De 20 a 24 anos	21,4	20,0	21,1
De 25 a 29 anos	0,0	0,0	0,0
Ns/Nr	7,2	60,0	21,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem já experimentou (zabumba, ayahuasca, cogumelos).

A pesquisa aponta que 48,8% dos jovens pesquisados não fazem uso de substâncias psicoativas - (Tabela 103). Dentre aqueles que afirmaram o uso, 23,1% dos homens dizem consumir tais substâncias preferencialmente em casa; enquanto que para as mulheres, o consumo ocorre preferencialmente em festas e bares (18,8%).

Em relação à frequência de consumo semanal - (Tabela 104), os jovens majoritariamente afirmaram consumir substâncias psicoativas apenas uma vez por semana (65,0%). A questão da frequência do uso é um marcador importante pois, de acordo com Hart (2014), o fato de alguém fazer uso de

drogas, ainda que regularmente, não significa que seja “viciado” nem tampouco que tenha um problema com as drogas.

É essa diferenciação que precisa ser pontuada em relação à questão dos usos de drogas, pois nem todo uso é patológico e o comportamento realmente compulsivo só é constatado em condições específicas; no entanto, pouquíssimas pesquisas foram divulgadas sobre usuários de drogas que não perderam o controle do próprio comportamento.

**Tabela 103**  
**Locais onde o jovem costuma consumir drogas, segundo o sexo –**  
**Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Não consome	42,8	54,1	48,8
Em casa	23,1	16,7	19,7
Na escola	1,4	1,2	1,3
Em festas e bares	20,9	18,8	19,8
Em praças	4,5	2,0	3,2
Na casa de amigos	10,6	6,5	8,4
Na casa de familiares	1,8	1,5	1,7
Na praia	7,4	3,7	5,4
Na rua	11,2	5,7	8,3
Outros	6,0	7,9	7,0

Fonte: Pesquisa direta.  
Resposta múltipla.

**Tabela 104**  
**Frequência do consumo semanal, segundo o sexo – Fortaleza –**  
**março/2017**

Especificação	Sexo (%)		TOTAL (%)
	Masculino	Feminino	
Uma vez	59,4	71,7	65,0
De duas a três vezes	14,0	9,7	12,0
De quatro a seis vezes	4,7	1,9	3,4
Sete e mais vezes	17,2	10,8	14,3
Ns/Nr	4,7	5,9	5,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Nota: Somente para quem consome algum tipo de substância psicoativas.

Na tabela 105 observa-se os dados em relação às substâncias psicoativas, cujo uso os jovens já tenham pensado em descontinuar. Um dado importante é que 26,9% dos homens e 29,4% das mulheres não pensam em parar o consumo e essa tal observação precisa ser levada em consideração no momento da elaboração de políticas de atendimento, acolhimento e acompanhamento desses jovens e o investimento em políticas, por exemplo, de redução de danos.

Dentre aqueles que apontaram já ter pensado em descontinuar o uso de substâncias psicoativas, aparecem de forma majoritária o álcool com 46,2%, seguida pelo cigarro comum com 21,7% e pela maconha com 19,0%.

Ao pensar em descontinuar o uso de substâncias psicoativas, os jovens afirmaram não ter contado com ajuda de ninguém (21,7%), tendo tentado abandonar esse uso sozinhos (61,7%) - (Tabela 106). Apenas uma pequena porcentagem de jovens afirmou ter contado com a ajuda de familiares (13,9%), amigos (3,9%) entre outras instituições com números pouco expressivos.

Esse dado aponta para uma problemática percebida em relação ao acesso dos jovens às políticas, aos programas e aos projetos que visem à prevenção, ao tratamento e à reabilitação de usuários de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. Está claro que o foco apenas na questão repressiva e na busca de “eliminar” as substâncias apenas cria um abismo entre os usuários e as políticas públicas a eles destinadas.

O aspecto da prevenção e o viés educativo precisam ser ampliados e materializados com informações claras, precisas, objetivas e não repressivas, pois os jovens apontam como principal motivo para o não uso de substâncias psicoativas a vontade própria, ou seja, 64,2% dos jovens - (Tabela 107) afirmaram não ter feito uso de substâncias psicoativas devido a sua falta de vontade em experimentar, em detrimento de outros motivos pouco citados. A decisão pelo uso ou não de substâncias psicoativas aparece aqui, de forma majoritária, como algo individual e que diz respeito unicamente ao jovem.

**Tabela 105**

**Substâncias que o jovem usuário já pensou em parar de consumir, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		TOTAL
	Masculino	Feminino	
Não pretende parar	26,9	29,4	28,0
Álcool	45,4	47,2	46,2
Maconha	22,8	14,6	19,0
Cigarro	21,7	21,8	21,7
Solventes	1,4	2,2	1,7
Cocaína	10,4	4,0	7,5
Crack	2,7	0,5	1,7
Ecstasy	1,4	0,3	0,9
Remédio para emagrecer	0,9	2,7	1,7
Anabolizante	0,5	0,8	0,6
LSD	1,6	1,3	1,5
Remédio (“aranha”, “rita”, “ripnol”, “rocha”)	4,1	2,2	3,2
Chá (zabumba, ayahuasca, cogumelos)	0,5	0,0	0,2
Ns/Nr	4,5	5,7	5,0

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

**Tabela 106**

**Pessoas que ajudaram o jovem, quando quis parar de usar drogas, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		TOTAL
	Masculino	Feminino	
Ninguém o ajudou	19,5	24,2	21,7
Tentou sozinho	57,9	66,1	61,7
Amigos	5,1	2,4	3,9
Familiares	19,9	6,9	13,9
Médicos	1,0	0,0	0,6
Terapeutas	0,0	0,0	0,0
Alguém da igreja	1,7	1,6	1,7
Alguém da escola	0,0	0,0	0,0
Alguém de ONGs	0,7	0,0	0,4
Outros	3,7	4,0	3,9

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

**Tabela 107**

**Motivo pelo qual o jovem não experimentou alguma droga, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		TOTAL
	Masculino	Feminino	
Não teve vontade de experimentar	61,8	66,0	64,2
Teve medo em desenvolver alguma dependência	11,8	8,0	9,7
Teve familiares com problemas de dependência química	4,2	4,2	4,2
A religião não aceitaria	3,6	3,6	3,6
Não quis decepcionar os pais	7,1	3,6	5,1
Faz mal a saúde	7,1	7,4	7,3
Prejudicaria as atividades cotidianas	1,3	1,2	1,2
Não aprecia o gosto e a sensação	1,5	2,2	1,9
Outros	1,6	3,8	2,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

### **3.9 Práticas culturais e de lazer dos jovens**

Quando se compreende a juventude como um grupo homogêneo e uniforme, geralmente essa definição está associada ao tempo livre e de lazer, assim como a uma compreensão de que o tempo da juventude é um tempo de fruição de prazeres, divertimentos, despreocupações e compromissos; um tempo distante da experiência vivida pelo mundo dos adultos, que é o tempo do trabalho, da responsabilidade e das obrigações.

No entanto, nos tempos livres e de lazer, os jovens podem construir suas expressões e práticas culturais, ritos, simbologias e modos de viver. Os jovens elaboram subjetividades coletivas em torno de expressões e identidades culturais, que muitas vezes, são designadas pelo senso comum como de formatos superficiais, supérfluos e marginais, representados pelas culturas juvenis dos grafiteiros, pichadores, “maconheiros”, “favelados”, músicos, regueiros, forrozeiros, exemplos de algumas classificações estigmatizadas atribuídas a esses grupos.

As culturas juvenis são expressões das sintonias do tempo em que vivem, pois acompanham não só o que é produzido por eles, como também, o

que é comercializado pelas grandes indústrias culturais e pelo conjunto dos meios de comunicação de massa. Sendo assim, quando indagados sobre as suas preferências musicais, os jovens dessa pesquisa disseram que seus estilos musicais prediletos são: 25,3% forró, 18,1% gospel e 11,8% funk. Já os estilos menos apontados por eles são: 0,4% axé, 0,8% samba e 1,5% música eletrônica, como aponta a tabela abaixo:

**Tabela 108**  
**Estilo musical predileto do jovem, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		TOTAL
	Masculino	Feminino	
Rock	12,1	5,4	8,6
Funk	14,0	9,8	11,8
Reggae	8,0	4,1	5,9
Pagode	5,4	5,8	5,6
Forró	20,4	29,6	25,3
Samba	0,9	0,6	0,8
Axé	0,1	0,7	0,4
Sertanejo	6,6	11,3	9,1
Rap	6,6	1,3	3,8
Gospel	13,5	22,2	18,1
Pop	2,2	2,4	2,3
MPB	2,3	1,1	1,7
Eletrônica	2,1	0,9	1,5
Outros	4,0	3,5	3,5
Ns/Nr	1,8	1,3	1,6
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta.

Vale destacar que o forró é uma expressão cultural tipicamente nordestina, apesar do alcance nacional, o que pode ser interpretado como um dos motivos de ter sido apontado como o estilo mais recorrente na preferência dos jovens, além é claro, da expansiva comercialização midiática desse estilo musical.

Já o estilo gospel também pode estar associado ao grande apelo comercial (representado por diversos canais de televisão, rádios, eventos musicais e sites na internet que publicitam esse estilo), bem como, a

identificação dos jovens com a referida doutrina religiosa em ascendência no país.

O funk representa em suas letras o estilo e as narrativas das experiências juvenis, e também pode ser tomado como uma música que propicia uma brincadeira (ou um jogo) através da disputa de produção de rimas, assim como o hip-hop. No entanto, recorrentemente, o funk é estigmatizado como um ritmo que expressa unicamente narrativas sobre crimes e ilegalidades.

Sobre os espaços de lazer na cidade de Fortaleza, os jovens entrevistados disseram que costumam frequentar praia (73,6%), shopping center (72,4%), a Beira-Mar (43,6%), cinema (43,4%) e praças e parques (37,6%) da cidade. Na pesquisa *Retratos da Fortaleza Jovem*, de 2006, as lanchonetes e bares (28%), praia ou clube (21,6%) parques e praças (20,6%), *lan house* (18,8%) e *shopping center* (16,7%) foram apontados como lugares os quais os jovens entrevistados sempre frequentaram como atividades de lazer. Na pesquisa de 2017, observa-se mudança nas preferências juvenis. Vale destacar que nos últimos anos, ocorreu um crescimento do número de *shopping centers* na cidade, bem como, novas formas de ocupação das praias localizadas na Avenida Beira-Mar. A tabela abaixo aponta as mudanças relativas as preferências juvenis:

**Tabela 109**

**Espaços de lazer em Fortaleza que o jovem costuma frequentar, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		TOTAL
	Masculino	Feminino	
<i>Shopping center</i>	68,8	75,5	72,4
Beira-mar	43,7	43,6	43,6
Parques e praças	37,5	37,7	37,6
Praia	71,8	75,1	73,6
Shows musicais pagos	23,9	17,7	20,6
Shows musicais gratuitos	18,1	14,7	16,3
Cinema	41,9	44,6	43,4
Teatro	7,6	8,9	8,3
Bibliotecas públicas	4,5	3,6	4,0

Continua...

...continuação

Especificação	Sexo		TOTAL
	Masculino	Feminino	
Campos de futebol	33,7	10,4	21,4
Estádio de futebol	24,8	10,0	17,0
Bares	17,5	12,2	14,7
Danceterias	5,2	5,6	5,4
Outros	1,7	2,1	2,2
Ns/Nr	0,3	0,9	0,7

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Quanto às atividades de lazer que os jovens gostam de fazer nas horas livres, namorar (93,3%), assistir TV (92,7%), navegar na internet (92,2%), encontrar os amigos (91,7%) e ir à praia (91,1%) foram os mais apontados por eles.

Portanto, formas de sociabilidades que pressupõem o coletivo, as interações entre pares, a troca de experiência, mesmo sendo o acesso à internet e a TV práticas que estão aparentemente associadas a alguma forma de lazer solitário, nesses canais de informação os jovens também estão se comunicando. A tabela a seguir destaca as opções citadas pelos entrevistados:

**Tabela 110**

**Atividades de lazer que o jovem gosta de fazer nas horas livres, segundo o sexo  
– Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino (%)			Feminino (%)			Total (%)		
	Não gosto	Gosto	Ns/Nr	Não gosto	Gosto	Ns/Nr	Não gosto	Gosto	Ns/Nr
Navegar na internet	7,0	92,8	0,2	8,1	91,7	0,2	7,6	92,2	0,2
Praticar esportes	23,1	76,8	0,1	59,8	39,8	0,4	42,6	57,2	0,2
Ir ao cinema	30,5	69,2	0,3	26,5	73,2	0,3	28,4	71,3	0,3
Ir a bares e danceterias	62,4	37,0	0,6	66,4	33,0	0,6	64,5	34,9	0,6
Tocar instrumento musical	75,3	24,1	0,6	90,2	9,5	0,3	83,2	16,4	0,4
Assistir TV	7,7	92,0	0,3	6,4	93,2	0,4	7,0	92,7	0,3
Ler livros	52,9	46,7	0,4	50,4	49,4	0,2	51,6	48,1	0,3
Ir à praia	8,3	91,5	0,2	9,0	90,8	0,2	8,7	91,1	0,2
Ir ao shopping center	14,2	85,7	0,1	12,1	87,4	0,5	13,1	86,6	0,3
Namorar	5,8	93,9	0,3	6,9	92,8	0,3	6,4	93,3	0,3
Encontrar os amigos	5,9	93,8	0,3	9,6	89,9	0,5	7,9	91,7	0,4
Jogar futebol	27,5	71,9	0,6	83,7	15,2	1,1	57,3	41,9	0,8

Continua...

...continuação

Especificação	Masculino (%)			Feminino (%)			Total (%)		
	Não gosto	Gosto	Ns/Nr	Não gosto	Gosto	Ns/Nr	Não gosto	Gosto	Ns/Nr
Ir ao estádio de futebol	49,5	49,7	0,8	78,1	21,3	0,6	64,7	34,6	0,7
Passear na Beira-Mar	30,5	68,7	0,8	29,6	69,7	0,7	30,0	69,2	0,8
Ir a shows musicais pagos	50,5	49,0	0,5	53,3	46,1	0,6	52,0	47,4	0,6
Ir a shows musicais gratuitos	52,2	46,9	0,9	56,5	42,8	0,7	54,5	44,7	0,8
Ir ou praticar culto/atividade religiosa	33,8	65,5	0,7	27,8	71,5	0,7	30,6	68,7	0,7

Fonte: Pesquisa direta.

Sobre a frequência das atividades de lazer:

**Tabela 111**

**Frequência com que os jovens praticam atividades de lazer, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino (%)				Feminino (%)				Total (%)			
	Muito	Pouca	Eventualmente	Ns/Nr	Muito	Pouca	Eventualmente	Ns/Nr	Muito	Pouca	Eventualmente	Ns/Nr
Navegar na internet	75,0	16,9	7,5	0,6	73,6	16,9	7,9	1,6	74,3	16,9	7,7	1,1
Praticar esportes	60,4	22,1	16,1	1,4	33,2	31,6	32,4	2,8	50,3	25,6	22,1	2,0
Ir ao cinema	26,6	33,7	38,5	1,2	34,3	28,3	35,3	2,1	30,8	30,8	36,8	1,6
Ir a bares e danceterias	28,2	29,8	40,2	1,8	35,4	23,2	39,6	1,8	31,8	26,5	39,9	1,8
Tocar instrumento musical	39,7	29,9	27,6	2,8	32,3	37,5	27,1	3,1	37,4	32,3	27,4	2,9
Assistir TV	59,6	29,0	10,3	1,1	61,3	27,4	10,1	1,2	60,5	28,1	10,2	1,2
Ler livros	36,5	35,3	27,5	0,7	43,4	34,3	21,5	0,8	40,2	34,8	24,2	0,8
Ir à praia	42,3	27,0	29,5	1,2	41,2	30,3	27,4	1,1	41,7	28,7	28,4	1,2
Ir ao shopping center	40,5	30,3	28,5	0,7	46,3	28,9	24,0	0,8	43,6	29,5	26,1	0,8
Namorar	76,8	12,5	9,3	1,4	70,1	18,2	10,9	0,8	73,3	15,5	10,1	1,1
Encontrar os amigos	67,9	17,4	13,9	0,8	60,7	22,9	15,3	1,1	64,1	20,3	14,6	1,0
Jogar futebol	63,9	17,7	17,0	1,4	33,3	32,1	30,8	3,8	57,7	20,6	19,8	1,9
Ir ao estádio de futebol	35,5	26,5	36,4	1,6	24,8	29,4	44,4	1,4	32,0	27,5	39,0	1,5
Passear na Beira-Mar	34,9	26,2	37,2	1,7	33,6	26,2	38,6	1,6	34,2	26,2	37,9	1,7
Ir a shows musicais pagos	30,3	26,8	41,3	1,6	33,3	23,7	41,0	2,0	31,9	25,2	41,1	1,8
Ir a shows musicais gratuitos	33,8	26,6	37,0	2,6	40,2	21,4	37,2	1,2	37,1	24,0	37,1	1,8
Ir ou praticar culto/atividade religiosa	41,9	27,7	28,8	1,6	46,8	24,3	27,9	1,0	44,6	25,8	28,3	1,3

Fonte: Pesquisa direta.

Nota. Somente para aqueles que responderam que gostam, na tabela anterior.

Quando indagados sobre quais equipamentos de lazer e cultura da Cidade de Fortaleza que os jovens conhecem, os mais citados foram: Praça do

Ferreira (94%), Praça José de Alencar (89,7%), Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (80,4%), Parque do Cocó (69,7%) e Teatro José de Alencar (68,8%).

Na pesquisa realizada em 2006, a Praça do Ferreira (95,1%) e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (77,4%) também foram ressaltados nas preferências juvenis. Nota-se o destaque dado aos equipamentos públicos localizados no Centro da cidade e na Regional II, a "área nobre" de Fortaleza, o que demonstra como não há uma descentralização dos equipamentos que poderiam estar localizados em diferentes regiões da cidade.

Os jovens conhecem os equipamentos mais importantes da cidade, que devem tornar-se cada vez mais atraentes e interessantes para sua apropriação definitiva. A tabela a seguir lista os equipamentos citados pelos jovens entrevistados:

**Tabela 112**  
**Equipamentos de lazer e cultura que o jovem conhece – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino (%)				Feminino (%)				Total (%)			
	Conheço	Não conheço, mas já ouvi falar	Nunca ouvi falar	Ns/Nr	Conheço	Não conheço, mas já ouvi falar	Nunca ouvi falar	Ns/Nr	Conheço	Não conheço, mas já ouvi falar	Nunca ouvi falar	Ns/Nr
Centro Dragão de Mar de Arte e Cultura	81,5	17,8	0,6	0,1	79,4	19,8	0,6	0,2	80,4	18,8	0,6	0,2
Museu do Ceará	39,5	47,8	12,5	0,2	35,1	48,8	15,7	0,4	37,2	48,3	14,2	0,3
Museu do Maracatu Cearense	9,8	38,6	51,0	0,6	8,2	40,1	50,9	0,8	9,0	39,4	51,0	0,6
Teatro José de Alencar	68,0	30,5	1,4	0,1	69,5	28,8	1,5	0,2	68,8	29,6	1,5	0,1
Teatro São José	30,0	45,3	23,9	0,8	28,5	47,7	22,7	1,1	29,2	46,6	23,3	0,9
Teatro Celina Queiroz Unifor	23,8	46,3	29,7	0,2	21,7	50,0	28,1	0,2	22,7	48,3	28,8	0,2
Centro Cultural Banco do Nordeste	21,7	47,8	30,4	0,1	16,4	46,7	36,5	0,4	18,9	47,2	33,6	0,3
Centro Cultural do Bom Jardim	15,0	31,2	53,1	0,7	10,6	29,6	59,3	0,5	12,6	30,3	56,4	0,7
Parque do Cocó	72,9	24,6	2,2	0,3	66,8	30,2	2,6	0,4	69,7	27,6	2,4	0,3
Estádio Castelão	79,7	19,2	0,5	0,6	62,4	36,1	0,7	0,8	70,5	28,1	0,6	0,8
Praça do Ferreira	93,6	5,7	0,5	0,2	94,4	4,9	0,5	0,2	94,0	5,3	0,5	0,2
Praça José de Alencar	90,4	7,4	1,8	0,4	89,1	7,8	2,8	0,3	89,7	7,6	2,3	0,4
Casa Amarela Eusélio Oliveira	12,1	38,5	49,0	0,4	10,2	37,9	51,1	0,8	11,1	38,2	50,1	0,6
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC)	13,3	41,5	44,7	0,5	9,9	38,5	51,0	0,6	11,5	39,9	48,0	0,6

Continua...

...continuação

Especificação	Masculino (%)				Feminino (%)				Total (%)			
	Conheço	Não conheço, mas já ouvi falar	Nunca ouvi falar	Ns/Nr	Conheço	Não conheço, mas já ouvi falar	Nunca ouvi falar	Ns/Nr	Conheço	Não conheço, mas já ouvi falar	Nunca ouvi falar	Ns/Nr
Espaço Cultural Unifor	27,0	40,0	33,0	0,0	22,2	42,2	35,2	0,4	24,5	41,2	34,2	0,1
Museu Casa de José de Alencar	22,7	44,1	32,1	1,1	20,4	44,2	34,7	0,7	21,5	44,1	33,5	0,9

Fonte: Pesquisa direta.

Nas discussões realizadas pelos Grupos Focais, os jovens apontaram a importância de se ampliar as políticas culturais:

*“Cucas não fui, meu estagiário diz que tem aula de música lá, mas é mais esporte.” (25 a 29 – AB)*

*“Areninhas é mais para futebol.” (15 a 17 - CD)*

*“Para começar, divulgar mais os projetos da Prefeitura, só vejo no horário político.” (25 a 29 - AB)*

*“Sinto falta de um teatro, dança, incentivar.” (15 a 17 - CD)*

*Mais projetos, divulgação, mais locais. Eu me interesso por arte, teatro e essas coisas, mas vejo muito pouco.” (20 a 24 - CD)*

*“Gostaria que terminasse o Aquário daqui, acho que eu tinha 15 anos quando começou.” (20 a 24 - CD)*

*“Falta mais área pra bicicleta, só fazem lazer para as elites, não fazem pra periferia. Um clube bom, pra você se divertir, com quadra de vôlei, piscina, segurança, que seja um local mais central e não tão elitizado.” (20 a 24 - CD)*

*“Está faltando respeito à cultura, para os jovens se interessarem.” (20 a 24 - AB)*

Mesmo alegando que não existem motivos que impeçam os jovens de fazer atividades de lazer, afirmados por 69,5% dos jovens do sexo masculino e 60,3% do sexo feminino, o que pode impossibilitar ou foram apontados como desafios são:

**Tabela 113**  
**Motivo razão/razão que impede o jovem de fazer atividade de lazer –**  
**Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		TOTAL
	Masculino	Feminino	
Falta de dinheiro	39,4	43,4	41,8
Mobilidade / transporte	11,0	11,9	11,5
Insegurança e violência	25,4	28,7	27,3
Falta de oportunidades	12,1	6,7	8,9
Falta de interesse	7,6	6,2	6,8
Proibição dos pais	4,2	4,4	4,3
Falta de tempo	9,8	7,5	8,4
Cuidar dos filhos	0,8	8,3	5,2
Problemas de saúde	1,9	2,8	2,5
Outros	5,7	2,1	3,5
Ns/Nr	4,2	2,6	3,2
Total	264	387	651

Fonte: Pesquisa direta.

Portanto, três questões que estão diretamente associadas: falta de dinheiro (41,8%), insegurança e violência (27,3%) e mobilidade/transporte (11,5%). Signos apontados pelos jovens que dificultam as formas de acessibilidade e conhecimento sobre os equipamentos culturais e de lazer da Cidade.

Sabe-se que uma das principais estratégias de combate à violência são a ampliação e criação de políticas de cultura e lazer, assim como de educação, trabalho e renda e segurança. No entanto, essas políticas devem considerar a diversidade e a multiplicidade de estilos, se desterritorializando exclusivamente dos lugares privilegiados das elites econômicas da cidade, e alcançando o maior número de espaços geográficos e culturais. Devem ser usadas, não só para o entretenimento, mas também, como formas de geração de trabalho e renda para os jovens de Fortaleza.

Optamos por utilizar uma junção dos conceitos de cultura e de lazer nessa pesquisa. Mesmo reconhecendo que são terminologias diferentes, pois consideramos a importância de associá-los e não de fundi-los num mesmo significado quando pensamos políticas públicas para a população juvenil. Para

Dumazedier<sup>10</sup> (1979), o importante é não segmentar nem a ideia de lazer, e nem tampouco a de cultura, devendo ser a relação entre esses conceitos (e por que não, as políticas de lazer e de cultura) definida pela totalidade das tradições, técnicas e instituições derivadas de um sistema histórico, parte integrante e indissociável do saber partilhado por determinada comunidade. No caso específico dessa pesquisa, pelas culturas juvenis.

### **3.10 Violência e segurança pública: proteção ou repressão?**

No Brasil contemporâneo, a violência tornou-se uma expressão cotidiana. É um debate que está presente em todos os espaços sociais, pois encontra-se presente nas rodas de conversa, nas notícias de jornal, nos vídeos compartilhados da internet, em experiências vividas por nossos familiares, entre outras. César Barreira<sup>11</sup> (2013) destaca que a sensação de insegurança e o medo social no Brasil têm profunda relação com as taxas de homicídios e criminalidade, configurando uma “violência difusa”, no qual, independente de sexo, idade ou classe social, todos possam ser vítimas de alguma prática considerada violenta presentes em diversas situações sociais. O termo “difuso” para o pesquisador qualifica e fundamenta uma dimensão polifônica da violência, uma “sensação difusa de violência”, bem como “medos sociais difusos”, pois “o difuso configura claramente o incontrolável e o imponderável” (2013: p. 239).

Embora pareça maior atualmente, a violência urbana não é um fenômeno novo e sempre esteve ligada à oferta insuficiente da garantia de direitos e cumprimento de deveres de maneira igualitária. Há uma confusão ideológica que destaca a pobreza como a causa principal da violência urbana; no entanto, combinados com a infraestrutura deficitária do equipamento público, os elevados índices de violência refletem o descumprimento da garantia de direitos. Outra confusão é atribuir aos jovens o protagonismo pelas manifestações de violência. Observamos a partir, especialmente, dos elevados índices de mortalidade juvenil, que as taxas de homicídios de jovens destacam como eles são as principais vítimas de violência no Brasil.

---

<sup>10</sup> DUMAZEDIER, J. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979.

<sup>11</sup> BARREIRA. César. Violência difusa, medo e insegurança: as marcas recentes da crueldade. Revista Brasileira de Sociologia. V.1 N.1. jan/jul 2013 p. 217-242.

No caso dos jovens entrevistados para esta pesquisa, as principais situações de violência vivenciadas por eles foram: agressões verbais (47%), violência física (25,2%) e *bullying* (17,6%), como destaca a tabela abaixo:

**Tabela 114**

**Situações de violência que o jovem já sofreu – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Masculino (%)		Feminino (%)		Total (%)	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Violência física	32,4	67,6	18,8	81,2	25,2	74,8
Agressões verbais	51,3	48,7	43,1	56,9	47,0	53,0
Isolamento	11,5	88,5	8,2	91,8	9,8	90,2
Violência sexual	1,2	98,8	4,0	96,0	2,7	97,3
<i>Stalking</i>	4,2	95,8	3,8	96,2	4,0	96,0
<i>Bullying</i>	18,5	81,5	16,8	83,2	17,6	82,4
<i>Cyberbullying</i>	2,7	97,3	1,5	98,5	2,1	97,9

Fonte: Pesquisa direta.

Sobre a idade na qual foram vítimas das situações de violência, 42,7% tinham de 15 a 19 anos, 39,9% menos de 15 anos, 11% de 20 a 24 anos e 5,2% de 25 a 29 anos de idade. Observa-se como quanto menor a idade, mais vulneráveis à violência estão os jovens. No que diz respeito às agressões verbais (o tipo de violência mais destacado) 47,9% tinham de 15 a 19 anos. Com menos de 15 anos de idade, 55,1% sofreram violência sexual e 42,5% sofreram *bullying*. No entanto, a maior parte dos jovens que sofreram *cyberbullying* (39,5%) e *stalking* (42,5%) tinha de 15 a 19 anos de idade.

A faixa etária de 15 a 19 anos de idade revela um modo de viver no qual os jovens estão mais vulneráveis a algum tipo de agressão. Mesmo em situações nas quais são vítimas de situações de violência eles estão sujeitos a um modo de “viver perigosamente” (Marinho, 2009)<sup>12</sup>. Viver perigosamente significa viver de forma instável e incerta diante da limitação de expectativas morais, socioeconômicas e estruturais; ou seja, os jovens se encontram em situações de desigualdade e passam a criar estratégias de sobrevivência, como por exemplo, as suas inserções precárias nos mercados informais ou

<sup>12</sup> MARINHO. Camila Holanda. Marcas do tempo: relatos sobre a morte e o luto para jovens viúvas da violência. In: BARREIRA, Irlyz, BARREIRA César (org.). Juventude e suas múltiplas expressões plurais. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

ilegais, cursos supletivos na educação, coabitação com os pais após atingirem a maioridade, dentre outras.

Perguntados sobre pessoas próximas que morreram vítimas de violência, 56% dos jovens entrevistados responderam que já perderam uma pessoa vítima desse tipo de violência, sendo a maior parte, um(a) amigo(a), portanto, um jovem como ele(a).

Na pesquisa realizada em 2006, os números também eram elevados, pois 59,3% perderam uma pessoa próxima por assassinato, em sua maioria, amigos (42,9%), seguidos de primos (20,3%), tios (19,5%) e irmãos (6,1%). Na pesquisa de 2017, tem-se:

**Tabela 115**

**Pessoas próximas que os jovens perderam vítima de violência, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		TOTAL
	Masculino	Feminino	
Pai	1,7	2,8	2,3
Mãe	0,3	0,3	0,3
Irmão(a)	3,3	4,2	3,8
Avô(a)	0,7	0,5	0,6
Primo(a)	12,8	15,7	14,3
Tio(a)	8,0	8,0	8,0
Namorado(a)/companheiro(a)	0,3	3,6	2,1
Amigo(a)	38,2	22,8	30,1
Outros	0,9	1,7	1,4
Nenhuma	40,1	46,2	43,3
Ns/Nr	0,2	0,5	0,4

Fonte: Pesquisa direta.

Resposta múltipla.

Sobre as causas da morte dos(as) amigos(as), os jovens apontaram que 87,1% foram vítimas de homicídios, 9,2% por acidente de trânsito, 1,9% suicídio, 1,1% não sabem a causa da morte e 0,7% por um motivo diferente dos citados no questionário. Nota-se como a experiência juvenil na contemporaneidade está marcada por situações relacionadas às experiências com a morte e com o luto. Segundo dados da pesquisa realizada pelo Comitê

Cearense de Prevenção de Homicídios na Adolescência<sup>13</sup>, em 2015, os jovens assassinados tinham 17 e 18 anos de idade, eram do sexo masculino, em sua maioria, residiam com seus familiares, brincavam na infância com seus irmãos e vizinhos, namoravam, frequentavam festas juvenis no bairro e comemorações familiares. Em sua maioria, tinham abandonado a escola por desinteresse há mais de 1 ano e pararam de estudar na 5ª ou 6ª série. Eles conviviam com seus pais e suas casas eram apertadas e possuíam os eletroeletrônicos e domésticos comuns em muitas residências brasileiras. Portanto, os jovens pobres e negros assassinados em Fortaleza possuem formas de sociabilidade comuns à média dos jovens da cidade.

Por outro lado, dados dessa pesquisa revelam que 65,5% dos jovens afirmaram que nunca foram abordados de forma violenta por policiais, sendo, 80,7% meninas e 48,3% meninos. Na pesquisa de 2006, 73,3% dos jovens responderam que não sofreram violência policial. Na de 2017, os 34,2% dos jovens que já foram abordados de forma violenta por policiais, 51,3% são do sexo masculino e 19,1% do feminino. Quando indagados se já foram vítimas de assalto nas proximidades de suas casas ou em suas ruas, 62,4% disseram que não e 37,6% que sim.

Quanto ao acesso a armas de fogo, 76,7% responderam que já viram uma arma de fogo de perto, sendo 84,9% do sexo masculino e 69,5% do sexo feminino. Indagados se já seguraram uma arma de fogo, 68,2% disseram que não, sendo, 78,3% do sexo feminino e 56,8% do sexo masculino. Dos 30,8% que responderam que já seguraram uma arma de fogo, 42,6% são meninos e 20,35 meninas.

Segundo dados publicados pelo Instituto Sou da Paz<sup>14</sup>, existem cerca de 8,1 milhões de armas em circulação no País. Em 2012, 71% das mortes por agressão registradas no Brasil envolveram o uso de armas de fogo, em comparação com 40% no mundo. Portanto, mesmo vivendo em um país que proíbe o uso de armas de fogo pela população civil, muitos brasileiros

---

<sup>13</sup> GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ ; *et al* Cada vida importa. Relatório do Comitê Cearense de Prevenção de Homicídios na Adolescência. Fortaleza, 2016.

<sup>14</sup> Ver: <http://soudapaz.org/retratoviolencaarmada/>

estão armados, e dessa forma, os jovens acessam com facilidade esses artefatos.

Na opinião dos jovens entrevistados, as ações que deveriam ser realizadas para combater a violência em Fortaleza são: 53,9% investimento na educação, 48,9% no combate ao tráfico de drogas, 45,8% investimentos em projetos sociais para a juventude, 45,2% em policiamento e 39,8% em políticas de geração de renda e emprego, conforme aponta o quadro abaixo:

**Tabela 116**

**O que deveria ser feito para combater a violência em Fortaleza na opinião do jovem, segundo o sexo – Fortaleza – março/2017**

Especificação	Sexo		TOTAL
	Masculino	Feminino	
Investimento em policiamento	44,6	45,7	45,2
Investimento na educação	55,2	52,8	53,9
Investimentos em projetos sociais para juventude	48,4	43,5	45,8
Investimentos em políticas de geração de renda e emprego	40,4	39,2	39,8
Investimentos em políticas de arte e cultura	23,1	15,6	19,1
Combater o tráfico de drogas	47,0	50,6	48,9
Combater o tráfico de armas	28,2	32,4	30,4
Reduzir a idade penal	19,7	19,3	19,5
Adotar a pena de morte	13,7	12,6	13,1
Outros	0,7	0,3	0,5
Ns/Nr	0,2	0,5	0,4

Fonte: Pesquisa direta.  
Resposta múltipla.

Ao narrarem suas representações sobre os sentidos da violência, os jovens que participaram desta pesquisa destacam que muitas pessoas em Fortaleza estão vulnerável às situações de violência, essa “violência difusa”, que apesar de ser geral, possui vítimas e autores preferenciais. Para eles:

*“Aqui a gente não escapa, nem na região nobre.” (20 a 24 - AB)*

*“Meu sobrinho tem quinze anos, ele não pode sair de casa de jeito nenhum, onde ele vai a polícia vai, por causa de droga.” (20 a 24 - CD)*

*“Eu tenho um primo, acho que é traficante, não abertamente, mas é considerado.” (20 a 24 - CD)*

*“Tenho um tio preso por tráfico e outro por assédio e eles tiveram oportunidade de colégio bom” (20 a 24 - AB)*

*“Vai muito de oportunidade também. Moro na periferia onde sou cercado de todos os ladrões. É melhor ser amigo do que inimigo.” (20 a 24 - CD)*

*“Liberar arma não, hoje em dia a pessoa se estressa com tudo.” (20 a 24 - CD)*

*“Arma em casa não, é muita responsabilidade.” (25 a 29 - AB)*

*“Tem que trabalhar com as comunidades, dar mais oportunidade para estes jovens. Os políticos não ligam. Os ladrões de verdade são aqueles que usam terno.” (15 a 17 - CD)*

*“Policial não adianta, estão batendo nos jovens, tem muito preconceito também, tem que orientar os policiais.” (15 a 17 - CD)*

A violência tomada como uma representação social é produtora de significados diversos. Em alguns momentos é compreendida como uma forma de ataque, mas também pode ser compreendida como uma forma de defesa. Em um país como o Brasil, marcado por situações de desigualdade social, frágil em suas políticas de prevenção e proteção da violência, somente as ações articuladas e intersetoriais, envolvendo políticas de educação, saúde, geração de trabalho e renda, cultural, esportivas e de segurança pública – executadas de forma permanente e prioritária, ao invés de transitórias – são eficazes para a proteção da vida dos jovens. Só assim, os debates e ações no campo dos direitos humanos juvenis deixarão de ocorrer de forma polêmica, no qual o senso comum costumeiramente associa esses debates à proteção de pessoas criminosas, especialmente quando se trata das juventudes.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

A pesquisa Cartografia das Juventudes teve como objetivo conhecer, identificar e mapear a juventude de Fortaleza para compreender seu modo de pensar e agir, assim como, sua principal demanda de políticas públicas, tendo sido entrevistados 1.842 jovens moradores das sete regionais de Fortaleza, de 15 a 29 anos, em seus domicílios. Essa pesquisa, de natureza quantitativa, ocorreu durante todo o mês de abril de 2017; enquanto a pesquisa qualitativa, contando com 8 (oito) Grupos Focais, ocorreu em junho de 2017.

A pesquisa visava a fazer um amplo diagnóstico da população, em suas múltiplas dimensões: perfil socioeconômico, relações familiares, escolaridade, trabalho, meios de informação, as concepções sobre política e participação, interesses, preocupações e valores, saúde e sexualidade, cultura e lazer, violência e segurança pública e renda.

Com esse intuito, foram colhidas informações sobre esse fenômeno em pesquisas nacionais variadas sobre esse tema, bibliografia específica, objetivando construir relatórios iniciais para a pesquisa, assim como buscar aproximações metodológicas e de campo com esse público. Esses produtos foram sistematizados e enviados para o órgão responsável, sendo aprovados o seu referencial teórico e metodológico.

Esta pesquisa também tinha como objetivo colher dados atuais sobre os jovens fortalezenses e fazer uma comparação com os resultados de uma pesquisa anterior, intitulada *Retratos da Fortaleza Jovem*, realizada em 2006, pela Assessoria de Juventude do Gabinete da Prefeitura, em parceria com o Instituto da Juventude Contemporânea – IJC, financiada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID. Tinha como objetivo mapear as juventudes da cidade para subsidiar as políticas públicas que estavam sendo criadas para esse segmento.

Naquele momento, foram traçados importantes indicadores de impacto sobre a população jovem da Cidade, quais sejam: 71,2% de gravidez não planejada entre jovens; havia uma taxa de desemprego entre os jovens de

15 a 29 anos de 42,1%; 42,9% havia abandonado a escola; 77,6% não se envolvia em atividades comunitárias.

Na pesquisa Cartografia das Juventudes, o mapeamento revelou os seguintes dados, 47% são do sexo masculino e 53% do sexo feminino. Quando indagados sobre a cor ou a raça na qual se identificam, os jovens entrevistados responderam que 71,4% são pardos ou pretos e 21,8% brancos; quanto às práticas religiosas, 45,1% afirmaram ser católico, 35,6% evangélico e 16,2% disseram que não possuem uma religião, mas acreditam em Deus.

A pesquisa revelou ainda que 66,3% não estão estudando, sendo 64,2% dos jovens do sexo masculino e do feminino 68,1%. No entanto, a maior parte dos jovens chegou ao Ensino Médio, nos quais 33,7% possuem o Ensino Médio completo e 26,5% o Ensino Médio incompleto.

Os dados da pesquisa realizada com jovens de Fortaleza apontam que 66,3% não estão estudando atualmente; houve, portanto, um aumento nos últimos 10 anos. No entanto, a maior parte dos jovens chegou ao Ensino Médio, 33,7% possuem completo e 26,5% o Ensino Médio incompleto. O abandono escolar foi motivado pelo começo de um trabalho ou uma gravidez. As dificuldades das jovens mulheres em conciliar trabalho, gravidez ou estudos, têm se mostrado bastante complexas. Na pesquisa anterior, 71,2% dos jovens não planejaram a gravidez; na atual, 52% das mulheres jovens engravidaram nesse momento de suas vidas, o que revela que a gravidez acontece muito cedo para mais da metade dessas jovens.

A idade em que os jovens iniciam a vida sexual é entre 15 e 19 anos de idade, não havendo praticamente variação de acordo com o sexo. Contudo, 28,9% iniciou antes dos 15 anos, o que denota a importância do acesso às informações sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, bem como de evitar uma gravidez na adolescência. As experiências sexuais são vivenciadas cada vez mais cedo e com relativa diversidade, pois os jovens não relacionam as práticas sexuais com casamentos ou início da família, como em outros tempos.

As escolas podem ser veículo de transmissão dessas informações, bem como os projetos sociais que atendem esse grupo em Fortaleza, com oficinas, vídeos-debates, palestras etc.

Na visão desses jovens, os maiores problemas do Brasil são a corrupção política (75,8%); a desigualdade entre ricos e pobres (62,2%); o racismo e discriminação 39%; e o desemprego da juventude 23,7%. O Brasil passou em 2016 por intenso movimento político com a saída da Presidente Dilma Rousseff, mediante processo de *impeachment*, seguido de ampla condenação de políticos na operação denominada *Lava Jato*. O povo brasileiro tem acompanhado a constante deflagração de operações que investigam e prendem políticos de todos os partidos no país. Além disso, há um constante aumento do desemprego de 13,7%, acarretando um montante de 14,2 milhões de pessoas (PNAD, julho/2017).

Embora esses jovens sejam os mais bem informados de todos os tempos, devido ao rápido acesso às fontes de informação, como a internet, utilizada por eles todos os dias, eles procuram se afastar dos movimentos sociais mais tradicionais, dos partidos políticos e associações, e ficar mais próximos aos grupos religiosos, de esportes e culturais. Para eles, a mudança em suas vidas passa pela geração de empregos, o fim da corrupção e a reforma política.

Percebemos que muitas outras questões foram apontadas de grande importância, para fortalecer as políticas de atendimento à juventude de Fortaleza. É de suma importância fortalecer as redes que atendem a esse público, transformar espaços já legitimados por eles como as Areninhas, os Cucas, Primeiro Passo, e projetos voltados para educação, como Academia Enem, em espaços de multiplicação de informações, voltados para eles e feitos por eles, em seu protagonismo juvenil.

Compreender que políticas como as étnico-raciais, diante de um público que se autodeclara pardo ou preto em sua maioria, devem ser repensadas, dinamizadas para motivar o empoderamento juvenil; assim como políticas atentas aos marcadores de gênero, que possam construir novos

parâmetros para discutir a sexualidade de jovens desde os 15 anos, e até mesmo antes dessa idade.

Interessante também que possam ser investidos recursos em campanhas de conscientização sobre as ISTs, uma vez que grande parte dos jovens estão bem desatentos a essas questões, quando revelam que nem sempre usam preservativos, principal método para evitá-las.

Espera-se que essas análises possam fundamentar políticas públicas para essas juventudes de Fortaleza, atentas para as demandas principais reveladas por esse público e que possam potencializar, também, as possibilidades de crescimento e motivar essas pessoas a terem um futuro digno.

Diante de tais análises, sugerimos como recomendações para as políticas públicas para juventude de Fortaleza os seguintes pontos:

1. Articulação da rede de políticas públicas para a juventude, incluindo as Secretarias estratégicas da gestão municipal que atendem ao público de 15 a 29 anos, como: Secretarias Regionais, SETRA, SCDH, SECULTFOR, SDE, SECEL;
2. Aproximação com os movimentos de juventude criando um Fórum Permanente de Discussão em espaços descentralizados nos mais diversos bairros, sobre as questões pertinentes a essa faixa etária, a saber, questões étnico-raciais, de gênero, sexualidade, trabalho e renda, dentre outras;
3. Ampliação de projetos de fomento para geração de trabalho e renda com foco nas habilidades e interesses juvenis;
4. Despertar as juventudes para a realidade dos seus bairros, a partir de mapeamentos da história oral e da memória dos bairros, objetivando a redução da estigmatização dos seus bairros de moradia;
5. Fomentar a criação de empreendimentos da economia solidária para os jovens que já possuem habilidades criativas e

- produtivas, e que já trabalham de forma autônoma, bem como promover feiras para comercializar os produtos;
6. Construir espaços de formação política contínua nos equipamentos municipais de atendimento a juventude;
  7. Ampliação das Areninhas nos mais diversos bairros da cidade, apontadas como espaços importante de lazer;
  8. Ampliação da Rede Cuca, para aumento do atendimento desse público;
  9. Ampliação de vagas na Academia ENEM;
  10. Campanhas locais de saúde e direitos sexuais e reprodutivos, com objetivo de conscientizar os jovens para o uso de medidas protetivas e para o sexo seguro;
  11. Divulgação e distribuição de preservativos na rede de saúde pública municipal;
  12. Elaboração de material informativo sobre os riscos do uso abusivo para a saúde do jovem de drogas lícitas, como álcool e cigarro, bem como de maconha, droga ilícita;
  13. Investir em atividades de arte e cultura gratuita nos bairros, com destaque para os grupos locais;
  14. Ampliação de editais de arte e cultura voltada para os talentos dos jovens nas periferias;
  15. Formação contínua com agentes públicos com foco na redução de situações de preconceito e estigmatização, respeitando as questões interseccionais; e
  16. Formulação de políticas públicas municipais de atendimento psicossocial para jovens que tiveram um parente ou amigo assassinado.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOZÓN, Michel. Sociologia da Sexualidade. Rio de Janeiro: FGV: 2004.
- CARNEIRO, Henrique S. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. Outubro, São Paulo, v. 6, p. 115-128, 2002.
- HART, Carl. Um preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre drogas. Tradução Clóvis Marques. - 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2009. Rio de Janeiro: IBGE; 2009.
- MACÊDO, Márcia dos Santos. *Mulheres chefes de família e perspectiva de gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza*. Cadernos CH, Salvador, v.21, n.53, p.389-404, maio/ago. 2008.
- OMS. Neurociência do uso e da dependência de substâncias psicoativas. São Paulo : Roca, 2006.
- OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Família, Pobreza e Gênero: o lugar da dominação masculina**. Fortaleza: EDUECE, 2001.
- PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e Biscates. Lisboa: âmbar, 2001.
- \_\_\_\_\_. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, 2000.
- PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: editora Contexto, 2012.
- PIRES, Inácio José Bessa. **A Estatística à luz do cotidiano**. 2. ed. Fortaleza-Ceará: Universidade de Fortaleza, 2011.
- PIRES, Inácio José Bessa. **A Pesquisa Sob o Enfoque da Estatística**, Fortaleza-Ceará: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.
- PIRES, Inácio José Bessa. **Conceitos e Indicadores do Mercado de Trabalho: Uma Visão Estatística**. 1. ed. Belo Horizonte – Minas Gerais: editora RTM Ltda., 2003.
- PRATTA, E. M.; SANTOS, M. A. O Processo Saúde-Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução. Psicologia: Teoria e Pesquisa. v. 25. n. 2. Brasília: abr-jun 2009.
- TOLEDO, Geraldo e OVALLE, Ivo Izidoro. **Estatística básica**. São Paulo: 1.Ed. Atlas, 1995.
- TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. Campinas: Cadernos Pagu, n 24, jan-jun, p. 127-152, 2005.

**Complementar:**

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística:** para curso de engenharia e informática. São Paulo: Atlas, 2004.

FONSECA, Jairo Simon da. **Curso de Estatística.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

FREUND, John E.; SIMON, Gay A. **Estatística Aplicada: economia, administração e contabilidade.** 9. ed. P. Alegre: Bookman, 2000.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998. vol 2.

STEVENSON, Willian J. **Estatística aplicada à administração.** São Paulo: Harbra, 1995.